

Julio Cesar Ferreira

Jorge Lañond

Jorge Lañond

A história da primeira bicha
preta da televisão brasileira





Créditos

Coordenador do curso

Prof. Dr. Diogo de Hollanda Cavalcanti

Orientação

Prof. Dr. Fabio Cypriano

Texto

Julio Cesar Santos da Silva Ferreira

Diagramação

Julio Cesar Funck

Este livro é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)



São Paulo, 2023

JULIO CESAR FERREIRA

**JORGE
LAFFOND**

Agradecimentos

Às matriarcas da minha família, minha mãe e tias. Priscila, Angela, Maria Madalena, Kesia e Marta.

Às minhas amigas que me apoiaram nos momentos mais difíceis na produção deste material. Leticia, Helena e Karoline.

Ao meu orientador Fabio. Às minhas colegas bolsistas. Gabriela, Evelyn e Maria Luiza.

Às políticas públicas de acesso à educação superior. Aos levantes passados e futuros.

Aos meus ex-professores e instituições de ensino.

À memória. À passagem do tempo. Aos ciclos que iniciam e terminam.

A todas as circunstâncias sem fim que me fizeram chegar até aqui.

*Livros não lidos não ensinam nada
Mesmo eu, cheia de idcias, de que sirvo sem o grïto?*

A vida tá no ruído:

Mira

Faca

Coice

Choque

Fim

ÀIYÉ – Pulmão

Introdução

Jorge Laffond se tornou uma figura emblemática nascida em um contexto de adversidades, sendo uma criança pobre oriunda dos subúrbios do Rio de Janeiro. Sua infância foi marcada pela separação dos pais, o que fortaleceu seu vínculo com a mãe e moldou suas perspectivas de vida. Desde cedo, sua conexão com a arte, especialmente por meio do teatro e a dança, foram importantes no percurso. Inicialmente, seus primeiros passos na carreira artística foram com apresentações locais no Rio e, logo depois, uma turnê com o grupo de Haroldo Costa, dança afro e espetáculos de teatro do gênero revista.

Nesta biografia possível, é investigado as três facetas de uma mesma pessoa. Laffond, Verão e Lima. Com mais de 30 entrevistas feitas, desde ligações, e-mails, troca de mensagens por aplicativos e encontros presenciais, sendo 20 delas inseridas no livro, e diversos jornais pesquisados desde 1960, a vida e obra de Laffond é recuperada.

À medida que consolidava seu nome na esfera artística, Jorge Laffond assumiu papéis de destaque, incluindo sua interpretação memorável como a travesti Vera Verão no humorístico “A Praça é Nossa”. No entanto, essa consolidação artística foi acompanhada por controvérsias relacionadas à criação da personagem. Antes, foi também o primeiro gay e negro numa telenovela da TV Globo, a “Sassaricando”, e integrou o elenco de apoio de “Viva o Gordo” e “Os Trapalhões”.

Seu impacto no cenário televisivo estendeu-se ao universo do carnaval, revelando outra faceta de sua versatilidade artística, mudando regras do carnaval e confundindo a cobertura midiática. Todavia, a vida de Jorge Laffond ou Jorge Luiz de Souza Lima foi marcada por uma complexidade de controvérsias e desafios sociais. Ele expressou suas visões sobre política e religião, enfrentou preconceitos, homofobia e racismo, e foi uma figura ativa em diversas localidades, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, estabelecendo conexões profundas e frequentando uma variedade de ambientes.

Além de seu legado no entretenimento, Laffond teve incursões fora desse campo, atuando como professor, contribuindo com organizações não governamentais e até mesmo se aventurando como empresário. Sua trajetória multifacetada o tornou uma figura notável e influente no panorama cultural e social do Brasil, deixando um legado para muitos como ele: homossexuais e negros, representando a comunidade LGBTQIAP+.

Sumário

I. Abre Cortina – Jorge Luiz de Souza Lima I

2003	14
<i>Nascimento – 1952</i>	19
<i>Infância</i>	22
<i>As matriarcas</i>	26
<i>Adolescência</i>	29
<i>O bailarino-modelo-ator</i>	31
<i>Acesso à universidade, dança afro e coreógrafo</i>	37

II. Em Cena – Jorge Laffond / Vera Verão

<i>Laffond, Lafont, Lafond, Lafon</i>	52
<i>Nas telas</i>	55
<i>A Vera Verão e A Praça é Nossa</i>	67
<i>Dos palcos</i>	78
<i>Nas telas do cinema</i>	86

III. Corpo Espetáculo

<i>Das passarelas do Rio e de São Paulo</i>	98
---	-----------

IV. Desligue as câmeras – Jorge Luiz de Souza Lima II

<i>Diamantina, a mãe</i>	123
<i>Indivíduo político</i>	126
<i>Intimidades</i>	130
<i>Rio, São Paulo, vida cotidiana e a aspiração empreendedora</i>	135
<i>Antes do fim</i>	144
<i>Anexo – Revista Raça</i>	146
<i>2023 – Considerações finais</i>	155
<i>Bibliografia</i>	158



**1. ABRE CORTINA —
JORGE LUIZ DE
SOUZA LIMA I**

| 2003

Foi na madrugada de um sábado, às 1h40, no dia 11 de janeiro de 2003¹, que o Brasil perdeu Jorge Luiz de Souza Lima, conhecido como Jorge Laffond, um homem negro de pele retinta, homossexual, artista, dançarino, ator, diretor, roteirista, comediante, escritor, professor, coreógrafo, empresário, sambista, can-doblecionista, cantor, drag queen e modelo.

Popularmente conhecido como a famosa Vera Verão, a personagem do programa humorístico do SBT “A Praça é Nossa”, Jorge marcou por mais de dez anos a memória dos brasileiros com o programa que ia ao ar à noite na emissora de Silvio Santos e que, ao longo da própria trajetória, passou pela TV das casas brasileiras às quintas, sextas-feiras e aos sábados.

¹ Folha Online – Morre, aos 50, o ator Jorge Lafond, a “Vera Verão” do SBT – 11/01/2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u495825.shtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.



**Jorge como Vera Verão –
Foto: Moacyr dos Santos/SBT**

Internado em 28 de dezembro de 2002, durante 14 dias, no Hospital Sepaco, na Vila Mariana, zona sul de São Paulo, ele morreu no leito. Antes, porém, também já havia sido internado periodicamente nos últimos meses antecedentes de sua morte devido a problemas cardíacos, renais e depressivos.

Uma das internações mais lembradas foi a que ocorreu em 17 de novembro de 2002², uma semana após Jorge participar do programa “Domingo Legal”, apresentado pelo Gugu Liberato. Na ocasião, Jorge estava caracterizado como Vera Verão para participar do quadro “Homens vs. Mulheres”, ocupando o lado feminino da competição, e o padre Marcelo Rossi exigiu que ele, de Vera Verão, fosse retirado do palco com a chegada dele, pois não queria dividir o palco com um homossexual vestido daquela maneira.

A produção do SBT, tentando reverter a situação, levou Jorge para o camarim e repassou o desejo de Rossi pedindo para que ele vestisse uma “roupa de homem”; Jorge não tinha e permaneceu no camarim até o final da apresentação do padre. A produção retornou ao camarim e pediu que Vera Verão voltasse ao palco, mas Jorge, magoado com o padre e com os funcionários da emissora, foi embora abalado do estúdio. Semanas depois, sua morte ocorreu.

Após a notícia da morte, Carlos Alberto de Nóbrega, que sempre esteve à frente de “A Praça é Nossa”, exibida desde 1987 no SBT, prestou uma homenagem a Jorge ao final de um dos programas que foi ao ar no mesmo sábado: “Vai com Deus, vou sentir muita falta sua”, disse Carlos Alberto³ chorando em um dos programas mais alegres da grade do SBT.

À época, Jorge teve o corpo embalsamado e preparado em Guarulhos, em São Paulo e, logo depois, foi transferido para o Rio de Janeiro, onde ocorreu o velório horas após a sua morte,

² Folha Online – Jorge Lafond estava em depressão e com problemas renais - 11/01/2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fofha/ilustrada/ult90u29940.shtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

³ A Praça é Nossa - Homenagem a Jorge Lafond [Vera Verão] (11 01 2003). Disponível em: <<https://youtu.be/RVnOjV8WEVo?si=nXbl0E464r8VHxhx>>. Acesso em: 15 out. 2023.

na tarde de domingo, 12 de janeiro de 2003. Silvio Santos não foi, mas arcou financeiramente com tudo para o velório ocorrer⁴.

Foi naquela tarde, durante mais de três horas, que o Cemitério de Irajá, localizado na zona norte do Rio de Janeiro, recebeu mais de cinco mil pessoas⁵ para se despedir da pessoa que Jorge era. Para alguns, além da Vera Verão. O enterro, marcado inicialmente às 16h, ocorreu com mais de uma hora de atraso devido à grande multidão que chegou ao local para despedir-se do artista.

A Polícia Militar precisou pedir reforço para conter os fãs que exibiam faixas e cartazes em homenagem ao ator. “Descanse em paz, Lafon”, segurado por um rapaz negro, era um desses cartazes, que se eternizou como uma das poucas representações audiovisuais do velório nas buscas pela internet⁶.

⁴ Marcelo Padula, ex-empresário de Jorge afirmou isso em matéria do Estadão. “Êpa! Bicha, não!” – 15 anos sem Jorge Lafond, a Vera Verão. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/emails/gente/epa-bicha-nao-15-anos-sem-jorge-lafond-a-vera-verao/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

⁵ Jorge Lafond é enterrado no Rio de Janeiro | Agência Brasil. Disponível em: <<https://memoria.abc.com.br/agenciabrasil/noticia/2003-01-12/jorge-lafond-e-enterrado-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 15 out. 2023.

⁶ “Êpa! Bicha, não!” – 15 anos sem Jorge Lafond, a Vera Verão. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/emails/gente/epa-bicha-nao-15-anos-sem-jorge-lafond-a-vera-verao/>>. Acesso em: 15 out. 2023.



Velório de Jorge Laffond, em 2003 –
Foto: Reprodução/Internet

Como se não bastasse, o tumulto gerado pela quantidade de pessoas que queriam se aproximar do caixão de cor prateada resultou até em uma tampa de um dos túmulos do cemitério cedendo, fazendo com que uma mulher caísse dentro dele. Por sorte, ela saiu da vala sem ferimentos após alguns minutos. Amigos, famosos e fãs lotaram aquele sítio num domingo nublado. No dia, o “Domingo Legal” realizou uma transmissão ao vivo do enterro em busca de audiência, e conseguiu ultrapassar a TV Globo.

“Jazigo perpétuo de Jorge Laffond e família” foi escrito em sua lápide de número 58.108. Dentro do caixão, que custou cerca de US\$ 5 mil,⁷ não era só o corpo de Jorge que estava lá, mas também diversas joias avaliadas em R\$ 10 mil que foram, a pedido dele, enterradas com ele.

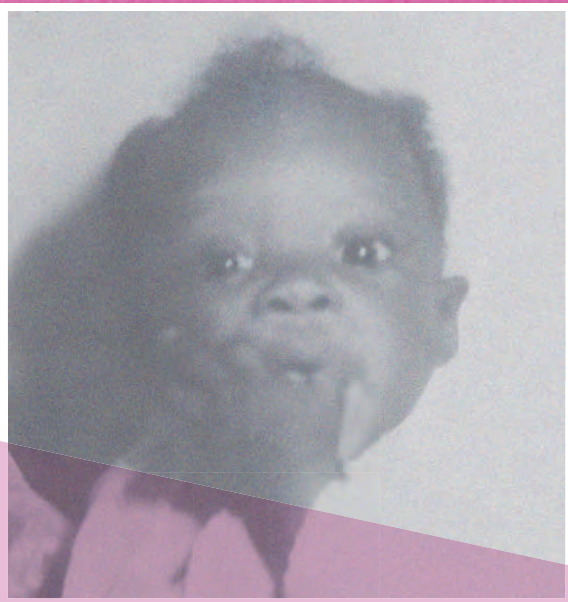
Jorge Luiz de Souza Lima, Jorge Laffond ou Vera Verão, independentemente de como seja lembrado, sua presença nas novelas, cinema, televisão, teatros e nos sambódromos do Rio e São Paulo possibilitou que sua trajetória fosse transformada em legado para outros como ele.

⁷ Cemitério se pronuncia sobre “sumiço” restos mortais de Jorge Lafond. RedeTV! – A Tarde é Sua! Disponível em: <<https://www.redetv.uol.com.br/atardeesua/videos/ultimos-programas/cemiterio-se-pronuncia-sobre-sumico-restos-mortais-de-jorge-lafond>>. Acesso em: 15 out. 2023.

| Nascimento – 1952

Foi em 29 de março de 1952, um sábado, que Jorge nasceu, uma pessoa de Áries, do elemento fogo. Natural do subúrbio de Nilópolis, Rio de Janeiro, Jorge Luiz de Souza Lima nasceu da relação da telefonista Diamantina Nogueira Lima com o bombeiro Theodoro de Souza Lima Filho, na Maternidade de Laranjeiras, como é popularmente conhecida a atual Maternidade-Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que tinha como finalidade principal à época auxiliar às gestantes e às crianças recém-nascidas das classes menos favorecidas.⁸

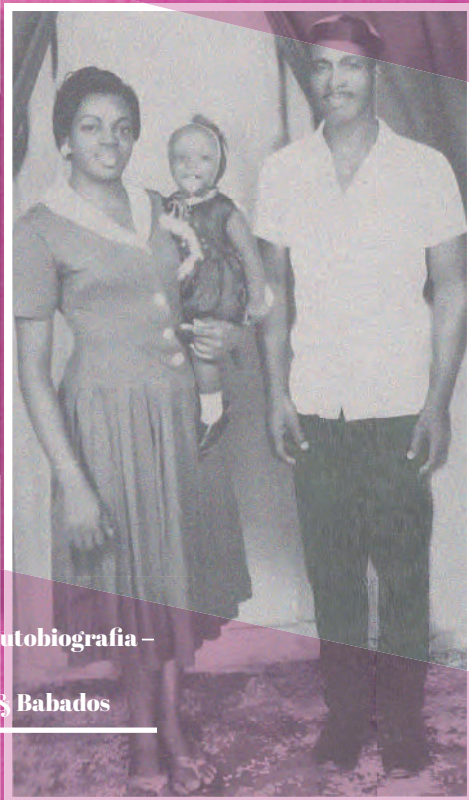
⁸ História. UFRJ. Disponível em: <<http://www.me.ufrj.br/index.php/instituicao/historia.html>>. Acesso em: 15 out. 2023.



1. Jorge aos quatro meses de vida, de acordo com autobiografia –

Foto: Vera Verão: Bofes & Babados

2. Jorge ao lado dos pais – Foto: Vera Verão: Bofes & Babados



Jorge, porém, não teve o registro de nascimento dele realizado no ano em que nasceu. O cartório só recebeu a oficialização do nascimento em 1960, nove anos depois. Nos anos 1950, era bastante comum que os nascimentos fossem registrados com atraso, sobretudo entre as famílias mais pobres e sem acesso à informação ou com problemas matrimoniais.

A lei que garante o registro aos brasileiros só foi oficializada em 1973, 22 anos depois que Jorge nasceu. O artigo 50 da lei 6.015 de 1973⁹ normatiza que o registro de todo nascimento que ocorre no Brasil deve ser realizado no lugar em que tiver ocorrido o parto ou no lugar da residência dos pais, dentro do prazo de 15 dias, que pode ser ampliado em até três meses para os lugares distantes da sede do cartório.

Entre os motivos para o sub-registro de nascimento¹⁰, nome dado ao atraso de oficialização do nascido, estão: as mães que adiam o registro de filhos que não têm o reconhecimento inicial ou espontâneo da paternidade; falta da documentação dos pais, impossibilitando a realização da documentação dos filhos; distâncias dos cartórios e o custo do deslocamento; desconhecimento da importância do registro; e a ausência de cartórios em alguns municípios. Os motivos que fizeram Jorge ter sido registrado com anos de atraso, provavelmente, foram alguns deles.

⁹ Lei 6.015 de 1973. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostra_rintegra?codteor=405803#:~:text=Art.,quil%C3%B4metros%20da%20sede%20do%20cart%C3%B3rio>. Acesso em 15 de outubro de 2023.

¹⁰ Sub-registro de Nascimento. TJRJ. Disponível em: <<https://cgj.tjrj.jus.br/sub-registro-de-nascimento>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Talão N. 172

BR RJANRIO 17.IRJP.LTN.

426 n. 48

Pag. Nº 043

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL



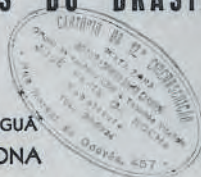
REGISTRO CIVIL

DISTRITO FEDERAL

FREGUEZIAS DE IRAJÁ E JACAREPAGUÁ

12.ª CIRCUNSCRIÇÃO DA 6.ª ZONA

NASCIMENTO (N. 97820)



DULJACY ESPIRITO SANTO CARDOSO, Oficial do Registro Civil e Tabelião vitalício da Décima Segunda Circunscrição da 6.ª Zona, Freguesias de Irajá e Jacarepaguá do Distrito Federal.

Certifica que a fls. 19V do livro n. 25140 do registro de nascimento da

Freguezia de Iraja foi feito hoje o assento de Jorge

em 09 de Março de 1960 às 07 horas e 35 minutos

em Maternidade Decolap Norte

Estado do sexo masculino, de cor parda filho

de Gramantina Nogueira Lima

e de Theodoro de Souza Lima filhos

sendo avós paternos Theodoro de Souza Lima

e Hilomena de Souza Lima

e maternos Sebastião Nogueira

e Leabra e Hilda Vieira Cabra

Foi declarante Apai

e serviram de testemunhas Wilson Daniel da Silva

e Richard Rodriguez Jotta

Observações

Fora de
16146

O referido é verdade e dou fé.

Isento de selo ex-VI
4.655 de 3-9-42

Rio de Janeiro, 09 de Julho de 19 60

O Oficial [Signature]

Registro Civil de Jorge Luiz de Souza Lima foi feito em 1960, após nove anos que nasceu – Foto: MyHeritage

| Infância

Aos 6 anos, já sabia que era diferente¹¹ dos outros meninos. Não sabia que era por ser homossexual, mas entenderia mais tarde que o desejo por homens era algo que viria com mais força ao longo dos anos. Trabalhando desde os 9 anos de idade ao lado de sua mãe, e posteriormente sozinho em uma oficina mecânica que ficava dentro de uma igreja, ele frequentava o local três vezes por semana mesmo sem entender nada de automóveis, Jorge era responsável pelos trabalhos leves, como limpeza, organização de parafusos e lixamento de áreas pequenas dos carros. Foi lá que pôde ter acesso a uma pequena remuneração para ajudar sua mãe Diamantina.

“Quando eu tinha 9 anos de idade e trabalhava numa oficina mecânica, na Avenida Camões, na Penha. Ao invés de ficar lixando os carros, eu ficava olhando por entre as coxas daqueles bofes que trabalhavam todos sem sunga. Gente, que dor de cabeça!”

LAFFOND, 1999, pág. 66.

¹¹ Jorge afirmou isso em entrevista à revista Raça, em 1999.

Na infância, Jorge frequentou, durante o ensino fundamental, a Escola Municipal João de Deus, na Penha Circular, bairro da zona norte do Rio, e também frequentava uma escola particular no mesmo bairro para aulas extras de conteúdo ensinado na escola. A professora Dinorá o marcou. À época, Dinorá cismou em bater nele com uma vara de mar-melo, comum naquele tempo. Jorge, para não apanhar, causou um alarde com uma falsa fuga da escola ainda pequeno.

“**Todos achavam que eu tinha fugido para um viaduto existente na rua Lobo Júnior. Eu estava escondido em uma casinha debaixo da escada da dona Dinorá. Quando minha mãe chegou, ficou toda apavorada, porque todos estavam me procurando nas ruas e eu, dentro do colégio. Quando dona Diamantina chegou eu levei tanta “porrada”! Fiquei uma semana de castigo no caroço de milho. Foi um terror! Como eu sofri!**”

LAFFOND, 1999 Pág. 44.



Jorge na Escola Municipal João de Deus no ensino fundamental – Foto: Vera Verão: Bofes & Babados

Foi a partir dos 10 anos que ele almejou ser um artista: na infância, sempre gostou do Chacrinha, tanto que a brincadeira favorita dele era imitar o programa “Discoteca do Chacrinha” com as crianças da vizinhança montando um corpo de júris e dançarinos com direito a figurinos. Do programa ele ganhou um ídolo que o inspiraria a seguir uma vida na arte. Por volta dos 10 anos, Jorge começou a fazer parte do corpo de alunos da Escola de Danças Clássicas do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, criada em 1927 pela bailarina russa Maria Olenewa, incentivada por Mario Nunes, crítico teatral do Jornal Brasil.

Sabendo da aptidão dele, Dulcinéia, uma das tias de Jorge, também mostrou para ele e dona Diamantina, a mãe dele, um curso de teatro que estava com vagas abertas. Assim, não apenas o balé, mas também o teatro fez parte da vida de Jorge, ou Jorginho, o arteiro, como elas o chamavam.

Matriculado como aluno de Teatro no início dos anos 1960, na Academia Oyá, em Copacabana, Jorge conseguiu uma bolsa integral para frequentar as aulas. A dona da escola, era uma moça identificada como Jaci Carvalho, mas quem dava as aulas para ele foi a pianista e atriz Wilma Hart.

Wilma também dava iniciação de música clássica para as crianças por meio de um programa chamado “No Reino da Música”, realizado aos sábados na Rádio Roquette Pinto¹², do Rio. O curso ofereceria às crianças apostilas, intercâmbio e papéis para apresentação, e elas ainda poderiam assistir a gravação do programa no auditório da PRD-5 (Rádio Escola Municipal), que fazia parte da Roquette Pinto e virou posteriormente uma rádio do Ministério da Educação (MEC).

¹² Correio da Manhã. 9 de abril de 1960. Pág. 19. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=vilma%20hart&pagfis=3693>. Acesso em: 15 out. 2023.

“**Eu sempre tive este dom para as artes. O carnaval, o teatro, eu herdei de minha falecida tia Dulcinéia. [...] Se comecei a fazer teatro foi pela mão da Dulcinéia que insistia muito para que eu fosse artista.**”

LAFFOND, 1999 Pág. 66.

Porém, como nem tudo eram flores, a realidade de uma sociedade preconceituosa e desigual passaria a atingir a vida de Jorge. As dificuldades financeiras, sociais e familiares já eram presentes na vida dele com 9 anos, mas enquanto crescia, foi notando que outras violências poderiam atravessá-lo por conta da etnia e sexualidade.

Jorge sempre brincou com os meninos¹³. Até preferia, pois assim ficava perto deles. As brincadeiras de meninas, como vestir bonecas, fingir ser enfermeira e cuidar de casa, nunca o interessaram. Para ele, soltar pipa e esconde-esconde era o que fazia para estar do lado dos garotos.

Por volta de 11 anos, ele se recorda de uma situação de abuso que passou com dois outros meninos mais velhos que ele: Paulo e Sirlei. À época, eles brincavam de esconde-esconde na vizinhança e Jorge, que estava no escuro se escondendo próximo de um muro da rua, foi surpreendido pelos meninos que encurralaram ele e começaram a puxar o corpo dele de um lado para o outro. Nada de grave ocorreu, mas Jorge contou em entrevista à Marília Gabriela¹⁴, em 1999, que essa situação o marcou a nível de agressão, tanto física quanto psicológica. E quase a ponto de ser sexual.

¹³ Jorge compartilhou isso na autobiografia Vera Verão: Bofes & Babados, em 1999.

¹⁴ De Frente com Gabi - Jorge Lafond (04/07/1999) | SBT Vídeos. Disponível em: <https://youtu.be/el_3mr9E1Bo?si=gT6z2ZYat2H_UdMw>. Acesso em: 15 out. 2023.

| As matriarcas

Irajá, Nilópolis, Cordovil e Vila da Penha foram alguns dos locais que Jorge morou ao longo da infância e adolescência. Criado em uma família matriarcal, sua mãe e tias tiveram enorme importância na construção da trajetória dele¹⁵. Com o pai abandonando-o ainda pequeno, se separando da mãe quando ele tinha por volta de 9 anos, Jorge precisou ajudar a mãe Diamantina, que trabalhava em diversas áreas para ter dinheiro no final do mês. De telefonista de hospital, bilheteira de parque de diversão a vendedora de sorvete, Jorge, sempre que podia, acompanhava ela.

“A minha família sempre foi muito corajosa por parte das mulheres. Nenhuma delas ficaram casadas. Elas se casaram, todas com “papel passado”. Tudo bonitinho, porque a minha avó, a falecida Hilda, não era fácil. Mas, os casamentos não se conservaram por muito tempo, porque cada vez que um dos maridos levantava a mão para uma das mulheres, era um horror. A tia Dulcineia “deu um safanão” no marido, que foi uma loucura. A minha mãe “meteu” a panela de pressão na cabeça do meu pai! Com a tia Diva foi a mesma coisa. (Eu não me lembro qual foi a situação). A tia Dalva, nunca chegou a se casar, ela era considerada a solteirona da família, mas também tinha os “arranca-rabos” com os namorados.”

LAFFOND, 1999 Pág. 23.

¹⁵ Jorge compartilhou isso na autobiografia Vera Verão: Bofes & Babados, em 1999.

Ele era extremamente apegado à mãe, visto que foi com ela que precisou viver durante grande parte da vida. As tias dele, Dalva Nogueira Seabra, Diva Nogueira da Silva e Dulcinéia Nogueira Ramos também tiveram papel importante na construção de sua história.

Sua mãe Diamantina passou grande parte da vida sendo telefonista da Maternidade de Laranjeiras, onde deu à luz Jorge. Mas, após se separar do pai, precisou adotar outros meios de ganhar dinheiro. Agora sozinha, ela não tinha mais o apoio financeiro do ex-marido Theodoro, que era um bombeiro hidráulico. Quando estavam casados, as famílias eram unidas e o casal tinha estabilidade financeira. Com o fim da relação, ela ficou sem apoio.

Segundo Jorge, a separação ocorreu¹⁶ porque Diamantina não tinha mais paciência com as farras e aventuras de Theodoro, que gastava o dinheiro que ganhava com mulheres e bebidas, acompanhado do irmão, identificado apenas como tio Bento.

A mãe de Jorge tomou a decisão de sair daquela relação que não adicionava mais nada na vida dela; apenas dor de cabeça. Em determinado dia, ela saiu para trabalhar sem falar nada, e quando Theodoro retornou do trabalho, ele não encontrou nem ela e nem Jorge. Eles haviam se mudado para o bairro Cordovil para se instalarem em um barraco na rua Coronel Camisão.

A Penha Circular, bairro que faz limite com a Vila da Penha, onde moravam todos juntos, o pai, a mãe e Jorge, na rua Delfina Enes, foi deixado para trás, e agora a realidade de uma mulher negra e mãe solo bateria na porta. Mesmo que Diamantina fosse a mais atingida, Jorge também sentiria as consequências disso na vida dele.

“ Ali levamos a nossa vida durante um bom tempo, até mamãe reerguer-se novamente. Ela trabalhava na Maternidade-Escola, onde era telefonista, e eu fui levando, formando-me, adquirindo coisas. Ela conseguiu criar-me e eu a ela, numa boa. Mas foi com muito sacrifício, muita dor. ”

LAFFOND, 1999 Pág. 18.

¹⁶ Jorge compartilhou isso na autobiografia Vera Verão: Bofes & Babados, em 1999.

Foi a partir desse ponto que sua mãe e tias desempenharam o papel de moldar o indivíduo que ele se tornaria no futuro. A tia Dulcinéia teve destaque na vida de Jorge, pois quando Diamantina ia trabalhar, era Dulcinéia quem cuidava dele. Dalva e Diva os visitavam periodicamente.

“ Minha mãe foi uma mulher de fibra. Nos auges dos anos 60, ela enfrentou essa batalha, essas coisas de mulher separada, morando sozinha, criando filho, etc. Foram, apesar de tudo, momentos superemocionantes. ”

LAFFOND, 1999 Pág. 18.

Todas elas morreram antes dele partir.

“ Eu só posso dizer o seguinte: As mulheres mais importantes da minha vida eu acabei perdendo. ”

LAFFOND, 1999 Pág. 18.



**Reunião de família no Dia das Mães – 8 de maio de 1977 –
Foto: Vera Verão: Bofes & Babados**

| Adolescência

Anos se passaram, e ele, já consciente da sua homossexualidade, passou a se dedicar aos estudos para que a orientação sexual dele não desagradasse seus pais, sobretudo a mãe. Ela nunca o menosprezou, mas ele sentia a necessidade de deixar a própria mãe orgulhosa. Foi assim que ele frequentava, ao mesmo tempo, aulas no Senai e no Senac durante o ensino médio, abandonando agora o trabalho. E até fez um curso de datilografia, comum na época.

Entre as brincadeiras de infância, estudos na juventude, a paixão pela dança e o desejo de mudar de vida, Jorge iniciou as primeiras apresentações públicas dele como bailarino no final dos anos 1960. Para ajudar em casa agora de maneira mais efetiva e ter onde mostrar o que aprendeu no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, ele dançava nas casas noturnas da cidade carioca. Um dos espetáculos que atuava como bailarino antes de ser creditado como Jorge Laffond nas produções, era o “Brazilian Follies”, que fez temporada no Hotel Nacional, no Rio de Janeiro, entre os anos 1974 e 1978.

“**Existia um lugar no início dos anos 70, onde ia sempre após o término do show onde trabalhava: “Brazilian Follies”, no Hotel Nacional – que era: o “Nogueira”. Toda noite, todos da noite parávamos ali, no chamado “Beco da Fome”, no Leme. Disso eu tenho uma saudade.**”

LAFFOND, 1999 Pág. 79.

Durante a madrugada, passavam pelos bares e restaurantes do “Beco da Fome” estudantes, artistas, prostitutas, michês, policiais, figuras ilustres e gente humilde. O espaço¹⁷ começou sua fase áurea nos anos 1950, e ficava entre a avenida Princesa Isabel e a Prado Júnior.

Trabalhando em muitos cabarés ou “inferninhos”, como eram conhecidas as boates do Rio, desde a Praça Mauá até Copacabana, Jorge abria os shows na boate Flórida, boate Escandinávia, boate Barbarella e terminava a noite na boate Kiss, em Irajá.



**A clássica boate Barbarella (ainda com um “L”) –
Foto: Augusto Yunes/Agência O Globo**

¹⁷ RIO MEMÓRIAS. Beco da Fome - Rio Memórias. Rio Memórias. Disponível em: <<https://riomemorias.com.br/memoria/beco-da-fome/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

| O bailarino-modelo-ator

No início dos anos 70, Jorge entrou também no corpo de balé do grupo folclórico de Haroldo Costa, que produziu uma gama de espetáculos para exportação, entre eles, o “Royal Carnival from Brazil”, “Carnaval Real del Brasil” e o “Brasil Canta e Dança”. Entre as bailarinas que integravam a equipe, Rita Cadillac era uma delas, ícone e musa dos anos 80 e 90, a famosa ex-chacrete, que antes de entrar no programa, dançava ao lado de Jorge.

“Eu conheci o Jorge antes de fama, podemos dizer assim. Ele era bailarino da companhia de dança de Haroldo Costa junto comigo. Fiquei na companhia por quatro anos, mas quando eu saí, Jorge ainda continuou por mais algum tempo”, lembrou Rita em entrevista realizada no apartamento dela localizado no bairro Santa Cecília, centro de São Paulo. Vestida confortavelmente, ela usava uma calça jeans de lavagem clara e uma camiseta cor-de-rosa.

Rita e Jorge entraram juntos na companhia. Ela soube do teste por meio de uma amiga e foi tentar a sorte nas audições. Ela passou, e Jorge também. Como ele já dançava nas boates do Rio de Janeiro e tinha experiência anterior, foi frequentando ambientes da noite carioca que também soube do teste para integrar o balé.

Formado por uma equipe de mais de 40 pessoas, eles viajaram para a Europa, Estados Unidos e América Latina para representar o Brasil por meio da dança em um espetáculo que tinha Jorge como um dos bailarinos. Assim como Rita, Jorge também dançava os ritmos do samba, maracatu e entre outras performances folclóricas.

O espetáculo era pensado para representar o Brasil e, por isso, Rita cita que houve poucas apresentações nacionais, pois, a montagem não era de interesse nacional e tinha mais presença no exterior. Com um enredo completo, havia cantores e bailarinos dando vida à imagem do Brasil mundo afora. As exibições, porém, tinham pausas grandes entre uma apresentação e outra. Quando voltavam para o Brasil, tiravam férias de mais de dois meses.

“Viajamos muitos com o espetáculo, e lembro que Porto Rico foi um país que ficamos bastante tempo. As apresentações ocorriam principalmente em hotéis e cassinos e, às vezes, teatros. Aqui no Brasil, por exemplo, já nos apresentamos no Copacabana Palace e no Tuca, o teatro da PUC São Paulo.”

Sempre que viajavam, o elenco técnico e dançarinos ficavam em quartos separados por gênero. Homem com homem e mulher com mulher. Por isso, teve pouca conexão e momentos de intimidade com Jorge, pontua Rita, mas cita que ele sempre se destacava no ambiente, sobretudo por ser um homem negro com quase dois metros de altura.

Nos tempos livres, todo o balé saía para conhecer o país onde estavam. Jorge sempre bebia socialmente, e Rita nunca soube dele usar drogas. “Era uma pessoa extremamente profissional e poucas vezes vi ele exagerando na bebida. Além disso, sempre buscava manter a saúde e o corpo em forma.”

A companhia de Haroldo era formada por um corpo profissional bastante diverso. As pessoas negras, homossexuais e de origem periférica tinham destaque, tanto que ela e Jorge, ambos de origem humildade, são comprovações da diversidade e acesso à oportunidade que Haroldo possibilitou para muitos jovens nos anos 70 e 80.

SHOW



FOLCLORE PARA BRASILEIRO E ESTRANGEIRO

A semana tem a marca do folclore. A partir de amanhã, até domingo próximo, a Riotur promove uma série de espetáculos de Jongo, Bumba-Meu-Boi, Folia de Reis, Afoxé e outras manifestações folclóricas, em diversos teatros, dentro de um projeto intitulado Folk-Turístico. Também, amanhã, a série Seis e Meia traz uma nova dupla de astros: Moreira da Silva e Jards Macalé, que ficarão até sexta no Teatro João Caetano. Na Notada de Samba, a atração é César Costa Filho. De terça-feira a domingo, o Teatro Adolfo Bloch recebe um show brasileiro de características internacionais: Brasil Canta e Dança, com direção de Haroldo Costa e uma grande equipe de cenógrafos, figurinistas, aderecistas e coreógrafos, para mostrar a música brasileira desde as modinhas imperiais até os mais recentes sambas-enredo. Quarta-feira (até sexta), um espetáculo de pesquisa estreia na Aliança Francesa de Ipanema. Seu título é Verso In Verso, e nele o artista Flamarion, com a participação do público, faz um trabalho de sons com instrumentos musicais e materiais como a pedra e a madeira. No sábado, Alceu Valença volta a se apresentar no Rio, agora com um show intitulado Araponga-I e em companhia de Geraldo Azevedo. O local é o Ginásio da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ.

Espectáculo "Brasil Canta e Dança" sendo divulgado em 1976, no Jornal do Brasil – Foto: Hemeroteca Digital Brasileira

Seja sobre o palco ou fora dele, o balé vivia em grande harmonia, pois não tinham tempo para intrigas ou desavenças. “Nossa convivência foi sobretudo profissional”, afirmou Haroldo Costa em e-mail.

Após quatro anos na companhia, Rita saiu para ingressar no programa do Chacrinha, e Jorge continuou durante mais alguns anos ao lado de Haroldo e a equipe de bailarinos. Em entrevista à Marília Gabriela, ele afirmou que ficou quase dez anos com o grupo.

Anos se passaram e ela e Jorge viviam se reencontrando, com uma amizade e companheirismo de colegas de profissão. Jorge passou a integrar o primeiro balé do “Fantástico”, em 1973, com 21 anos, e Rita logo depois foi para o Chacrinha.

A TV Globo concedeu a Jorge Luiz de Souza Lima o primeiro trabalho na televisão brasileira. Embora ainda não fosse conhecido como Jorge Laffond ou Vera Verão, a sua presença no balé do “Fantástico”, em 1973, abriu portas para diversas aparições futuras que ele teve dentro da emissora.

Jorge efetuou, em 1976, a segunda aparição dele na TV por meio de um programa chamado “Passarela de Talentos”, da TV Rio, antigo canal 13. E no mesmo ano, a primeira oportunidade como ator na TV Globo, fazendo figuração na novela “Saramandaia”. Durante as gravações, ele ainda foi surpreendido pelo ator Tony Ramos, que não fazia parte do elenco, mas estava próximo ao local de gravação e, com isso, alimentou o Jorge no início da carreira.

“**Ele viu-me sentadinho no meio-fio, triste, e perguntou assim: “Você está com fome?” Eu respondi: “Estou morrendo de fome!” Ele falou, então: “Vem aqui, rapaz, que eu vou te pagar um sanduíche!” Ele me pagou um sanduíche com refrigerante.**”

LAFFOND, 1999. Pág. 80.

No mesmo período, ele entraria no curso superior de Educação Física, na Universidade Castelo Branco (UCB), em História e, por fim, em Teatro, em 1979, na Fefierj, antigo nome da Universidade do Rio de Janeiro (Unirio). Ele iniciou os três cursos em momentos diferentes da vida, mas afirmou em entrevista para o Estadão, em 1995, ter concluído só o curso de História. A instituição, entretanto, ele nunca disse qual era.

Já em 1978, teve uma participação na telenovela educativa “Conquista”, da TVE. Para ele, esse foi de fato o primeiro trabalho relevante na televisão, como afirmou em autobiografia. A produção usava a linguagem da dramaturgia e conteúdo educacional para atingir as massas.

“Fui levado pela mão do Jacy Campos. [...] “Curti de Montão”, o Jacy foi a pessoa que me deu minha primeira oportunidade.”

LAFFOND, 1999. Pág. 79.

Entre os anos 1977 e 1979, ele também entrou em um curso de passarela para virar modelo e aprender a andar de salto alto. Naquele ano, teve como professora a manequim Nixon, modelo famosa entre os anos 70 e 80 no país. A Nixon, nome artístico de Nadir Maria Tolentino Dória, era uma modelo negra que desfilou para estilistas nacionais e internacionais, como Clodovil e Pierre Cardin.

“As pessoas me perguntam como é que eu consigo me equilibrar em cima de um salto alto. Eu explico: a minha formação de manequim foi feita com a Nixon. E, a minha turma, era uma só de mulheres, porque a Nixon não dava aula para homens. Eu virei para ela e falei: “Olha, eu quero fazer aula com a senhora!” Ela respondeu: “Meu filho, eu estou

formando somente mulheres!”. Eu disse assim: “Não faz mal! Me deixa fazer a aula!” E, então, ela deixou que eu fizesse as aulas. Quando cheguei na sexta-feira, era aula de andamento. Nessa aula de andamento você tinha de ter um salto alto. Eu pensei: “Meu Deus, e agora?” Eu havia ganhado um sapato alto da Marlene Casanova, e fui fazer aula. Assim eu aprendi andar de salto alto [...] Graças a Nixon, e graças ao sapato que a Marlene Casanova me presenteou. ”

LAFFOND, 1999. Pág. 75.

Marlene Casanova foi ícone travesti dos anos 70 e 90, devido aos teatros de revista. O Teatro Alaska¹⁸, no Rio de Janeiro, foi palco de grandes produções do gênero. Jorge recebeu influência e ajuda de travestis históricas do teatro brasileiro como Rogéria, que também trabalhou com Haroldo Costa, Jane Di Castro, Eloína dos Leopardos e Marlene Casanova. Transformistas, antes do surgimento do termo drag queen, e travestis, que cantavam, dançavam e atuavam sobre os palcos nacionais e internacionais, estiveram presente na trajetória dele, seja de maneira próxima devido à bolha artística daquela época ou apenas servindo de inspiração.



Jorge Laffond e Rogéria, a travesti que teve enorme importância no teatro brasileiro – Foto: Vera Verão: Bofes & Babados

¹⁸ Marlene Casanova – A Lendária da Alaska. Disponível em: <<https://marccelus.com/marlene-casanova-a-lendaria-da-alaska/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Acesso à universidade, dança afro e coreógrafo

Em 1979, passou a frequentar a Unirio para cursar Teatro. Lá, pôde estreitar laços com algumas alunas, como a Lindaura Anselmo, que hoje gosta de usar apenas o nome Linda, e Rosane Alves, colegas de curso.

Após entrar em Teatro, Jorge abandonou também o cabelo afro, ato que se tornou parte da personalidade imagética dele: um homem negro de 1,93 metros de altura e careca.

“Viramos amigos porque nós dois éramos loucos”, recorda Linda em entrevista on-line. Ela afirma que a faculdade de Teatro era bastante pequena e, por isso, era fácil fazer amigos. “Mesmo que no início não conversávamos, era impossível não notar ele, pois sempre passava pelos corredores fazendo caras e bocas e usando roupas diferentes.”

Linda e Jorge ousavam nas vestimentas, tanto que Pernambuco de Oliveira, o chefe do Departamento de Cenografia do Centro de Letras e Artes (CLA) naquele tempo, sempre dizia para eles que ambos não se vestiam, mas “se travestiam”.

Os dois viraram amigos rapidamente. “A gente se conheceu nos corredores e depois tivemos várias aventuras. Lembro dele me arrastando para a dança afro. E eu falava assim ‘eu não sei nada de afro’, e mesmo assim ele me arrastava para as aulas”, expõe com um sorriso no rosto. Jorge e Linda aprenderam afro jazz e outras danças afro-brasileiras.

Naquele período, para entrar no curso do Conservatório Nacional de Teatro, era preciso passar por uma banca de pré-seleção antes de poder se inscrever para o vestibular. “Era uma banca com oito professores, tinha que responder questões pessoais, sobre arte, política etc, além de apresentar um monólogo e realizar a leitura de um texto de batida e resposta com outra pessoa que eles disponibilizavam.”

Se avançasse na fase de pré-seleção da banca, a pessoa poderia se inscrever para o curso de Teatro da Unirio no vestibular. Passando nas duas fases, a vaga era garantida. Linda e Rosane afirmaram, em entrevistas separadas, que Jorge não era aluno de fato, mas sempre ia às aulas e todo o corpo universitário gostava dele. Laffond foi um Luís Gama do Teatro¹⁹.

“Laffond não era aluno, mas vivia por lá. E ele sempre teve essa paixão pela arte, ele queria e buscava aprender. Ele era bem excêntrico, bem comunicativo, sempre foi assim”, divide Rosane em ligação.

Ingressantes do curso em 1979, eles ainda estavam vivendo o período da ditadura militar, e mesmo com os momentos felizes que experienciaram, Linda recorda que não foi um período fácil, pois os militares chegaram a queimar o teatro da faculdade e colocou os alunos para fora do prédio, que também servia como a sede da UNE (União Nacional dos Estudantes). Em março de 1980, mães, alunos e funcionários se uniram para conter a entrada e não deixar os policiais entrarem.

O prédio de número 132 da Praia do Flamengo sediou o Conservatório Nacional de Teatro, mas em 1980, houve a transferência da Escola de Teatro e do Instituto Villa-Lobos, pertencentes do Centro de Letras e Artes (CLA), para o novo endereço na Urca após ter sido demolido pelos militares. Antes da Unirio receber o nome que tem hoje, era chamada de Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (Fefierj).

¹⁹ Luís Gonzaga Pinto da Gama foi um advogado, abolicionista, orador, jornalista e escritor brasileiro. Ele passou a adentrar a Faculdade de Direito da USP apenas como ouvinte, pois não o deixavam estudar na instituição. Ele chegou a frequentar aulas do curso de Direito, mas nunca se formou.



Sede da UNE e antigo prédio do curso de Teatro da Unirio – Foto: Reprodução/UNE



Militares em frente ao prédio da Praia do Flamengo – Foto: Reprodução/UNE



Militares destruindo o prédio, em 1980 – Foto: Reprodução/UNE



“Os nossos professores, que eram bastante alternativos, davam aula pra gente na praia que ficava na frente do prédio, tivemos aulas na Praia do Flamengo por alguns meses até ganharmos um novo prédio, que seria agora na Urca”, divide a ex-colega.

Linda, que é natural de Espírito Santo, foi para o Rio para fazer a faculdade e precisou morar em uma república. O que era para ser apenas uma casa estudantil de mulheres, virou também uma segunda casa para Jorge e um espaço de arte para todo o corpo universitário da Urca, região onde a residência ficava sediada.

“Ele começou a frequentar a minha casa para ensaiarmos dança afro no quintal. A partir daí, nunca mais parou de ir lá. No curso, até então, a gente só tinha expressão corporal, já a dança precisávamos aprender fora da universidade.”

Linda morava numa república que foi batizada de RUF (Residência Universitária Feminina), e lá só podia morar mulheres e tinha espaço apenas para uma de cada curso. “Nossa casa era bem peculiar, porque só cabiam 22 pessoas e tinha que ser uma menina de um estado diferente do Brasil e não podiam ser alunas de um mesmo curso.”

Jorge, mesmo que não fosse mulher, ficava por lá sempre que podia. “Sei que eu dizia: ‘Meia-noite, Laffond. Não pode dormir homem aqui, não!’, e ele dizia: ‘Por isso que eu posso!’ E o papo e risadagem rolavam solto”, recorda Rosane.

Como eram estudantes, também não tinham boas condições financeiras, e sempre que precisavam arrumar algo que quebrasse na residência, eles organizavam eventos e danças para conseguirem dinheiro. “Eu e Laffond dançávamos para arrecadar fundos, e nossa casa sempre foi bem frequentada. No final, sempre tinha algum evento cultural que organizávamos, o cantor Naná Vasconcelos já chegou a ir à nossa casa e até os professores da universidade iam”, completa Linda.

A residência foi um espaço de convívio seguro para Jorge, como afirma Linda. “Naquela época o preconceito era muito forte, Jorge não era aceito pela sociedade por ser gay. Mas lá onde a gente morava, não tínhamos essa distinção entre pessoas. Nunca passou pela nossa cabeça ter preconceito com ninguém. Na mentalidade da nossa casa, e no universo daquela universidade, era uma situação muito especial, onde todo mundo era bonito e respeitado.”

Mesmo fora da universidade, sempre que precisavam de algum dinheiro extra, era por meio da dança que conseguiam. “Ele me arrastava para todos os lugares. Onde a gente pudesse dançar para ganhar dinheiro, ele me levava. Até na rua já dançamos”. Linda acompanhou também a fase em que Jorge dançava nas boates do Rio. “Ele fazia muita participação em shows ao vivo, trio-elétricos etc.”

Rosane também compartilha que ele passou a dar aulas de dança para outras alunas da faculdade, mesmo sem ser aluno. E muitas iam.



Linda e Jorge na Unirio – Foto: Vera Verão: Bofes & Babados

Foi no curso de Teatro que Jorge resolveu raspar a cabeça. Linda conta que depois de dois anos no curso, ele raspou. “Eu me lembro, porque eu tinha uma disciplina de direção e foi nessa época que ele raspou a cabeça inteira. No início do curso, ele ainda tinha um pouco de cabelo. Mas nessa disciplina, eu precisei dirigir ele e ele fazia um papel de mordomo. Era um texto de horror que eu tinha escrito”, afirma ela.

A raspagem da cabeça, porém, ele afirmou em entrevista à Elke Maravilha, em 1993, que havia sido feita após passar para o curso de Educação Física, o que Linda desmentiu.

Na mesma época, Linda compartilha que foi muito difícil achar um figurino que coubesse nele devido à altura. “Ele fazia um mordomo que assustava as pessoas.”

Mesmo com as aventuras, Linda afirma que não era fácil trabalhar com Jorge, pois ele sempre gostava de improvisar. “Toda vez que tinha que seguir um texto era difícil porque ele não memorizava. Sempre dava certo no final, mas a gente tinha que entrar no ritmo dele e improvisar também. Nesse sentido, não foi fácil trabalhar com ele, pois era bastante imprevisível.”

Combativo, Jorge já demonstrava isso na faculdade. “Ele sempre foi uma pessoa muito definida, decidida”, compartilha. Para a antiga amiga de Jorge, quem não conhecia o

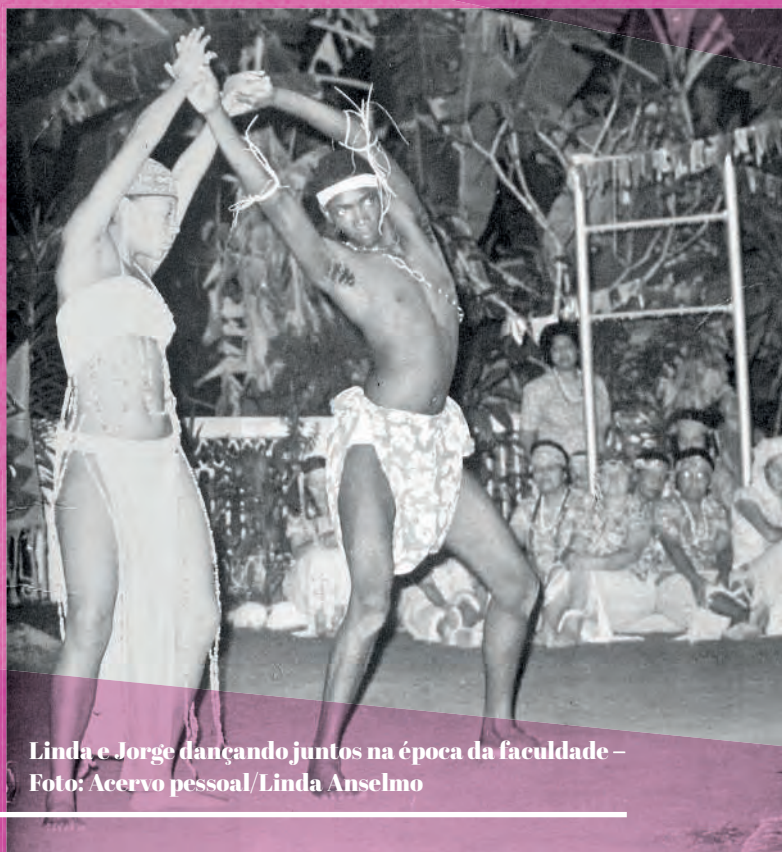


Jorge ainda jovem com cabelo –
Foto: Vera Verão: Bofes & Babados

artista, era difícil trabalhar com ele. “Era impossível dar um personagem para ele que não fosse ele. Jorge entrava no personagem, mas sempre como ele.”

Com problemas de memorização dos textos e vícios em improvisação, Jorge já sabia que o que ele seguiria no futuro seria o humor. “No meio de uma história, ele era capaz de inventar outra totalmente diferente, era muito engraçado. Além disso, sempre foi muito expressivo corporalmente.”

Contudo, os dois não finalizaram o curso. Linda porque conseguiu uma bolsa para estudar Cenografia e Teatro na Itália, e Jorge porque já estava começando a arranjar trabalhos artísticos.



Linda e Jorge dançando juntos na época da faculdade –
Foto: Acervo pessoal/Linda Anselmo

Antes de Linda sair do Brasil, Jorge ficou supertriste ao saber que a amiga dele iria deixar o curso. “Foi uma amizade curta, de três anos, mas muito intensa porque nos víamos todos os dias. E como dançávamos juntos, eu o deixei na mão, mas não podia deixar a oportunidade de ir à Europa passar”, expõe.

Quando Linda foi embora, Jorge estreitou mais os laços com Rosane, que afirma que sempre achou ele muito criativo e até mentiroso às vezes. “Ele inventava cada história, mas sempre foi supergente boa. Nunca fez mal a ninguém naquela época. A gente era fantasioso, todo mundo”, reflete.

“Laffond adorava o brilho, era superfeminino. Nós íamos à praia, onde estavam todos os gays. E era sempre uma delícia passar tempo com ele. Me apresentava aos amigos dele, quase todos gays, íamos em shows de drag, boates e sempre parávamos no Cervantes tarde da noite”, recorda Rosane. O Cervantes de Copacabana foi fundado em 1955 e foi um dos principais símbolos da boemia carioca, ficando conhecido pelos sanduíches.

Logo depois, ainda no Rio, Jorge entrou no “Ballet Folclórico Mercedes Baptista”, que tinha a proposta de receber exclusivamente alunos negros e, a partir da dança e pesquisa cênica, representar a cultura afro-brasileira.

Mercedes, professora de Jorge no período, foi a primeira bailarina negra a fazer parte do corpo de balé do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Após experiências adquiridas com a dança, Jorge integrou a terceira fase do “Ballet Folclórico Mercedes Baptista”, após um novo grupo se formar, em 1980. Os novos integrantes eram oriundos da escola de Mercedes e dos grupos formados pelos seus antigos alunos²⁰.

Em 1980, foi apresentado no teatro João Caetano, em conjunto com o Ballet Oficina, o espetáculo “Orungá e Iemanjá”, que era um bailado em três partes. O Ballet Oficina fazia

²⁰ MELGAÇO, Paulo. Mercedes Baptista – A Criação da Identidade Negra na Dança. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares, 2007.

as duas primeiras partes e o Ballet Folclórico encerrava a terceira e última. Contudo, Jorge não fez parte da equipe de “Orungá e Iemanjá”, apenas da montagem seguinte: “A Visita de Oxalá ao Reino de Xangô”, exibida em 1981. Ele não fez parte do espetáculo, pois estava no corpo de balé da ópera “O Guarani”, de Carlos Gomes, encenada no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, cuja estreia ocorreu em 29 de junho de 1980.

No entanto, ao contrário do que Jorge afirmou em entrevista à Marília Gabriela, ele não foi solista desse espetáculo, pois fez parte do corpo de figurantes, que era formado por alunos da Unirio. A direção da obra ficou por conta do ator e diretor Sérgio Britto, professor da Unirio naquele tempo e responsável pela direção de “Ilusões Perdidas”, a primeira telenovela produzida e exibida pela TV Globo. Naquela fase, ainda bailarino, Jorge já traria consigo o sobrenome artístico: Laffond, mas que foi grafado como Lafont no catálogo da peça. Linda e Rosane também o acompanharam no elenco de apoio.

No mesmo ano, Jorge pegou toda a experiência que adquiriu com a dança e virou coreógrafo. A estreia dele, enquanto professor de dança, foi em uma peça infantil chamada “O Campeonato dos Pombos”²¹, com direção de Raimundo Alberto. A obra estreou no extinto Teatro do BNH, no Rio de Janeiro, pelo grupo Cena, em 15 de novembro de 1980, e permaneceu dois anos em cartaz.

No espetáculo voltado para o público infantil, os pombos-correios competiam para saber quem chegaria primeiro ao destino partindo de Pororoquinha, na Amazônia, até o Aeroporto da Metrópole dos Pombais, no sul de Pindorama. Durante o voo, as aves enfrentavam diversas aventuras e perigos pelo caminho, e em todo o trajeto havia ainda dois repórteres, Lourival Falassouta (papagaio) e Rosinha Maravilha (arara), da TV Ovo Canal Zero, acompanhando os participantes para noticiar quem seria o pombo vencedor.

²¹ ALBERTO, Raimundo. O CAMPEONATO DOS POMBOS. Disponível em: <<https://cbtij.org.br/wp-content/uploads/2021/12/cbtij-dramaturgia-ramundo-alberto-o-campeonato-dos-pombos-1973.pdf>> Acesso em: 15 out. 2023.

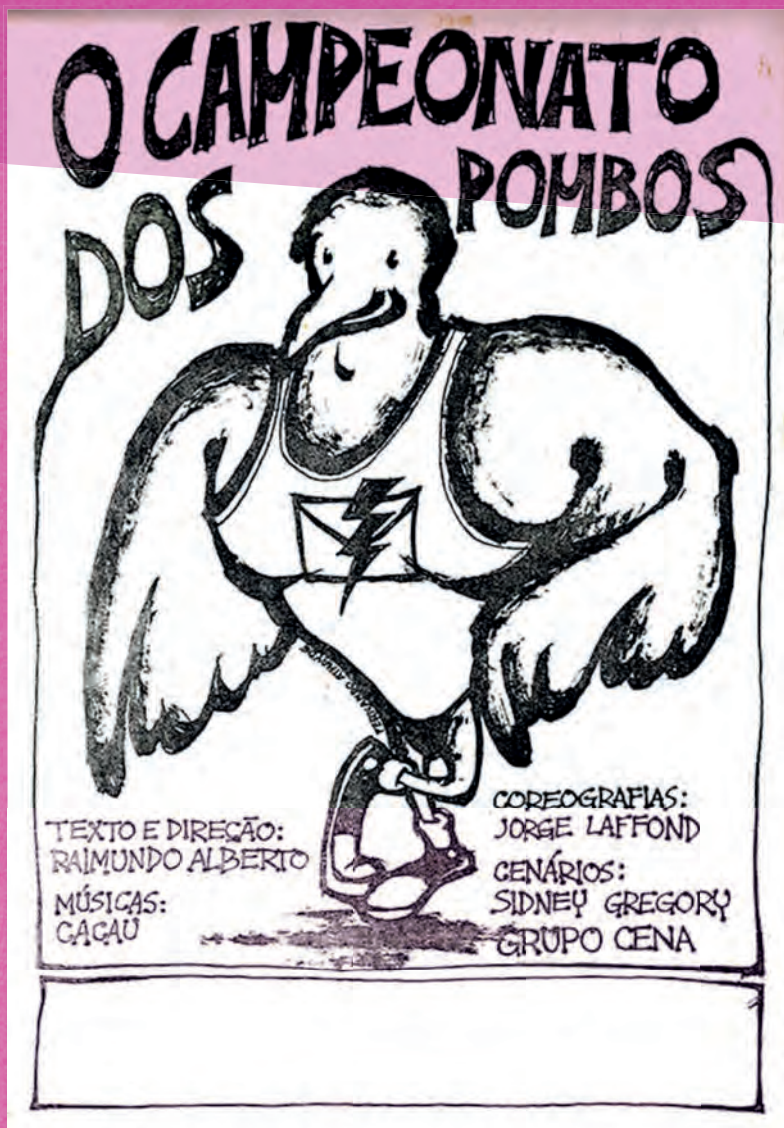


OS FIGURANTES

MAX, LINDAURA (foto à esquerda), LAFONT, ADALGISA (foto à direita), MAURÍCIO, JACQUES, MAX, WILMA, LINDAURA, ARIMATAN, LAFONT, NILTON, IRANI, MARGARIDA, NILSON, PAULO ROBERTO, SÔNIA DE SOUZA, JOSÉ FERNANDO, ADALGISA, SIDNÉIA, ELIANA, ALEXANDRE, CLÁUDIO, ROBERTA (foto abaixo) e ainda: JUDITE, MARIA HELENA, MÁRIO CÉSAR, RUI, JÚLIO CÉSAR, MARCO ANTONIO, ROGERIO, JOSÉ ANTONIO, MÁRCIO, ROSANE e as crianças ALEXANDRE, RICARDO, PABLO, RINALT, ALINE, JÚLIE e JUDITE.



Revista dos espetáculos da Funarj – O Guarani –
Foto: Reprodução/Acervo Sérgio Britto



Cartaz de divulgação do espetáculo em que Jorge foi coreógrafo – Foto: Reprodução/Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude (CBTIJ)

Já em 1981, nasceria o espetáculo “A Visita de Oxalá ao Reino de Xangô” ou “A Visita de Ony de Ifé ao Obá de Oyó”, da companhia de dança de Mercedes, cuja estreia ocorreu no teatro João Caetano, no Rio, igual à montagem anterior. Desta vez, Jorge era o protagonista e o palco foi dividido com o grupo mineiro dirigido pela ex-aluna de Mercedes, Marlene Silva.

“Quando vim para um teste no Ballet Mercedes Baptista, para o espetáculo intitulado “A visita de Oxalá ao Reino de Xangô”, ao chegar para o teste, a Mercedes foi muito grossa, ela não ia com a minha cara, porque me achava muito desengonçado e não servia para o balé afro, pois eu estava todo em cima de uma formação clássica, – nesse dia, atrasando-se um bailarino, ela veio até mim e disse: “Substitui ali o bailarino ‘fulano de tal’ para o quadro não ficar vazio”. [...] Eu fazia o Exu, que tinha que contar para Oxalá que ele não poderia fazer a viagem. Incorporei o personagem, entrei quebrando tudo. Todos aplaudiram e ganhei o papel. Quando o dono do papel chegou, ele não era mais o “dono do personagem”. O espetáculo estreou no teatro João Caetano, e eu sendo a estrela da companhia.”

LAFFOND, 1999, pág. 75 e 76.

Além de Mercedes, Jorge também tinha como professores o coreógrafo Walter Ribeiro, Gilberto de Assis e Marlene Silva. Com eles, Jorge afirma que aprendeu muito sobre dança afro-brasileira.



Cartaz de divulgação do espetáculo realizado no Palácio das Artes, em Minas Gerais, anos depois da montagem de estreia no Rio – Foto: Reprodução/Prêmio Leda Maria Martins

“Embora Walter me chamasse de “marmoteira”, porque enganava muito e tinha a perna alta. Eu corria, era espalhafatosa, então, ganhava a cena com o meu jeito de ser. [...] existem várias pessoas envolvidas nesse núcleo de dança afro, onde foi realmente, o início de tudo da minha carreira.”

LAFFOND, 1999, pág. 76.



2. EM CENA
JORGE LAFFOND /
VERA VERÃO

| Laffond, Lafont, Lafond, Lafon

Durante a faculdade de Teatro, no início dos anos 1980, Jorge Laffond precisou consolidar um nome artístico para adotar para ele. Entre várias tentativas: Silva, Escobar, e até dos Santos, ele escolheu Laffond, inspirado na atriz Monique Lafond.

Laffond queria um nome chamativo, e decidiu adotar Lafond, mas para não ficar igual ao de Monique, adicionou mais um “F”.

A inspiração para o nome veio, porém, anos antes, lá em 1974, enquanto Monique atuava na novela “Carinhoso”, da TV Globo. Foi observando os créditos que Laffond guardaria o sobrenome para ser usado no futuro.

“**Algum tempo depois, assistindo a um espetáculo de teatro, onde a Monique se apresentava, no Rio de Janeiro, fui até o seu camarim para cumprimentá-la. Estava sem graça, com medo de levar um baita de um “esporro”, de que ela falasse: “Pô! Roubou o meu nome! Pegou isso... pegou aquilo. Aconteceu tudo ao contrário. Quando cheguei, ela virou-se para mim e falou: “E aí xará, como é que ta?” Aquilo foi superemocionante.**”

LAFFOND, 1999, pág. 36 e 37.

O espetáculo que Laffond assistia no dia foi “A Gaiola das Loucas”, que ficou em cartaz por quase dois anos, entre 1994 e 1995²². “Eu me lembro que ele havia sentado lá no fundo, pois era um negro enorme, e se sentasse na frente iria atrapalhar a visão das outras pessoas”, recorda Monique em ligação.



Foi na peça “A Gaiola das Loucas” que Jorge pediu a validação do sobrenome para Monique – Foto: Reprodução/Internet

²² GORDILHO, MARIO. Monique Lafond. Elenco Brasileiro. Disponível em: <<https://www.elencobrasileiro.com/2009/02/monique-lafond.html>>. Acesso em: 15 de out. 2023.

A peça foi escrita por Jean Poiret e estreou em 1973, em Paris, e inspirou a versão brasileira, que teve a primeira montagem em 1974, e a segunda, em 1994.

A trama conta a história de um jovem que se apaixona por uma garota e decidem anunciar que irão se casar, porém, os pais do rapaz são dois homens que têm uma boate gay e a família da moça é conservadora, sendo o pai um político ultraconservador em busca da reeleição.

No dia, Monique rememora que a apresentação dos dois ocorreu por intermédio de uma amiga em comum, a atriz Sônia de Paula, pois Laffond era amigo e padrinho da filha de Sônia. Assim, ele foi levado ao camarim e pediu para usar o sobrenome de Monique, mesmo já usando anos antes. O encontro foi, na verdade, para que Monique pudesse validar a utilização, e ele conseguiu ganhar mais uma colega de profissão.

“Jorge, tudo bem, você pode usar, sim. Eu só peço que na hora da escrita, coloque de maneira diferente, pois é meu nome próprio”, disse.

Enquanto ele foi crescendo na carreira, Monique percebeu que a mídia e os jornalistas não respeitavam o acordo que tinham entre eles, porém, acabou relevando. “No fim das contas, foi ele quem deixou o meu nome e sobrenome mais conhecidos”, destaca a atriz, que coincidentemente nasceu dois anos depois de Jorge, em 1954.

Devido à sonoridade e semelhança dos sobrenomes, muitos veículos da imprensa usavam, e usam até hoje, o sobrenome de Jorge Laffond incorretamente, sendo usado Lafond, Lafont, Lafon. Até algumas produções em que ele participou também inseriam o sobrenome artístico dele errado nos créditos.

Nas telas

Após ter tido a primeira oportunidade na TVE, em 1978, Laffond retornaria para a TV Globo em 1982, anos depois de ter feito figuração na novela “Saramandaia” em 1976, e ter participado do balé do “Fantástico”, em 1973. Agora, ele integraria parte do elenco de ponta de alguns programas que tinha à frente o apresentador Jô Soares.

Entre os programas que Jô tinha dentro da emissora, Laffond conseguiu fazer parte, primeiramente do “Planeta dos Homens”, e logo depois de “Viva o Gordo”.

Dentro do “Viva o Gordo”, havia um quadro chamado a “TV do Crioulo Doido”, e Laffond integrava parte do júri. Fora desse quadro, ele era um personagem que ficava fazendo caras e bocas por trás dos atores principais do programa.



Jorge Laffond em “Viva o Gordo” –

Foto: Reprodução/Internet

Laffond fazia parte de uma agência de modelos nessa época e, com isso, fez também muitos trabalhos de figuração e alguns comerciais, como o do cigarro Shelton Light, onde pôde comprar o primeiro carro dele, um fusca.

Ele fez parte também de programas musicais da Globo, principalmente como bailarino, o primeiro deles foi o especial “Plunct, Plact, Zuum”²³, exibido em 1983.

Em 1985, ele passaria a ser coreógrafo, o que ele já fazia em teatros independentes e com as colegas da Unirio, mas agora daria aula para uma boy band brasileira chamada “Ciclone”²⁴. A banda era formada por cinco jovens cariocas da classe média. Eles tiveram a primeira apresentação na televisão no programa “Cassino do Chacrinha”, da TV Globo. Chacrinha tinha apadrinhado os meninos à época e, por isso, eles tiveram uma forte presença nos programas da emissora, chegando a ter também o videoclipe de estreia exibido no “Fantástico”. Laffond foi escolhido para dar aulas de dança, coreografia, expressão corporal, desenvolvimento no palco e postura.

Durante o curto período da boy band em atividade, os jovens emplacaram uma música de sucesso nas rádios brasileiras, a faixa “Tipo One Way”. Todavia, o grupo lançou apenas um álbum e encerrou as atividades no mesmo ano de lançamento, e Laffond não pôde acompanhar o grupo pela excursão que fizeram pelo Brasil e Miami devido aos trabalhos que já estava envolvido.

²³ Plunct Plact Zuum. memoriaglobo. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/infantojuvenil/plunct-plact-zuum/noticia/plunct-plact-zuum.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

²⁴ Jornal do Brasil. 17 de março de 1985. Pág. 45. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pesq=%22jorge%20laffond%22&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=142044>. Acesso em: 15 out. 2023.



**Laffond dando aula para a boy band nacional “Ciclone” –
Foto: Jornal do Brasil/Hemeroteca Digital**

Após todas as participações nos programas da TV Globo e Manchete que fazia desde 1973, Laffond ganharia o primeiro papel de destaque dele na televisão brasileira: o personagem Bob Bacall, na novela “Sassaricando”, exibida entre os anos de 1987 e 1988 na Globo, que contou com 184 capítulos.

Bruno Ramos Cursino, Robertinho, ou simplesmente Bob Bacall, era um personagem do núcleo secundário da novela das 19h da emissora²⁵, e Laffond era o único negro e homossexual de destaque no elenco. Bob Bacall era um personagem queer dentro da telenovela, sendo gerente e coreógrafo de uma boate.

²⁵ MAIA, Helder Thiago Cordeiro. Bob Bacall: uma boneca-pretinha prisioneira da boate Sassaricando. Revista Litteris, 2010.

Além disso, foi o primeiro personagem gay e negro da história da televisão brasileira sendo interpretado por uma pessoa da mesma sexualidade e etnia. Laffond foi o primeiro e, só em 2011, 24 anos depois, que houve outro ator negro e assumidamente gay no papel de um homossexual na telenovela, o Wendell Bendelack, que fez o personagem Xicão Madureira em “Insensato Coração”. Antes, eram sempre homens brancos e/ou héteros interpretando um gay²⁶.

²⁶ FERNANDA, Silva. Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/7112>>. Acesso em: 15 out. 2023.



Jorge Laffond em “Sassaricando” – Foto: Reprodução/Internet

Bob Bacall era coadjuvante de um núcleo paralelo ao dos personagens principais. Ele não tinha nenhum contato com os atores principais da telenovela, e durante toda a produção, ele aparece em um único espaço físico, que é a boate onde trabalha. As únicas exceções ocorrem nos capítulos 181 e 184, quando ele aparece fora dela.

O personagem possui dois vestuários bem definidos: a roupa que ele usa quando a boate está aberta e a roupa que ele usa quando a boate está fechada. Quando está aberta, ele usa uma roupa de garçom: calça preta, camisa branca por dentro, gravata borboleta e um lenço avermelhado na cintura.

Já quando a boate está fechada, a roupa dele é mais diversificada. Ele usa calças brilhosas coladas ao corpo e camisetas cortadas ou amarradas acima do umbigo, ou pequenos shorts que revelam partes da sua bunda, com camisetas igualmente cortadas e amarradas acima do umbigo. Acompanha o visual, uma faixa amarrada na cabeça, que geralmente é amarela com lantejoulas, ou branca.



Jorge Laffond em “Sassaricando” – Foto: Reprodução/Internet

Dentro da narrativa, as únicas atividades de Bob são: gerenciar a boate, ensinar coreografias para as dançarinas e conversar comicamente com as mulheres e clientes. Outra característica importante da personagem é o trânsito entre gêneros, pois ora ele se define no masculino e ora se define no feminino.

De maneira geral, Bob é um personagem cômico na trama, por representar uma bicha preta. Sempre ligado à comédia e ao deboche. Mas, o personagem foi a primeira representação LGBTQIAP+ racializada numa telenovela da TV Globo, e o tom humorístico não era exacerbado, era mais equilibrado, como foco no estereótipo do gay de língua afiada.



Jorge Laffond em “Sassaricando” – Foto: Reprodução/Internet



Jorge Laffond em "Sassaricando" – Foto: Reprodução/Internet

Nos programas de Jô Soares em que fez parte, a representação de um corpo queer não era diferente, apenas a escala, pois na novela recebeu mais destaque e falas, o que não ocorria com frequência nos anos anteriores. No cinema não foi diferente, Laffond sempre deu vida à personagens com performance de gênero feminino.

Laffond também fez parte de um dos momentos históricos da televisão brasileira, o especial de fim de ano da Globo que celebrava o centenário da abolição da escravidão. Para isso, a emissora fez uma vinheta apenas com artistas e personalidades negras.

O elenco se reuniu em uma campanha chamada “Axé Brasil”²⁷, para emanar para o ano seguinte, 1988, desejos de liberdade. Na vinheta, Grande Otelo, Tim Maia, Milton Nascimento, Gilberto Gil, João Nogueira, Jair Rodrigues, Jorge Ben Jor, Elza Soares, Antônio Pitanga, Leci Brandão, Glória Maria, entre muitos outros artistas negros, faziam pedidos de axé para questões como a “abolição de todos os preconceitos”, a “libertação da mulher” e “para a memória negra”.



Jorge Laffond em gravação da vinheta “Axé Brasil” – Foto: Reprodução/GI

²⁷ Em 1988, campanha “Axé Brasil” reunia personalidades negras em manifesto. gshow. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/programas/video-show/noticia/em-1988-campanha-axe-brasil-reunia-personalidades-negras-em-manifesto.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Foi em abril de 1989, que Laffond participou a primeira vez de “A Praça é Nossa”, do SBT, quatro anos antes de ser convidado para interpretar a personagem que eternizaria a carreira dele, a Vera Verão. Na ocasião, ele fez apenas uma participação especial com a Vamércia, a fofqueira que tinha como bordão a frase: “Minha boca é um túmbalo”, interpretada pela humorista Maria Teresa, nome artístico de Teresa Palazoli Fróes.

Na gravação, Laffond interpretou a si mesmo e estava ao lado de Hilton Have, colega que fez diversas montagens do gênero revista ao lado de Laffond no teatro. Durante a conversa com Carlos Alberto de Nóbrega, ele falava de trabalhos que já realizou na TV Globo e no teatro, enquanto respondia com deboche os comentários inconvenientes da fofqueira.

Após os anos que ficou na TV Globo e sem contrato ainda com o SBT, ele foi para a Rede Manchete, canal extinto em 1999, para interpretar a Madame Satã na novela “Kananga do Japão”, exibida entre 1989 e 1990, tendo 208 capítulos. Naquele momento, ele integrou a fase final da novela, atuando apenas nos cinco últimos capítulos²⁸.

Interpretando mais um personagem queer, Laffond daria vida a um ícone negro e LGBTQIAP+ brasileiro na televisão: Madame Satã, que foi um transformista e um dos personagens mais representativos da vida noturna e marginal da Lapa carioca na primeira metade do século 20. Antes, no carnaval de 1985, ele também já havia interpretado a Madame Satã na Sapucaí pela Beija-Flor.

Madame Satã, que também era conhecida pelo nome de nascença, João Francisco dos Santos, foi o primeiro transformista brasileiro. Entretanto, alguns afirmam que seria uma travesti, mas não há um consenso, porque ele também não abandonava a faceta masculina fora dos palcos para se defender. Madame Satã surgiu sobre os palcos e João Francisco era das ruas.

²⁸ Jornal da Orla. 11 de março de 1990. Pág. 2. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=890030&pesq=%22Jorge%20Lafon+Madame%20Sat%C3%A3%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=15114>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Ele cuidava para que as putas, as bichas e os moleques da Lapa não sofressem perseguição. Pouca coisa ocorria na região sem o conhecimento ou permissão dele, e foi por isso também que foi preso várias vezes, pois era combativo com as forças policiais e sempre buscava se defender e aos outros. A navalha era o principal instrumento de defesa dele.

Laffond, por ser negro e homossexual, conseqüentemente, deu vida à Madame nas telas. Todavia, como a Rede Manchete foi extinta, todo o acervo da emissora foi perdido e, no meio disso, os capítulos finais da produção.

Após a telenovela, ele retornou para a TV Globo para integrar o elenco de “Os Trapalhões”, em 1990, como o soldado Divino, personagem que fez por aproximadamente dois anos na emissora.

Soldado Divino, era primo de Mussum, e ocupou parte do espaço deixado pelo Zacarias, interpretado pelo ator Mauro Faccio Gonçalves, que morreu em 1990. Laffond e Mussum, nome artístico de Antônio Carlos Bernardes Gomes, eram os únicos negros da produção humorística da emissora. Sempre que aparecia nos quadros do quartel do Sargento Pincel, Laffond estava com uma camiseta que tinha o número 24 estampado, em referência à piada homofóbica, que associa o número 24 aos homens gays.

Entre as explicações para o número 24 ser associado aos homens gays, uma afirma ser relacionada ao jogo do bicho, em que o 24 representa o animal veado. A outra é a sonoridade do número, que pode ser entendida como “vim de quatro”.

Em “Os Trapalhões”, Laffond participou principalmente dos quadros do Quartel dos Trapalhões e do Trapa Hotel, um estabelecimento meio decadente que tentava a todo custo se manter, apesar das confusões do gerente Didi; do secretário de esportes e lazer Dedé e do segurança Mussum. Em Trapa Hotel, Laffond era o cozinheiro Divino.



Laffond em “Os Trapalhões” – Foto: Reprodução/Internet

Mussum e Laffond eram os únicos negros no programa e, embora sofressem com o racismo recreativo (termo que explica a prática de racismo dentro do humor), ele era colocado de maneira distinta por causa da sexualidade dos atores. Enquanto Laffond era o negro afeminado por ser gay, Mussum era o negro alcoólatra e que falava errado, por ser hétero.

À época, o humor era feito por meio de piadas e caracterizações problemáticas. E, mesmo com essa representação negativa de negros no humor, ambos se tornaram figuras históricas e pioneiras pela projeção que tiveram nacionalmente. Fora das câmeras, eram combativos, da maneira que podiam, contra o racismo e o preconceito de gênero e sexual.

Tião Macalé, interpretado por Augusto Temístocles da Silva Costa e a atriz Marina Miranda, que fez vários personagens, como a Crioula Difícil, Dona Mandala e Dona Charanga, também eram dois humoristas negros que fizeram parte de “Os Trapalhões”, mas em fases distintas da participação de Laffond. Os personagens deles também reforçavam a representação negra de forma negativa

na televisão. Mas, foi com o humor permitido para aquela época, que eles também protagonizaram campanhas de grandes marcas.

Em 1991, Laffond também participou de um especial da apresentadora Xuxa Meneghel chamado “Xuper Star”. Paulette, ator, humorista e um dos membros do grupo Dzi Croquettes, e Jorge Laffond davam vida aos figurinistas Naná e Nanete.

Laffond e Paulette eram artistas assumidamente gays e negros naquele momento e tiveram relevância no cenário nacional. Paulette morreu dois anos depois, em 1993, devido ao HIV/Aids.

Durante os quase dez anos que ficou na TV Globo, Laffond sempre era um dos poucos negros que tiveram destaque nos programas infantis e humorísticos, mesmo que no elenco de apoio. Estar dentro do elenco de apoio ou do balé, já era uma conquista enorme naquele tempo, justamente por ele carregar com ele dois marcadores sociais de violência evidentes no período: a etnia e a sexualidade vivida de maneira explícita. Ele não deixou os preconceitos da época o impedirem de alcançar a fama e de ser o artista que sempre foi.

Além disso, diferentemente de outros homens negros atores, Laffond não era inserido nas representações cisnormativas que muitos estavam condicionados, seja dentro ou fora do humor: criminosos, escravizados, analfabetos, alcoólatras, feios etc. Mesmo que todos os seus personagens não tivessem aprofundamento, ele escapava das representações tradicionais aos atores negros héteros, e fazia parte do nicho de interpretações com foco na performance de gênero não normativa.

“ **A nível do mundo artístico, eu sei que não faço o perfil da comunidade negra, porque eles não gostam do meu jeito, do meu modo, do modo como eu coloco as minhas coisas. É um direito que eles têm, mas também não devo nada a eles. O meu sucesso, na realidade, foi feito todo pela contramão. Eu sou muito feliz com isso, por conseguir driblar todas as minhas dificuldades.** ”

LAFFOND, 1999, pág. 85.

A Vera Verão e A Praça é Nossa

Foi só em fevereiro de 1992²⁹ que Laffond passou a integrar o elenco de “A Praça é Nossa”, o que consolidaria um dos maiores sucessos da carreira dele enquanto Vera Verão, a personagem travesti. Ele passaria a ser destaque das noites do SBT e receberia mais atenção da imprensa.

Vera Lúcia Verão, ou apenas Vera Verão não nasceu no humorístico “A Praça é Nossa”, foi no espetáculo “O Sassarico da Nega”, que o nome surgiu pela primeira vez. Na montagem, Vera era uma professora de lambada. Só a partir da contratação no SBT que nasceria Vera Verão, a travesti negra da televisão.

Repaginada, agora Vera Verão seria uma quase mulher, uma não bicha. O bordão da personagem era: “Êpa! Bicha, não! Eu sou uma quase mulher”, e durante anos, ela passaria a preencher a televisão com o deboche, a língua afiada, a paquera aos homens e a crítica e o ataque às mulheres, enquanto conversava com “Charles Albert”, apelido que daria ao Carlos Alberto de Nóbrega, toda vez que entrava em cena.

A Vera Verão nasceu e se tornou maior que o artista Jorge Laffond. Para ele, Vera não era apenas um personagem, mas uma entidade, tanto que o nome foi dado a ele anos antes como um presente da religião que era adepto, o can-

²⁹ O Pioneiro. 30 de julho de 1992. Pág. 40. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=885959&pesq=%22vera%20ver%C3%A3o%20+%20jorge%20lafond%20+%20fevereiro%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=162459>>. Acesso em: 15 out. 2023.

domblé. Durante o programa, Vera também usava nas falas gírias da comunidade LGBTQIAP+, advindas do pajubá, e dizia palavras como: “Mona”, “Bofe”, “Dar a Elza”, “Gongar”, “Atacada”, “Picumã”, entre outras.

O famoso bordão: “Êpa! Bicha, não! Eu sou uma quase mulher”, depois mudaria para apenas: “Êpa! Bicha, não! Eu sou uma quase [e era falado o nome de alguma celebridade feminina].”

Entre as caracterizações, as roupas eram supercoloridas, saltos altos, maquiagem exagerada, a sobrancelha arqueada, acessórios chamativos, uma bolsa-carteira dourada ou prata, vestidos, calças e camisas sempre com muito brilho e/ou bordados. Sempre que podia, a pele à mostra também marcava presença. Quem assinava a maquiagem da Vera Verão era Latoya, mas Laffond também se maquiava sozinho quando precisava. A personagem representava uma ousadia para a época e, por isso, fez tanto sucesso nas casas brasileiras.



Jorge Laffond recebendo a caracterização de Vera Verão pelas mãos de Latoya – Foto: Vera Verão: Bofes & Babados

“A “Vera Verão”, que eu considero faceira, encantadora, libidinosa, eu acredito, que é: a “pura essência do prazer”, porém, com a sutileza que somente a ela é permitido ter. Eu trago este mistério!”

LAFFOND, 1999, pág. 66.

de mulher... E deu certo. A gente gravava o programa e, quando ele entrava, era um delírio”, disse Carlos Alberto de Nóbrega, em entrevista ao programa de Elke Maravilha, em 1993, no SBT.

Nos primeiros anos, Jorge Laffond dividia o quadro com a fofoqueira Vamércia, logo depois passou a dividir a cena com a atriz Edna Velho, que entrou no programa em 1994, e depois com o parceiro Azeitona, que era interpretado pelo Buiú, nome artístico de Edvan Rodrigues de Souza.

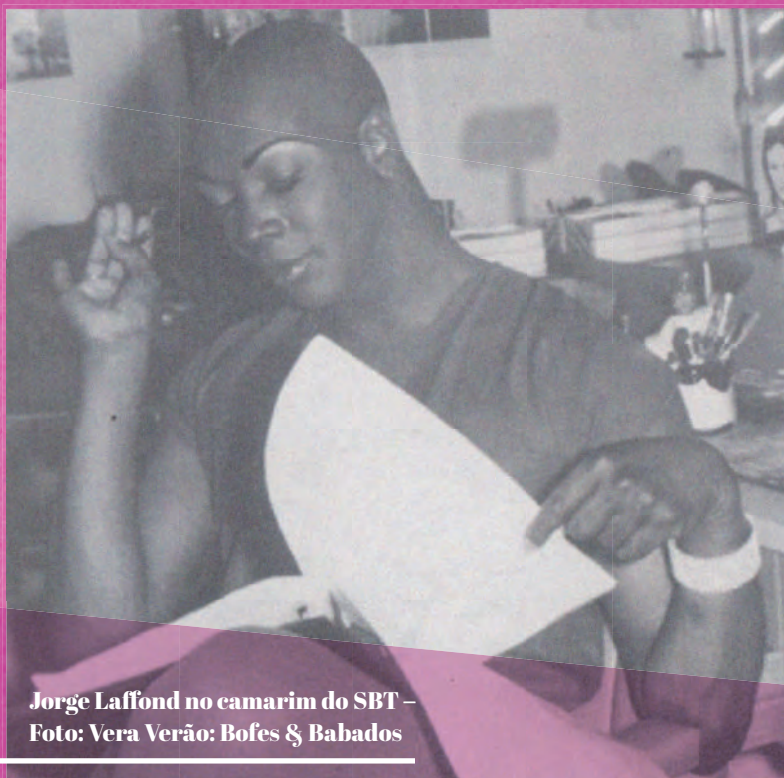


Parceiros de cena de Vera Verão: Azeitona, o Buiú e Edna Velho – Foto: Reprodução/Internet



Latoya e Laffond como a Vera Verão – Foto: Reprodução/Internet

“Ele era superexigente, e eu tinha dificuldade para decorar o texto. Mas ele sempre cobrava num tom brincalhão. ‘Se não decorar, eu vou te tirar do quadro’, ou ‘semana que vem você não grava’, Laffond falava”, lembra Buiú em entrevista on-line. Porém, o mais engraçado é que Laffond também não seguia o roteiro. “Ele decorava até a terceira linha, depois disso era só improvisação. Ele não seguia roteiro”, destaca o ex-parceiro de cena. “Já recebemos várias broncas por causa disso.”



Jorge Laffond no camarim do SBT –
Foto: Vera Verão: Bofes & Babados

Laffond preenchia os corredores com o carisma. No carnaval, porém, ele não ia gravar porque gostava de se preparar apenas para os desfiles. “O Carlos Alberto [de Nóbrega] não gostava muito, mas Laffond sempre falava: ‘Pode me demitir, no carnaval eu não vou’. Quando eu ia gravar a ‘Praça’ nessa época, eles me dispensavam no dia porque Laffond não estava lá para gravar.”

“Às vezes ele me dava uma bolsada, mas não doía. E sempre me dava dicas de encenação”, pontua Buiú.

“Naquela época o celular era um tijolão. Então, se ele não gostasse muito da pessoa que ia gravar com ele [na Praça], ele colocava aquele tijolão dentro da carteira, porque a Vera Verão sempre entrava com uma carteira e ‘pá’ na cabeça. Gravando comigo ele não fazia isso. Mas uma vez a gente tinha brigado e ele deixou o celular ali. Eu já sabia que ela era maluca, vi e briguei muito com ela”, contou Edna Velho em entrevista que fez para o SBT, em 2023. Procurada, ela não demonstrou interesse em uma entrevista.

A dupla Vera Verão e Azeitona nasceu após influência de ET & Rodolfo na mídia, dois humoristas que trabalhavam juntos fazendo reportagens, afirma Buiú. “Eles [a produção do SBT] pensaram nisso por causa do nosso tamanho, como eu era baixinho e o Laffond altão, nascemos como uma paródia da dupla.”

Alexandre Régis, ator, dramaturgo e humorista, que conheceu o Laffond enquanto ele fazia figuração em “Viva o Gordo”, também recorda dos momentos em que trabalhou com ele na “Praça”. Antes, ele também relembra que no programa do Jô Soares, escreviam piadas pensando na figuração de Laffond. “Nunca vi fazerem isso, escreverem uma piada pensando no figurante, mas faziam muito isso com o Laffond”, diz.

“Na Praça, Laffond aliviava o clima tenso que tinha nos corredores. Nos anos 90, sempre tinha um clima de demissão, broncas. Mas ele sempre mandava todo mundo pra merda. Sempre que ele saía das reuniões com Carlos Alberto, ele falava: ‘Ah, vai te catar!’. O cara [Laffond] era o grande astro do programa, então ele cagava e andava, e tudo era muito engraçado com o Laffond”, relembra o humorista, que completa: “Ele de mau humor era a coisa mais engraçada que tinha.”

Na casa dos brasileiros, Vera Verão fazia sucesso. Todavia, já em 1993, a personagem receberia críticas de associações homossexuais de São Paulo. Os argumentos eram de que Vera Verão exagerava muito nos trejeitos e era caricata. Em 1996, o Quimbanda-Dudu, ou Grupo Gay Negro da Bahia (GGB), fundado por Luiz Mott, enviou um pedido ao SBT para que alterasse a personagem Vera Verão. Em vez da “caricatura de uma bicha louca”, o grupo gostaria de uma “figura politicamente mais correta”.

A Vera Verão não agradava as associações de ativismo LGBTQIAP+, mas conseguia atingir as famílias brasileiras por meio do humor e, com isso, era comum ver a imagem de uma figura que fugia dos padrões de gênero e de raça na televisão. Vera foi vista como uma personagem caricata, mas devido à sua presença nas telas, muitas pessoas LGBTQIAP+ passaram a se reconhecer e tiveram ela como inspiração na infância ou vida adulta, mesmo que não admitissem. O humor, porém, foi o caminho que permitiu isso. Se fosse de outra forma, não teria a mesma lembrança.

À época, Vera Verão também tinha se tornado um xingamento para muitas pessoas negras, altas e carecas que fugiam da norma de gênero. Ninguém estava imune: homens e mulheres cis ou transgênero ou pessoas não binárias. A etnia era também um marcador importante, mas não único. Se não estivesse no padrão ou, mesmo que tivesse, mas houvesse alguma característica física semelhante a de Jorge Laffond, viraria motivo para receber o título pejorativo de Vera Verão.

A personagem divide debates até hoje acerca da representação de pessoas LGBTQIAP+ na mídia. Mas, não há como negar que Vera foi a primeira representação LGBTQIAP+ e negra de destaque na mídia nacional, sendo comparada também com RuPaul Andre Charles, a drag queen de enorme importância dos EUA, na versão brasileira.

Afeminfobia (termo que explica a rejeição do feminino), a contestação de gênero, juntamente com o racismo e a LGBTQIafobia recreativa, práticas que exacerbam características de pessoas

negras e LGBTQIAP+ vistas como negativas na sociedade para fazer rir, são alguns dos conceitos discutidos em relação à representação de Vera Verão na mídia.

Contudo, desconsiderar a existência de corpos afeminados e/ou, na visão do senso comum, caricatos, é também uma maneira de dizer que a única forma de ser LGBTQIAP+, é abraçando uma performatividade de gênero neutra ou que não incomode o status quo da estrutura cisnormativa. Laffond desequilibrava essa estrutura, seja como Vera Verão ou não.

Seja como bicha louca ou travesti, Vera Verão não seria possível sem a interpretação de Jorge Laffond, e nem Laffond seria lembrado sem a Vera Verão.

“Na realidade, as pessoas sempre me perguntam se sou um ótimo ator. Digo que não, pois faço uma performance em cima de minha personalidade. Acredito que deixei de ser o ‘ator’ para ser uma personalidade do mundo artístico. Tento passar para as pessoas que essa linha gay não é agressiva como imaginam”, disse Laffond em entrevista para a revista “Amigas Confissões”, nos anos 1990.



Vera Verão e Roberta Close nos camarins do SBT – Foto: Vera Verão: Bofes & Babados

Ainda durante a “Praça”, em 1997, Laffond recebeu uma bronca³² que quase fez ele ser demitido do programa. Isso ocorreu devido ao artista ter ido ao “Domingo Milionário”, da Rede Manchete. À época, Laffond foi à Manchete sem pedir permissão de Silvio Santos, e, no mesmo período, Silvio havia proibido que os contratados da emissora fossem nos programas de domingo da Manchete, pois ele não tinha afeição pelo diretor Homero Salles, que já havia trabalhado na emissora entre 1977 e 1997, mas saiu com a falta de confiança de Silvio. Porém, a proibição não tinha sido formalizada em texto, era apenas verbal e corria pelos corredores da emissora. Carlos Alberto de Nóbrega defendeu Laffond e a demissão não ocorreu.

Em novembro de 1999, Laffond recebeu outra advertência³³, ficando algumas semanas sem gravar. Desta vez, o motivo foi uma má conduta nos bastidores da “Praça” por não ter aceitado dividir o camarim dele com a cantora Elba Ramalho e a atriz Gabriela Alves. Revoltado com a situação, ele simplesmente pegou as coisas dele e foi embora. Diferentemente de 1997, Carlos Alberto de Nóbrega foi quem pediu uma carta de advertência e suspensão da gravação para Laffond. O pedido foi feito para Eduardo Lafon, ex-superintendente artístico do SBT, que inclusive não gostava de ser associado ao ator, por causa da semelhança do sobrenome, e quando chamavam ele de Vera Verão, era pior.

No período, o artista dividia o camarim apenas com a Edna Velho. Passado algumas semanas, Laffond retornou ao programa em dezembro e pôde participar da gravação do especial de fim de ano. Laffond ficou no programa até 2002, meses antes da morte dele.

³² Tribuna da Imprensa. 15 de dezembro de 1997. Pág. 15. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_05&pesq=%22jorge%20lafond%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=45587>. Acesso em: 15 out. 2023.

³³ Tribuna da Imprensa. 29 de novembro de 1999. Pág. 15. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_05&pesq=%22jorge%20lafond%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=57385>. Acesso em: 15 out. 2023.

Em 2001, Vera Verão também integrou o “Domingo Legal”, com o Gugu Liberato, e entrevistava os visitantes do Piscinão de Ramos, situado na região do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. O programa, que ia ao ar às tardes de domingos, permitiu a Vera Verão estender a personagem da “Praça” para o ar livre.

Desta vez, ela carregava consigo um microfone para realizar matérias inusitadas no local, e sempre usava roupas leves e que mostrassem bastante a pele, frequentemente com muitos acessórios extravagantes. Mesmo com um calor escaldante, ela esbanjava simpatia e atraía a atenção de todos que estavam na praia. Além disso, quase sempre estava de salto alto andando pela areia, e aproveitava o momento para paquerar os homens. O quadro da Vera Verão no programa dominical sempre liderava na audiência, em 24 de março de 2002, ficou com 35 pontos, enquanto o Faustão, na TV Globo, apenas 19.

Vera Verão humanizou e tornou possíveis os corpos dissidentes. Mesmo que ainda no tom de risada, agora as pessoas tinham interesse em estar próximas desses corpos, e não afastadas. A apresentação e gravação à luz do dia do programa foram outros avanços, pois as crianças, sejam elas viadas ou não, também tinham acesso à Vera Verão.

Em 2001, Vera Verão também foi convidada a participar de uma campanha de prevenção a infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), sobretudo relacionadas ao HIV/Aids, pelo Ministério da Saúde. O convite, porém, criou outro atrito entre o ator e o GGB (Grupo Gay Negro da Bahia), por associar a personagem Vera Verão à doença. No fim, a campanha não foi realizada.

“Ele ridiculariza e esculhamba os homossexuais”, disse a IstoÉ Luiz Mott, em 2001. Também entrevistado por IstoÉ³⁴ na época, Laffond afirmou não entender a confusão: “Eu represento os gays. O Mott não tem chance de fazer campanhas porque tem uma barba incompatível com uma mensagem para homossexuais.”

³⁴ Gay contra Gay. ISTOÉ Independente. Disponível em: <[https://istoe.com.br/40948_GAY+CONTRA+GAY+/">https://istoe.com.br/40948_GAY+CONTRA+GAY+/
/](https://istoe.com.br/40948_GAY+CONTRA+GAY+/)>. Acesso em: 15 out. 2023.

Televisão

1973:	Fantástico (TV Globo).
1976:	Passarela dos Talentos (TV Rio); Saramandaia (TV Globo).
1978:	Conquista (TVE).
1982:	Planeta dos Homens (TV Globo).
1983:	Viva o Gordo (TV Globo); Plunct, Plact, Zuum (TV Globo); Voltei pra Você (TV Globo).
1984:	A Turma do Balão Mágico em Amigos do Peito – Meu Mocinho, Meu Cowboy (TV Globo).
1985:	A Era dos Halley (TV Globo).
1986:	Domingo de Graça (Rede Manchete).
1987:	Sassaricando (TV Globo).
1988:	Juba & Lula Armação Ilimitada (TV Globo).
1989:	Chico Anyasio Show (TV Globo); Veja o Gordo (SBT).
1990:	Kananga do Japão (Rede Manchete); Os Trapalhões (TV Globo).
1991:	Xuper Star (TV Globo).
1992:	A Praça é Nossa (SBT); Maria Tereza Especial (SBT).
2001:	Domingo Legal (SBT).
2004:	Meu Cunhado (SBT).

| Dos palcos

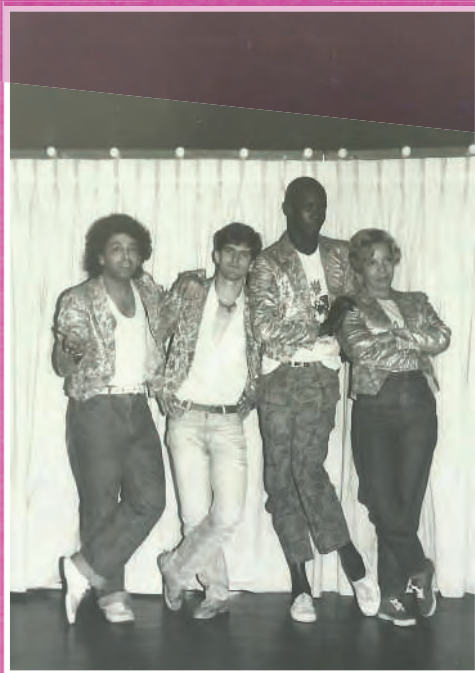
Jorge Laffond iniciou no teatro primeiro como bailarino e depois tornou-se ator. Foram os palcos que permitiu ele acessar à televisão, pois as apresentações que ele fazia também tinham o teor humorístico que acompanhou ele nas telas, sempre interpretando personagens femininos e/ou afeminados.



Jorge Laffond em “Vargas”, de 1983 – Foto: Vera Verão:
Bofes & Babados/Claúdio Renato



Cartaz de divulgação de "A Gargalhada do Peru" – Foto: Acervo pessoal/Edy Star



Jorge Laffond com o elenco de "A Gargalhada do Peru" – Foto: Acervo pessoal/Edy Star



Jorge Laffond em "Amizade Colorida", no Teatro Alaska – Foto: Vera Verão; Bofes & Babados/Ney Robson



Jorge Laffond no camarim de "A Gargalhada do Peru" ao lado de outros artistas – Foto: Acervo pessoal/Edy Star

Laffond fez muitas apresentações no Teatro Rival e no Teatro Alaska. Rival foi lugar de resistência para o gênero revista, que surgiu no final dos anos 1850 e perderia relevância em meados de 1950.

Composto de números falados, musicados e humorísticos, foi fundamentado no improviso que, desde a sua origem, o gênero revista se desenvolveu. O público se divertia imerso em uma linguagem extremamente popular, em um discurso desprovido de qualquer pretensão além do puro entretenimento. No entanto, o formato teatral não era bem-visto pelos artistas mais tradicionais, pois era considerado descabido e sem regras.

Rogéria, Jane Di Castro, Divina Valéria, Camille K, Fujika de Halliday, Eloína dos Leopardos, Marquesa e Brigitte de Búzios eram travestis e drag queens que se apresentavam no Rival ao lado de Laffond.

Além do Rival, o Alaska também foi palco para muitos artistas marginalizados: homossexuais, travestis, negros. Ele ficava dentro da Galeria Alaska³⁵, onde foi um dos maiores locais de interação homossexual do Rio até o início dos anos 90. O teatro sempre apresentava shows de travestis e montagens de revistas.

“Certo dia estávamos apresentando a revista [Desse Jeito a Coisa Entorta] no Teatro Rival e tinha acabado a luz enquanto a gente tava no palco. Ele começou a me chamar: ‘Irmã, senta aqui, vem pra cá’. Ele me chamava de irmã. Mas imagine, o teatro toda apagado, e o público todo sentado esperando a luz voltar, e Laffond ficava me chamando de um lado e eu gritava do outro: ‘O que?’. Aí, o Carvalhinho que também estava na montagem gritou para a gente: Cala a boca os dois!’, foi um momento superengraçado”, rememora Marcello Caridade, que já foi no passado Caridad, ator, diretor e humorista que virou amigo de Laffond após contratarem na revista.

³⁵ Galeria Alaska, de “inferninho” a sede de igrejas evangélicas. Descubra a Essência do Rio | Agenda Bafafá. Disponível em: <<https://bafafa.com.br/turismo/historias-do-rio/galeria-alaska-de-inferninho-a-sede-de-igrejas-evangelicas>>. Acesso em: 15 out. 2023.



Jorge Laffond em “Desse Jeito a Coisa Entorta”, no Teatro Rival –
Foto: Acervo pessoal/Marcello Caridade

Enquanto ator, Laffond preenchia os palcos de teatros de todo o Brasil com as montagens de humor e musicais que fazia parte. Sempre muito performático, o humor advindo da improvisação já era a principal marca dele antes de dar vida à Vera Verão.

No final de 1988, estrearia um dos maiores sucesso no teatro que o artista dirigiu e atuou, o espetáculo “O Sassarico da Nega”, que teve sua inauguração no Teatro do Sesc de São João de Meriti, no Rio. Logo após, a peça rodou pelos outros estados brasileiros, e até Portugal, sendo apresentado por mais de cinco anos.

A peça misturava dança, sátira e drama, fazendo homenagem a algumas personalidades brasileiras, como Fernanda Montenegro. Foi na montagem que o nome Vera Verão surgiu. A personagem dos palcos era uma professora de lambada que dava aula para a plateia. Ele ainda homenageava a bailarina Pina Bausch e recitava “Dona Doida”, da escritora Adélia Prado e no final interagira com os visitantes. O espetáculo fazia Laffond interpretar 13 personagens no total.



Jorge Laffond em “O Sarraceno da Nega” ao lado do elenco –
Foto: Reprodução/Internet

“ O meu público é principalmente infantil e da terceira-idade. As crianças me curtem de paixão. É uma loucura! Mas, eu não tenho muita paciência com elas. Trato-as bem, numa boa. Faço o meu truquezinho, mas não morro de amores. [...] Agora o pessoal da terceira-idade, meu amor é a minha verdadeira paixão! Eu gosto de passar horas e horas, sentado, conversando, para que eles possam passar para mim, as suas experiências de vida. É esse público que eu consigo levar aos meus espetáculos teatrais. Eu adoro a terceira-idade!

LAFFOND, 1999, pág. 67. ”

JORGE LAFFOND

A partir de 1995, ele criaria peças com foco na personalidade da Vera Verão, que virou parte importante da carreira dele dentro e fora das telas.



Jorge Laffond, Fafy Siqueira e André Rangel –
Foto: Reprodução/Internet



Jorge em “Vera Verão com a Bola na Mão” – Foto: Reprodução/Internet

Palcos

1974:	Brazilian Follies (bailarino).
1976:	Brasil Canta e Dança (bailarino); Movimento Black 1888 (diretor e bailarino).
1980:	O Guarani (bailarino).
1981:	O Campeonato dos Pombos (coreógrafo); A Visita de Oxalá ao Reino de Xangô (bailarino).
1982:	A Pensão dos Entendidos (ator).
1983:	Vargas (ator e bailarino).
1984:	Amizade Colorida (ator).
1985:	A Vingança da Bicha (ator); Amizade Colorida nº 2 (ator).
1986:	Dançando na Amizade: Ele e Seus Dois Maridos (ator); A Gargalhada do Peru (ator); Desse Jeito a Coisa Entorta (ator).
1987:	Garage Samba Brasil e Garage Samba Brasil nº 2 (ator, diretor e roteirista); Selva de Pedra/Tijolo – A Versão que a TV Não Ousou Mostrar (ator).
1988:	Salada Mista (ator); O Sassarico da Nega (ator, diretor e roteirista).
1989:	Oh, Que Delícia de Negras (ator).
1991:	O Sassarico da Nega 4 – A Missão (ator, diretor e roteirista).

1992:	Xu Preta (ator, diretor e roteirista).
1994:	O Sassarico da Nega – A Revanche Final (ator, diretor e roteirista).
1995:	Um Furacão Chamado Vera Verão (ator, diretor e roteirista).
1996:	Dois Atores, Duas Comédias (ator).
1998:	Vera Verão com a Bola na Mão (ator, diretor e roteirista).
1999:	Nasce uma Estrela (ator e diretor).
2000:	O Gordo e o Magro – Antes Só do que Mal Acompanhado (diretor e roteirista); Tribo das Monas (ator e roteirista).

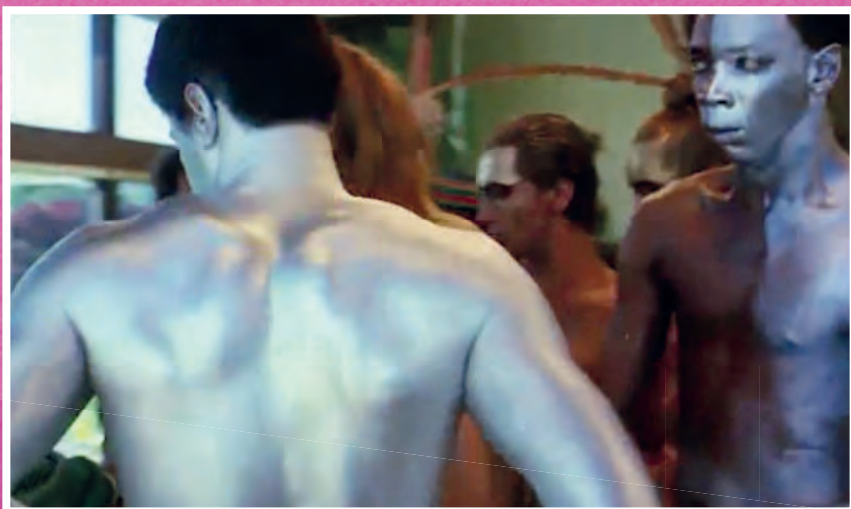
Observações: Baleia Lalá e Strip Tease, espetáculos que ele afirmou ter participado, não foram encontrados os anos ou divulgação em jornais.

Nas telas do cinema

Laffond, nas produções cinematográficas que participou, sempre ocupava um lugar de figurante ou elenco de apoio. Sempre com trajes, maquiagens extravagantes ou performances queer. A homossexualidade de Laffond era sempre explorada nas telas, seja para fazer rir ou apenas para criar uma cena de apoio em cenários que esses corpos poderiam ser encontrados: baladas, casas da classe média, camarins ou ruas escuras.

A etnia de Laffond também era usada como uma maneira de sexualizar o corpo negro, mas isso não ocorreu em todas as produções, o que foi diferente quando o tema era a sexualidade e performance de gênero dele. Em todas as participações dele no cinema, televisão e teatro, ele representou uma pessoa queer, mas isso não lhe incomodava, pois fora do cenário artístico, ele já era um corpo dissidente.

No cinema, de oito filmes que realizou, em seis deles, ele só recebeu personagens sem nome. As únicas exceções são em “Flores Ímpares”, que a personagem recebe o nome de Flor de Liz e “Saudações Tricolores”, que ele dá voz a ele mesmo enquanto Jorge Laffond e relata a paixão dele pelo time Fluminense. Em todos, porém, a presença da performance de um gênero não conforme está sempre presente, e suas aparições não duram mais de três minutos.



Laffond em “Rio Babilônia” – Foto: Reprodução/Internet



Laffond em “Bar Esperança” – Foto: Reprodução/Internet



Jorge Laffond em "Bete Balanço", filme de 1984 –
Foto: Reprodução/Internet



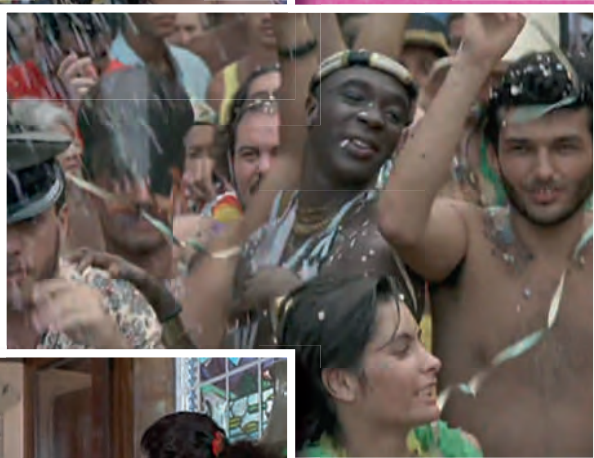
Laffond aparece apenas na cena de abertura por alguns minutos em “Rock Estrela” – Foto: Reprodução/Internet



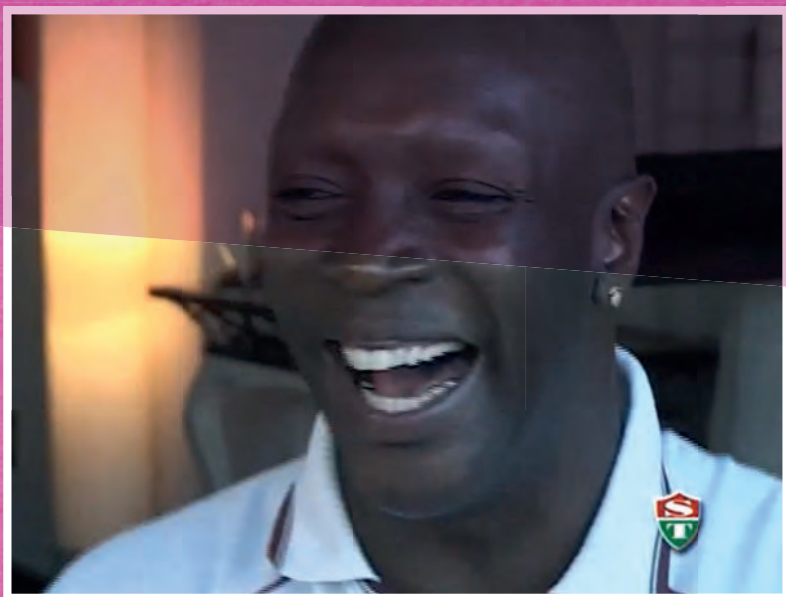
Laffond em “Flores Ímpares” – Foto: Acervo pessoal/Sung Sfai



Laffond em cenas de “Leila Diniz” – Foto: Reprodução/Internet



Laffond em cenas de “Leila Diniz” – Foto: Reprodução/Internet



Lafond em “Saudações Tricolores” – Foto: Reprodução/Internet

Cinema

- | | |
|--------------|--|
| 1982: | Rio Babilônia, de Neville d'Almeida. |
| 1983: | Bar Esperança – O Último que Fecha, de Hugo Carvana. |
| 1984: | Bete Balanço, de Lael Rodrigues. |
| 1985: | Rock Estrela, de Lael Rodrigues. |
| 1987: | Lela Diniz, de Luiz Carlos Lacerda. |
| 1989: | Sonhei com Você, de Ney Sant'Anna. |
| 1996: | Flores Ímpares, de Sung Sfai. |
| 2002: | Saudações Tricolores, de André Barcinski. |

JORGE LAFFOND

YARA NEIVA VERA VARGAS LITA CERQUEIRA THEL MONTENEGRO BIANCA BLONDE JUSSARA CALMON CARMEN NIETO ALICE EUNICE DA SILVA LEILA NOGUEIRA	LUZIMAR MARILIA PARANHOS MICHELE NAIIB MARCIO ROUBACH PEDRO CERQUEIRA ROBSON RIBEIRO VANDER DE CASTRO ARMINDA AMORIM JORGE LAFFOND EDIMAR FERNANDES	elenco adicional de travestis por JORGE MOURÃO e seu LOFT MARIZA UNICA PAULO ANGEL VANESSA e VALERIA
<p>MARGA ABI RAMIA JORGE LAFFOND MARCIA AGUIAR RAQUEL MAZZA SÉRGIO MAIA DELTA ARAUJO RUBEM JOSÉ OZÓRIO MENDES PAULO DE TARSO MAURÍCIO DE MELLO</p>		
<p>elenco de apoio</p> <p>ANDRÉA BELTRÃO CLAUDIO BALTAR MARIO DIAS COSTA MARCIO TRIGO JOSÉ JOFFILY PAULO ANTONIO MAGOULA JORGE LAFFOND PAULA GUIMARÃES PREUSS CLEBER FELIX BETTINA GRAZIANI RUI MARCOS FERREIRA</p>		
<p>elenco de apoio</p> <p>MARIA CRISTINA GATTI ISABELLA SECCHIN VIRGINIE MAIA SPRANDEL CHRISTIANA TAVARES PETE MARCHETTI CRIS MULLER MADU SALDANHA LUCIANA PESSANHA DAYSE TENÓRIO ROGÉRIO FABIANO ANDRÉ FELIPPE JORGE LAFFOND</p>		
<p>Participação Carinhosa</p> <p>BIA GEMAL JAYME GUIMARÃES RENATO NEVES MARISA FURTADO JORGE LAFFOND MÁRCIO MELGES JOSÉ ED VASCONCELOS</p>		
ROSE MARTINS YEDA DANTAS BRÉ GILBERTI JORGE LAFFOND CHICO GENOIR LUIZ CARLOS DE FREITAS PAULO ROBERTO FREIRE FUMAÇA	<p><i>Acompanhante de Moloquias</i> <i>Madalena</i> <i>Bêbado</i> <i>Apresentador da Boite</i> <i>Dublê de Jose Rico</i> <i>Dublê de Millionario</i> <i>Sósia de Jose Rico</i> <i>Sósia de Millionario</i></p>	

Laffond sendo creditado nas produções audiovisuais que realizou.
Em ordem: “Rio Babilônia”; “Bar Esperança”; “Bete Balanço”;
“Rock Estrela”; “Leila Diniz”; “Sonhei com Você” –
Foto: Reprodução/Internet



**3. CORPO
ESPETÁCULO**

Das passarelas do Rio e de São Paulo

Em 1990, Laffond marcou o carnaval brasileiro e mudou toda a regulamentação dos desfiles no Rio³⁶ após ter desfilado completamente nu na Beija-Flor, com o enredo “Todo Mundo Nasceu Nu”.

No desfile, Laffond foi um dos destaques, apresentando-se nu, com a genitália adornada apenas com uma pena e lantejoulas. Naquele ano, a escola ficou em segundo lugar. Mas, a nudez no carnaval foi proibida no ano seguinte. Não foi só por meio da televisão que Laffond provocou, abalou estruturas e mexeu no vespeiro social brasileiro. À época, muitos jornais falaram sobre a ação disruptiva de Laffond no carnaval, pois chocou a todos.

O estopim, porém, se deu em 1989, quando a modelo Enoli Lara desfilou nua no carro “Roma pagã”, da União da Ilha, que levou à Sapucaí o enredo “Festa Profana”. Em reação ao despudor de Enoli, a Liesa (Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro) estabeleceu que, a partir de 1990, estaria proibida a “genitália desnuda” nos desfiles.

³⁶ Como a ousadia de Jorge Lafond mudou o regulamento do carnaval carioca. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/repinique/post/2023/03/como-a-ousadia-de-jorge-lafond-mudou-o-regulamento-do-carnaval-carioca.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Contudo, no ano seguinte, Joãozinho Trinta levou para a Marquês de Sapucaí o “Todo Mundo Nasceu Nu”, e colocou Laffond do alto de um vulcão com o corpo completamente desnudo e a genitália apenas decorada. A Liesa, então, se viu obrigada novamente a reagir e estabeleceu que, a partir daquele ano, estariam proibidas genitálias desnudas, pintadas ou decoradas.

“**No carnaval de 1990, morava em um prédio de militares nas Laranjeiras. Lembro-me que havia desfilado completamente nu. Acordei era terça-feira, e fui comprar o pão. Quando olho na banca de jornal, eu estava estampando todos os jornais em primeira página, nu...!, completamente pelado! Quando retornei para casa, minha mãe que saía da maternidade às 8 horas da manhã, já se encontrava lá. Ela estava com o jornal na mão. Quando abri a porta... levei uma surra de jornal. “Que pouca vergonha é essa!”, falava a minha mãe.**”

LAFFOND, 1999, pág. 70.

Contudo, em 1985, foi quando Laffond estreou no carnaval, no sambódromo³⁷ da Marquês de Sapucaí, no Rio, pela Beija-Flor no enredo “A Lapa de Adão e Eva”.

Laffond sempre foi do samba, do carnaval e apreciador das representações afro-brasileiras da cultura. Não à toa, passou a desfilar também nos anos seguintes.

A ideia do enredo foi baseada em um livro que afirmava que as rochas cariocas são as mais antigas da Terra, a Pedra do Pão de Açúcar. Na imaginação do carnavalesco Joãozinho, personagens bíblicos como Adão e Eva foram transportados para a realidade carioca.

³⁷ Galeria do Samba – As escolas de samba do Rio de Janeiro – Carnaval de 1985 – Beija-Flor de Nilópolis. Galeria do Samba. Disponível em: <<https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/beija-flor-de-nilopolis/1985/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Laffond à época, foi a serpente no corpo de Madame Satã, anos antes de dar vida a mesma figura na telenovela “Kananga do Japão”. Laffond foi considerado por muitos a Madame Satã do século 21.

“ Em 1985, eu estava desfilando pela Beija-Flor no enredo chamado: “A Lapa de Adão e Eva”, e transei com um galã na concentração da Escola de Samba, ou melhor dizendo, debaixo do carro alegórico. Foi uma coisa emocionante! Eu enxergava milhares de pezinhos andando para lá e para cá. Só teve uma hora de grande perturbação, quando deram o apito que iriam empurrar o carro, para colocá-lo dentro da área de concentração. Isso foi uma perturbação! Além de estar debaixo do carro, a bicha quase foi morta, atropelada. ”

LAFFOND, 1999, pág. 89.

Em 1989, ele integrou³⁸ o samba-enredo da Beija-Flor “Ratos e Urubus, Larguem Minha Fantasia”, em que Joãozinho Trinta causou um enorme alvoroço, e marcou a Marquês de Sapucaí com um dos desfiles mais impactantes da história do carnaval carioca.

Naquele ano, houve uma polêmica envolvendo o enredo e a escola de samba. O carro abre-alas traria uma reprodução do Cristo Redentor vestido como um mendigo. No entanto, às vésperas do carnaval, a Arquidiocese do Rio de Janeiro, representada pela igreja católica, conseguiu uma ordem judicial proibindo a apresentação da alegoria. Joãozinho não se deu por vencido: cobriu a alegoria com um plástico preto e acrescentou uma faixa com a frase “mesmo proibido, olhai por nós”.

³⁸ Em entrevista, a ex-colega de Laffond, Rosane Alves, afirmou que desfilou com ele. Sem muita memória, ela apenas disse que se lembra porque estava lotado e usaram “trapos” como roupa.

“ A preparação do meu corpo para o Carnaval é muito engraçada! Em setembro, eu começo o meu tratamento, o meu regime, a minha ginástica. É setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro, praticamente sem comer, só cuidando do corpo — para colocar uma exuberância no próprio corpo, para que o público possa ver-me, uma vez por ano, completamente nu, na Marquês de Sapucaí. Nos meses de: abril, maio, junho e julho, eu estou uma verdadeira anta! Como tudo o que não pude nos meses anteriores... É uma derrota! ”

LAFFOND, 1999, pág. 93.

Nos carnavais, Laffond abusava da pele à mostra, ficando nu ou seminu.



Laffond em desfile de estreia em 1985 – Foto: Reprodução/O Globo



Laffond em desfile de 1985 – Foto: Reprodução/O Globo



Laffond em desfile de 1990 que mudou o regulamento da Liesa no ano seguinte – Foto: Reprodução/O Globo



Laffond em desfile de 1990 – Foto: Reprodução/O Globo



Laffond em desfile de 1990 – Foto: Reprodução/O Globo



Laffond em desfile de 1990 – Foto: Reprodução/O Globo

Em 1991, após a proibição da nudez no carnaval, Laffond reagiu à altura, mas com deboche. Ele desfilou na Beija-Flor e na Império Serrano naquele ano. Sabendo agora da nova regra, ele vestiu-se apenas com uma placa de proibição de trânsito na parte íntima em resposta à Liesa no enredo “É por aí que eu vou”, na Império³⁹. Em 1991, Laffond também desfilou na Beija-Flor⁴⁰, e vestiu-se de Alice. O enredo “Alice no Brasil das Maravilhas” foi uma adaptação da obra literária “Alice no País das Maravilhas” para o contexto brasileiro. No final do carnaval, ele mais uma vez virou notícia por suas polemizações carnavalescas.

Após ter desfilado na Beija-Flor naquele ano, Laffond se desentendeu com Joãozinho Trinta, e passou a desfilhar em outras escolas de samba, mesmo já fazendo isso anos antes. A Imperatriz Leopoldinense virou a escola de Laffond, em 1993, por seis anos, até 1998.

“O mundo do samba ficou muito curioso em saber porque aconteceu o meu afastamento, a minha saída da Beija-Flor em 1991. Foi uma discussão que tive com o Joãozinho Trinta. Ele havia me prometido um setor na Escola e não cumpriu. Eu me exaltei. Foi uma “baixaria” e eu me afastei da Escola. [...] Dois anos depois, consegui fazer um trabalho maravilhoso durante seis anos pela Imperatriz Leopoldinense.”

LAFFOND, 1999, pág. 89 e 90.

³⁹ REDAÇÃO CN1 BRASIL. Império Serrano – relembando o desfile de 1991 – “É por aí que eu vou” - CN1 Brasil. CN1 Brasil. Disponível em: <<https://cn1brasil.com.br/imperio-serrano-relembando-o-desfile-de-1991-e-por-ai-que-eu-vou/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

⁴⁰ Galeria do Samba – As escolas de samba do Rio de Janeiro – Carnaval de 1991 – Beija-Flor de Nilópolis. Galeria do Samba – As escolas de samba do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/beija-flor-de-nilopolis/1991/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Em 1992, Laffond foi o enredo da escola Unidos do Anil⁴¹ no carnaval “Mas que Nega é Essa?” A letra descrevia a vida de Laffond e ainda fazia referências à Vera Verão. A escola ficou em primeiro lugar no grupo 2 naquele ano, onde ficam as escolas que estão competindo para chegar ao grupo especial, e foi o primeiro desfile que tinha Laffond como samba-enredo.

“**No início dos anos 90, fui “enredo” de um bloco no bairro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, chamado: “Unidos do Anil”, onde o carnavalesco era: Ramiro Montalvão. Ele prestou-me uma homenagem com um enredo chamado: “Mas que nega é essa?”. E, eu tive a sorte de ser campeão do carnaval daquele ano, na avenida 28 de setembro.**”

LAFFOND, 1999, pág. 90.

⁴¹ Espaço Aberto - Jorge Lafond foi enredo duas vezes no RJ - Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.galeriadosamba.com.br/espaco-aberto/topico/jorge-lafond-foi-enredo-duas-vezes-no-rj/250121/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Samba-enredo⁴² daquele ano:

*Será que é ele?
Será que é ela?
O sorriso dessa negra
Encantando a passarela*

*Será que é ele?
Será que é ela?
O sorriso dessa negra
Encantando a passarela*

*Brasil, meu Brasil
É isso aí vamos sonhar
Já com fama, moradia
E muita grana pra gastar
Corrupção não existe
Sem racismo social
As crianças vivem livre
É o paraíso no país do Carnaval
Mas tudo que é bom dura pouco
E vem um leão despertar
Com um sonho novo
[?] vai continuar*

*Jorge Laffond entra nessa
Desfruta o Adão, boneca de piche
Tropical, anil
Virou Vera Verão
(Mas que nega é essa?)*

*Jorge Laffond entra nessa
Desfruta o Adão, boneca de piche
Tropical, anil
Virou Vera Verão
(Mas que nega é essa?)*

*No seu luau, segue a brilhar
O Anil na avenida vem homenagear
O artista talentoso
Com tua graça e esplendor
Traz consigo a cultura
Sim senhor
Dois pra lá, para o lado de lá vou
viajar
O seu nome virou fama
Na passarela a desfilar
Com a força dos seus orixás
Mais que um sonho de artista
Vira destaque e sambista
Encantando essa festa popular*

⁴² Único samba-enredo escolhido porque tem Laffond como foco principal.

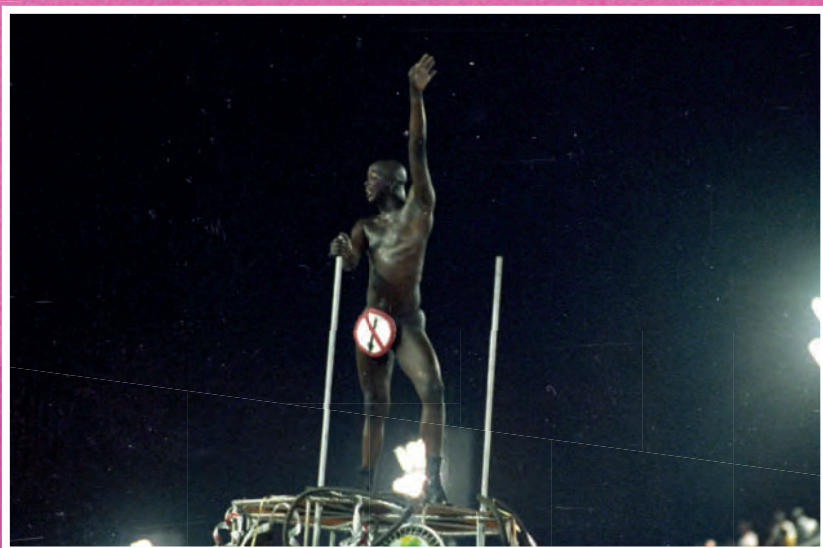
“ Em todos os personagens que eu venho desempenhando, à nível de carnaval na Marquês de Sapucaí, para cada letra do samba, para cada acorde, para cada pedaço de batida da bateria, eu tenho um gesto, uma posição, uma interpretação – ou mão, ou perna, ou quadril, ou cabeça. Isso eu faço questão de mostrar como uma performance. Por isso, eu desfilo no carnaval sempre nu, mas nunca repetitivo – à nível de gestos, de posicionamento de pernas e mãos. A estrutura, realmente, você não pode perder. ”

LAFFOND, 1999, pág. 94.

Em 1993, Laffond passou a desfilar somente pela Imperatriz Leopoldinense, pelo menos até 1998, quando retorna à Beija-Flor.



Laffond em desfile de 1991 – Foto: Reprodução/O Globo



Laffond em desfile de 1991 – Foto: Reprodução/O Globo



Laffond em desfile de 1992 – Foto: Reprodução/O Globo



Laffond em desfile de 1993 – Foto: Reprodução/O Globo



Laffond em desfile de 1995 – Foto: Reprodução/O Globo



Laffond em desfile de 1996 – Foto: Reprodução/O Globo

Anos depois, em 2002, Laffond desfilou pela última vez e foi como a Vera Verão no tema do samba-enredo. Desta vez, desfilando em São Paulo, a escola Unidos de São Lucas teve como tema “Humor, Humoral, Humorizado. Manuel de Nóbrega e os Filhos do Riso”.

À época, Laffond foi a madrinha da bateria naquele ano, sendo considerado até hoje como o primeiro homem que foi madrinha de bateria, e a participação dele como Vera Verão foi um destaque do desfile.

O samba-enredo prestou homenagem a Manuel de Nóbrega, o famoso comediante brasileiro e pai de Carlos Alberto de Nóbrega.

“**Para mim, a escola de samba quando entra na avenida e eu estou num carro alegórico, é a mesma coisa que estivesse interpretando um espetáculo teatral. Quando a cortina abre, estou ali interpretando para o público. É exatamente o que eu coloco na minha cabeça: Que simplesmente, aquela ópera toda é única!**”

LAFFOND, 1999, pág. 94.

Laffond, sempre foi muito transgressor e disruptivo, em todas as esferas artísticas, e no carnaval, não foi diferente. Desde 1985 ele foi destaque, causou burburinhos e movimentações questionadoras que só o corpo negro, queer e afeminado pode fazer, e os sambódromos do Rio e de São Paulo foram mais um dos palcos que ele atraiu a atenção.

Além disso, a mídia sempre esteve despreparada para noticiar a vida e atuações no cenário artístico dele. No carnaval e fora, a figura de Laffond e a de Vera Verão se confundiam, e os veículos associavam o gênero feminino a ele ou o masculino a Vera Verão. Ele colocava em dúvida até

jornais e revistas tradicionais da época, como a *Manchete*⁴³, que, em 2000, não soube se referir a ele. “Jorge Lafond como padrinho (?) da bateria”.

Não só Laffond, mas também Vera, que recebia sempre o artigo masculino no início “O Vera Verão”, e eram raras as vezes que a identidade de ambos fosse respeitada. Enquanto Laffond era um homem gay e negro que vivia do humor, Vera Verão era uma travesti que causava rebuliço e risadas na sociedade da época. De toda forma, os dois confundiram e transgrediram os moldes sociais daquele período – nos palcos, cinema, televisão e passarelas.

⁴³ *Manchete*. Ed. 2498. Pág. 58. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pesq=%22jorge%20lafond%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=312981>>. Acesso em: 15 out. 2023.



Laffond em desfile de 1996 – Foto: Reprodução/Internet



Laffond em desfile de 1997 – Foto: Reprodução/O Globo



Laffond em desfile de 1998 – Foto: Reprodução/O Globo



Laffond como Vera Verão em desfile de 2002 – Foto: Reprodução/Internet

Carnavais

- 1985:** A Lapa de Adão e Eva (Beija-Flor).
- 1986:** O Mundo É Uma Bola (Beija-Flor).
- 1987:** As Mágicas Luzes da Ribalta (Beija-Flor).
- 1989:** Ratos e Urubus, Larguem Minha Fantasia (Beija-Flor); Liberdade, Liberdade, Abre as Asas sobre Nós (Imperatriz Leopoldinense); Festa Profana (União da Ilha).
- 1990:** Todo Mundo Nasceu Nu (Beija-Flor); Sonhar Com Rei Dá João (União da Ilha).
- 1991:** Alice no Brasil das Maravilhas (Beija-Flor); É por aí que eu vou (Império Serrano).
- 1992:** De Quatro em Quatro Eu Chego Lá (Acadêmicos de Santa Cruz); Mas Que Nega é Essa? (Unidos do Anil)⁴⁴; Da Cor do Pecado (Unidos da Ponte).
- 1993:** Marquês que é Marquês do Sassarico é Freguês (Imperatriz Leopoldinense).
- 1994:** Catarina de Médicis na Corte dos Tupinambôs e Tabajeres (Imperatriz Leopoldinense).
- 1995:** Mais Vale um Jegue que me Carregue, que um Camelo que me Derrube Lá no Ceará (Imperatriz Leopoldinense).
- 1996:** Leopoldina, a Imperatriz do Brasil (Imperatriz Leopoldinense).

⁴⁴ Foi tema do samba-enredo.

- 1997:** Eu Sou da Lira Não Posso Negar (Imperatriz Leopoldinense).
- 1998:** Pará – O Mundo Místico dos Caruanas nas Águas do Patu-anu (Beija-Flor).
- 2000:** Quem Descobriu o Brasil, Foi Seu Cabral, no Dia 22 de Abril, Dois Meses Depois do Carnaval (Imperatriz Leopoldinense).
- 2002:** Humor, Humoral, Humorizado. Manuel de Nóbrega e os Filhos do Riso (Unidos de São Lucas).



**4. DESLIGUE AS
CÂMERAS — JORGE
LUIZ DE SOUZA
LIMA II**

| Diamantina, a mãe

Jorge Laffond viveu grande parte da vida dele apenas com a mãe. Diamantina Nogueira Lima, registrada em 26 de agosto de 1933, era uma mulher negra, que precisou enfrentar o machismo e o racismo da época para criar Laffond, uma criança que também seria vítima, primeiramente do racismo e, logo depois, da homofobia. Ambos não desistiram.

Laffond e Diamantina tinham personalidades fortes. Ela, mais contida, enquanto ele, sempre foi mais combativo. Mas nunca com ela. Ele afirmou em autobiografia que nunca aumentou o tom da voz para a mãe dele. E se levantasse, ficaria sem os dentes, pois a voz atava realmente era dela.

Ele sempre buscou dar uma vida boa e confortável para a mãe, pois na realidade em que viviam, os dois não eram felizes. Com o sucesso que ele conseguiu a partir dos anos 1980, ele pôde dar um pouco de melhora de vida para Diamantina.

A mãe de Laffond, segundo ele, era uma mulher bem-humorada. Iniciava o expediente na Maternidade-Escola como telefonista às 19h, mas costumava deixar o lar aproximadamente às 14h. Ela tinha o hábito de percorrer as ruas da Alfândega e do Ouvidor, no Rio, para comprar lotes de calcinhas, onde era encontrado naquele período ofertas do tipo “7 calcinhas por R\$ 1”, e amava comprar também panos de prato, especialmente aqueles adornados com babados.

“O que não faltava para a minha mãe era calcinha! Eu como tinha que fazer shows também, ainda roubava as suas que combinavam de acordo com os meus vestidos. Ela ficava louca! – “Jorge, você viu as minhas calcinhas?”. Eu dizia: ‘Não sei! Acho que o Foguinho pegou!’ (Foguinho era o nome do meu cachorro).”

LAFFOND, 1999, pág. 20 e 21.

Embora não tenha conseguido oferecer tudo o que desejava para a mãe, eles conseguiram superar um período de extrema pobreza, e Diamantina acabou bem estabelecida. Sua mãe, no entanto, nunca chegou a conhecer a cobertura no Recreio dos Bandeirantes, no Rio.

Entre os causos que viveu com a mãe, Laffond dividiu também em autobiografia que houve uma vez em que ele instruiu Ernesto, o sapateiro de confiança dele, a confeccionar uma bota de verniz com um salto alto para uso diário e para ir às festas. No mesmo período que pegou as botas finalizadas, ele cortou um shortinho jeans, que ficou bastante curto. Contudo, quando Laffond estava se arrumando em determinado dia para sair para o Morro da Urca após o banho, ele foi procurar o short e as botas, mas eles haviam desaparecido. Diamantina tinha sumido com seus calçados e seu short, e eles nunca mais apareceram.

Em todas as escolas de samba em que ele desfilou, a mãe dele também vinha atrás. Ela não ficava em casa. Se ele desfilasse na Beija-Flor ou na Imperatriz, em qualquer lugar que fosse, ela iria. Onde houvesse uma roupa, ela queria desfilar. Ele compartilhou na autobiografia que na última escola em que desfilou com a mãe, a Acadêmicos de Santa Cruz, Diamantina também saiu na ala das baianas. No dia, ela se cansou muito por causa da roupa, que era pesada, mas desfilou até o final.

Contudo, ele perdeu a mãe de uma maneira trágica e, por isso, também ficou abalado após a morte dela. Segundo entrevistas com dois amigos íntimos de Laffond, Neno Ferreira e André Zeppelin, a mãe dele cometeu suicídio entre os anos 1990, mas

não souberam precisar a data. “Laffond ficou muito abalado na época, e como vivíamos juntos, todos comentavam sobre isso. Foi de fato uma tragédia”, disse Neno em ligação.

Em entrevista à Marília Gabriela, em 1999, Laffond dizia que a mãe havia tomado remédios por engano e que a morte dela aconteceu por uma negligência médica quando foi fazer uma lavagem estomacal. Mas, de acordo com os entrevistados, não foi isso que realmente aconteceu. Independentemente de como Diamantina morreu, Laffond ficou abalado.

O choque após saber da morte da mãe, porém, logo foi superado ou abafado, e continuou vivendo do humor, mesmo com os problemas pessoais e internos, o riso era o que curava ele. Coincidentemente, o psicanalista Freud, dizia que o humor é um mecanismo de defesa com a tarefa de impedir a geração de desprazer⁴⁵, é uma forma do sujeito lidar com as dores de existir (Freud, 1905); o meio pelo qual o sujeito se recusa a sofrer (Freud, 1927). Provavelmente, foi o que ocorreu com Laffond.



Mãe de Laffond – Foto: Vera Verão:
Bofes & Babados

“**Eu só guardo alegrias ao falar de minha mãe. Não vejo mamãe como uma mulher-morta. Coloquei na minha cabeça que minha mãe conseguiu um bofe supermaravilhoso, pegou um avião, e falou assim: “Meu filho, você está criado! Agora vou cuidar de minha vida!”**”

LAFFOND, 1999, pág. 19.

⁴⁵ Fazer rir para não chorar – abordagem psicanalítica do humor. Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica. Disponível em: <https://www.apppp.pt/revista/vol-7-n-1-junho-2016/fazer-rir-para-nao-chorar-abordagem-psicanalitica-do-humor_53#:~:text=O%20humor%20%C3%A9%20um%20mecanismo,das%20ilus%C3%B5es%20narc%C3%ADsicas%20do%20Ego.>. Acesso em: 15 out. 2023.

Indivíduo político

Filho de Oxumaré, divindade ligada à transformação e à passagem do tempo, o orixá assume forma feminina e masculina, assim como Laffond, que sempre transitou entre os gêneros. Adepto do candomblé, ele falava sem medo da religião dele, o que não era comum naquele tempo, já que as religiões de matrizes afro-brasileiras eram vistas, e ainda são, de maneiras negativas.



Laffond ao lado de mesa com objetos religiosos –
Foto: Reprodução/Internet

Embora negro e homossexual, Laffond nunca dizia que sofria preconceito, pois sabia lidar com a situação. Mas, há dois casos na mídia que evidenciam o racismo que ele sofreu. O primeiro, foi no início da carreira dele, quando ainda estava no balé do “Fantástico”, e o segundo foi já no auge da fama, quando foi impossibilitado de entrar numa agência bancária do Banco do Brasil na Mooca, em São Paulo, pois foi barrado cinco vezes na porta giratória.

“Mesmo após ter colocado celular, óculos, correntes, pulseiras e relógio no guarda-volume, o segurança não destravou a porta. O gerente viu toda a confusão e não fez nada. Os dois ficaram olhando para mim e dando risada. Isso é preconceito”, afirmou ele em entrevista à Folha de S. Paulo⁴⁶, em 1997. No final, Laffond foi defendido pelo advogado Sylvio Guerra e ganhou o caso, e o gerente e o segurança do banco foram demitidos e o Banco pagou uma indenização para Laffond.

Já no balé do “Fantástico”, o que aconteceu foi que após o fim do contrato, Laffond ainda queria continuar na TV Globo e, para isso, levou o currículo dele para uma seleção de elenco. Chegando lá, o produtor de elenco disse para ele que só estavam em busca de “Richard Burton” e “Marilyn Monroe”, dois artistas brancos. Na hora, Laffond respondeu: “Quando vocês estiverem contratando Sidney Poitier [ator negro ganhador de dois Oscars], mandem me chamar.” Depois, o Cecil Thiré, diretor de programas da Globo, chamou Laffond para o “Viva o Gordo”, onde ele ficou por alguns anos.

Além disso, Laffond também atuava na ONG LGBTQI+ Aganim, do Neno Ferreira, jornalista que foi amigo íntimo dele, e até chegaram a ter um breve romance. “Laffond sempre dava uma força na ONG e nos eventos que eu fazia. Houve um evento de crianças soropositivas que realizei e reuni muitos famosos, e Laffond também esteve lá. Fora dos eventos, ele também me ajudava distribuindo marmitas pelos bairros do Rio”, recorda Neno.

⁴⁶ Folha de S.Paulo – Ator acusa gerente e segurança de banco de preconceito racial – 15/10/97. Uol.com.br. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff151007.htm>>. Acesso em: 15 out. 2023.

A ONG ficava no município de Mesquita, no Rio. Laffond sempre esteve nos espaços de atuação LGBTQIAP+ e de pessoas negras, como o coletivo e bloco afro Agbara Dudu, pontua Neno. Mas ele também afirmou que o ex-amigo não gostava de militância de nenhum dos lados, negros e gays, pois achava uma perda de tempo. Laffond também não ia à muitas paradas de orgulho LGBTQIAP+, só foi em algumas, mas sempre de maneira afastada, sem se envolver muito.



Laffond na juventude – Foto: Vera Verão: Bofes & Babados

Embora não levantasse bandeira, Laffond já atuava de maneira política por meio do humor, e pelas falas que defendia em plena televisão aberta nas casas dos brasileiros, como o respeito à sexualidade alheia, o combate ao racismo, as pautas de mulheres trans, como Roberta Close e Rogéria, que era amigo, e também sobre a questão do HIV/Aids. Ele trazia à tona, sempre que podia, assuntos que não eram comentados, mas sempre num tom de humor, porque, provavelmente sabia que, se adotasse um tom mais sério, não seria ouvido.

Em 1993, ele foi na estreia do programa de Elke Maravilha, a modelo, jurada e apresentadora que também se tornou uma figura única no cenário brasileiro midiático. Laffond e Elke protagonizaram um diálogo superimportante em rede nacional. “O que você pensa da situação do negro e do homossexual no Brasil?”, Elke perguntou. “Quando se trata de negros é meio apertada, é uma coisa perigosa. Tem esses dois preconceitos, de ser negro e de ser homossexual. Pra mim,

eu não dou pelota [...]. Eu levo minha vida do jeito que eu sempre considereirei [...]. Mas eu sei que pras outras pessoas se torna uma coisa muito pesada [...]. Pra mim, seriam três: além de ser negro, [sou] homossexual e artista. São três preconceitos fortíssimos.”

Carlos Alberto de Nóbrega, dono do “A Praça é Nossa” e na época chefe de Laffond, também foi chamado para a estreia, mas ficou quase um bloco inteiro em silêncio enquanto os dois conversavam. Laffond e Elke terminaram a entrevista dizendo que o sonho de ambos era o fim da Aids num programa que ia ao ar às tardes de terças.

Mesmo que não percebesse, agia de maneira política, pois sempre teve consciência de classe, raça e gênero. Em entrevista à Marília Gabriela, ele também havia celebrado a eleição de Benedita da Silva como vice-governadora do Rio de Janeiro na chapa de Antony Garotinho, em 1998.

“Nos espaços LGBTQ+ e negros, como o Agbara Dudu, ele ia mais pela arte, pela música, era isso que ele gostava. Quando chegava a parte da militância, ele se afastava”, insere Neno.

Da noite gay à roda de samba de dia, Laffond transitava e gostava de ser alimentado pelas artes negras e queer brasileira. Rodas de pagodes enchiam o coração dele, e shows de drags também. Ele tinha amizades com homens e mulheres de todas as idades, pois não discriminava ninguém. Prostitutas, travestis e marginalizados, sempre fizeram parte da vida dele.

| Intimidades

Laffond afirmava no livro dele que sempre teve muita sorte em todos os seus relacionamentos, e que nunca houve um homem para explorá-lo ou interessado em dinheiro. Porém, ele foi uma pessoa que não teve muitos homens negros na vida. Homem negro, que ele se lembre, só um. Além disso, passou por relacionamentos abusivos e alguns casos pouco duradouros.

Na mídia, ele sempre aparecia falando sobre os relacionamentos que tinha, mesmo nunca citando nomes. Os únicos que são citados no livro de Laffond são Alex, Fran, Sidney e Rô, um militar da marinha, e Nascimento. Mas havia também o jogador de futebol, um ator da Malhação etc. A vida íntima e os relacionamentos de Laffond sempre foram muito confusos e guardados a sete chaves, pois ele também dizia que já havia sido noivo e casado com outra pessoa, mas isso nunca foi explorado pela mídia. Flavia Cirino, também uma amiga dele, disse em ligação, que havia também um rapaz que era chamado de “Marcelona”, e que eles tinham um relacionamento de anos, mas também não soube dar mais informações a respeito.

Em 1983, Laffond havia arranjado um namorado bonito, loiro, o Sidney. Ele só tinha um pequeno defeito que era um dente da frente que teria que ser extraído para colocar uma ponte para aperfeiçoar a estética da boca. Laffond, sabendo disso, investiu no tratamento para o namorado da época. Ele colocou o dente no rapaz, mas quando ele não tinha dente, ninguém o queria e, logo depois, todo mundo começou a correr atrás de Sidney.

“Uma vez fui a uma discoteca gay da cidade. O bofe estava lá lindamente, dando show, mostrando-se para as bichas. Ah! Meu amor, eu não perdi tempo! Avancei na boca do bofe, peguei meu dente e trouxe de volta!”

LAFFOND, 1999, pág. 43.

No final dos anos 80, Laffond também teve uma experiência de transar a três com um ator e uma atriz, e gostou. Mas também já realizou o mesmo com dois outros amigos homens, só que não gostou da mesma forma como a anterior, pois foi mais desconfortável para ele.

Na faixa dos 20 anos, Laffond teve uma grande paixão. Ele ficou realmente enlouquecido. Poderia fazer tudo por esse rapaz. Era alguém que a família inteira dele gostava. Fran, era o seu nome. Fran foi uma pessoa

maravilhosa para ele, contou Laffond em livro. Enquanto ainda morava no Rio de Janeiro, em Niterói, eles se viam sempre. Fran tinha uma “coisa muito legal”, que aprendeu com o ator: jogar limpo, ser franco. Nessa época, ele foi embora do Rio para trabalhar em São Paulo, numa fast-food, e Laffond ficou enlouquecido e foi para São Paulo visitá-lo, mesmo sem saber como ir ou sobre a cidade.



Laffond flagrado saindo do banho –
Foto: Vera Verão: Bofes & Babados

No livro, Laffond também fala sobre Alex, que foi uma pessoa superdependente de tudo, principalmente, de afeto. Rô, o militar da marinha, e Nascimento também são citados. Nascimento e Rô, porém, foram casos abusivos. Rô ele conheceu em uma boate do Rio, e ficou com ele durante três anos, sendo o último ano de bastante conflito.

“ Eu dei um tempo para que ele sáisse do apartamento. Daí pra frente, foi “lance” de muita agressividade. Bateu-me com uma máquina de escrever na cabeça, jogou-me em cima da cama, tentando me enforcar. Na época, eu tinha feito um tratamento dentário [...] e quando ele veio com o “lance” de querer me enformar, mordi o braço dele trazendo até um pedaço de pele em minha boca. Ele ficou apavorado com o sangue e correu para o banheiro. Foi quando peguei o telefone rapidamente e liguei para uma outra amiga [...] e, às duas da manhã conseguimos, então, tirá-lo de casa. ”

LAFFOND, 1999, pág. 51.

Após Laffond ligar para a amiga dele, ela chamou a polícia naquela noite e só assim foi possível conter o caos daquele dia. Logo depois, Nascimento sumiu da vida dele.

“ Eu não sei o que acontece com esses relacionamentos. Sempre digo que, por mais que você deixe de gostar da pessoa, quando o relacionamento acaba, você não precisa ficar com ódio. ”

LAFFOND, 1999, pág. 56.

Além desses, houve também um empresário, que Laffond conheceu na noite do Rio. Ele era um homem que estava noivo, mas mesmo assim eles se encontravam sempre que podiam. O caso envolvendo um ator também envolveu agressão, o que fez Laffond precisar usar uma tala no braço por um tempo, e no mesmo período, ele estava lançando a autobiografia dele, como compartilhou em entrevista à Raça, em 1999.

“O tipo de homem que cria certa curiosidade a meu respeito é uma coisa efêmera: são adolescentes, são os casados... Existem pessoas com quem eu já tive uma única transa, que nunca transaram com ninguém, não gostaram, e não tiveram mais esta prática. Houve apenas curiosidade de como seria deitar uma noite com uma pessoa do mesmo sexo, ao mesmo tempo sabendo que aquela pessoa faz o personagem feminino.”

LAFFOND, 1999, pág. 107.

Laffond sempre foi atrelado a pautas sexuais e de relacionamentos quando não estava falando sobre a Vera Verão ou montagens de espetáculos. O que, consequentemente, fazia ele sempre falar desses assuntos, mas de maneira superficial apenas para render a participação dele nos programas que ia e nas entrevistas que dava. Ele nunca pôde, ou nunca quis, expor algum relacionamento que tinha.

Todavia, é possível perceber que ele também preferia se relacionar com homens gays ou bissexuais dentro do armário. Ele sempre se sentiu atraído por homens altos e fortes, os denominados padrões. Ele também acreditava que se fosse mulher, não teria tido tantos homens na vida dele. Ele teve todas as oportunidades, que todas as mulheres do mundo, gostariam de ter, afirmava ele.

“Sou o tipo de ser humano que me apaixono muito rápido. Não aquela coisa de dizer que eu seja uma pessoa carente de afeto. Geralmente quando bato os olhos em uma pessoa, e ela me corresponde de alguma maneira, eu vou lutar por ela até o final! (Mesmo que não seja correspondido – É muito difícil isto acontecer!) As minhas tacadas são sempre muito certeiras! Eu sou uma pessoa que não nasceu pra viver sozinha!”

LAFFOND, 1999, pág. 45.

Laffond, quando o assunto era sexo, sempre se dizia muito cuidadoso e morria de medo de contrair ao vírus do HIV/Aids, e ele sempre foi muito ativo sexualmente, pelo menos após os 19 anos de idade. Antes disso, nunca teve uma vida sexual ativa, apenas experiências sexuais periódicas. Ele afirma que perdeu a virgindade aos 13 anos, com um garoto de 16. Depois disso, só foi saber o que era “orgasmo” aos 19.

A partir disso, teve mais consciência da prática sexual e passou a fazer quando podia, o que também não era sempre. Ele, na verdade, era mais viciado em vídeos pornô, e o sexo casual raramente acontecia. Ele primeiro tinha que conhecer a pessoa para transar. E nunca teve uma experiência com mulher.

“Apesar de todos os relacionamentos que eu tive até hoje, todos eles foram praticados com muito cuidado. Acima de tudo: eu sempre usei camisinha. Sempre tive muito medo desse lance todo. Na minha época não era esse “lance” da Aids, as doenças que existam eram as doenças venéreas mesmo”. [...] Tempos depois, nos anos 80, foi que veio essa maldita chamada Aids.”

LAFFOND, 1999, pág. 40.

Rio, São Paulo, vida cotidiana e a aspiração empreendedora

Laffond, que sempre viveu entre Rio de Janeiro e São Paulo, seja para gravar o “A Praça é Nossa” ou para apresentar os espetáculos que dirigia ou atuava, ele morou por um tempo no bairro Vila Buarque, em São Paulo, no edifício Santa Mônica, na rua Maria Antônia.

“Laffond sempre foi um morador bastante reservado, totalmente diferente do que era na televisão. Lembro de sempre ver ele chegando de madrugada no carro dele, mas nunca levava ninguém para o apartamento dele”, afirmou em ligação Augusto Santana, o zelador do edifício há mais de dez anos. “Nunca houve nenhuma reclamação dele por parte dos vizinhos e nunca fez festas ou barulhos por lá”, completa.

Em São Paulo, ele também comprou uma casa no início dos anos 2000, em Mairiporã, interior da capital paulista. A casa era da atriz Cássia Kis, artista que Laffond também chegou a gostar enquanto estava vivo. A casa, foi a última residência ele ficou antes de falecer, pois não queria receber visitas de amigos que estavam concentrados no Rio. Cássia, Christiane Torloni, Alcione, Elza Soares, Jovelina Pérola Negra, Emílio Santiago, Grace Jones, e muitos outros, estiveram na lista de artistas que ele apreciava.

No Rio de Janeiro, ele abandonou os bairros da infância e adolescência, e foi morar entre Jacarepaguá, Laranjeiras e, no fim, em Recreio dos Bandeirantes, num apartamento de luxo que ficava de frente para o mar na avenida Lúcio Costa, afirma André, e onde vivia também com seus dois cachorros da raça cocker, Sansão e Jatobá.



**Laffond no apartamento dele em Recreio dos Bandeirantes –
Foto: Reprodução/Internet**

Fora do cenário artístico, Laffond também foi professor de História em uma escola pública do Rio de Janeiro, na avenida dos Italianos, e funcionário público na Secretaria de Educação do Rio. “Minhas tias trabalhavam com ele, e elas sempre falavam que ele era superengraçado. Imagine a Vera Verão trabalhando num órgão público, era isso que Laffond era na Secretaria de Educação. Quando ele saiu, elas ficaram morrendo de saudade dele e da energia que ele levava para o lugar”, recorda Marcello Caridade.

Mesmo já famoso, ele deu aulas por um tempo na escola. Além de estar no dia a dia dos alunos, Laffond sempre foi muito atuante e defensor da educação brasileira fora da televisão.

À época, era comum que os artistas fossem padrinhos e/ou madrinhas de várias crianças, e Laffond foi escolhido para ser padrinho de Sylvia Miranda, uma das filhas adotadas de Marina Miranda, a cantora e humorista negra que também trabalhou em “Os Trapalhões”, porém numa época diferente da de Laffond.

“Ele sempre ia em casa, e ficava responsável pelas matrículas de todas as filhas da minha mãe. Lembro que minha mãe o chamava de professor, e ele ajudava em casa em todo que envolvia essa parte de educação, matrículas, reuniões etc. Era uma pessoa maravilhosa”, afirma Sylvia.

Quando Sylvia era criança, Laffond também sempre levava ela para exposições e espetáculos teatrais ou musicais, pois queria que ela “adquirisse cultura”. Por volta de 10 anos, Sylvia recorda que ela foi ao Circo Voador com Laffond para assistir a um show do Ney Matogrosso. “Foi um dia inesquecível, e Laffond amava o Ney. Ele sempre fazia atividades assim com a gente”, divide.

Sylvia também recorda de um dia que Laffond entrou todo “afeminado e bem caricato” numa igreja Universal para chamar a mãe dela, Marina, para sair.

“Eu lembro como se fosse hoje. Veio em minha direção aquele negro lindo, de pernas longas de fora, careca da cabeça aos pés, de brincos e batom chamativos. Nossa, como ele era alto! Todo reboativo, dando pinta de shortinho jeans curto desfiado, bolsa e camiseta com a barriguinha aparecendo. De óculos de sol abelha, vermelho. Pode? Ah! E uma bota branca. E lá vem ele gritando: “Maria Sylvia! Cadê Miranda?” Eu disse: “Tá na igreja”.

Os dois, de mãos dadas, caminharam em direção à igreja, que estava lotada de fiéis atentos à pregação do pastor. Todo “purpurinado”, sem largar a mão da menina, Laffond adentra o espaço com a sua tradicional cabeça raspada e com seus 1,93 metros de altura aos gritos, com as mãos na cintura, e seus trejeitos afeminados: “Miranda!”

No fim, todos os fiéis olharam para Laffond e Marina saiu às pressas da igreja para conter a situação. Mas Sylvia relembra desse momento com carinho.

Em 1999, Laffond publicou a autobiografia dele “Vera Verão: Bofes & Babados, que causou bastante burburinho na mídia, justamente porque o assunto principal dela seria que ele revelaria o jogador de futebol que ele estava tendo um caso durante anos. No fim, ele nunca revelou, mas o furor já havia sido causado.

O artista disse também em entrevista à Raça, que pensou em escrever o livro como provocação ao parceiro dele, que pediu para os dois pararem de se ver por causa da Copa do Mundo de 1998. Se alguém soubesse do caso deles, o jogador seria prejudicado. Laffond ficou irritado com o afastamento e ameaçou expor a relação deles. Contudo, isso nunca aconteceu, e até hoje ninguém sabe quem de fato é ou foi o jogador de futebol que teve um relacionamento de anos com ele.

Nomes como Júnior Baiano, Edmundo, Leonado, Túlio Maravilha etc, surgem como algumas das opções. Mas nunca houve alguém que afirmasse algo sobre. Em 2020, o filho do Edmundo, Alexandre Mortágua, disse no Instagram pessoal, que o pai dele seria o possível romance de Laffond, mas ele não apresentou provas ou qualquer outro argumento sólido para isso. Procurado para esclarecimento, ele não respondeu nada.

André Zeppelin, amigo íntimo e que trabalhou com Laffond em uma das rádios que ele fez programas, disse que sabe, mas que nunca vai revelar. “Eu lembro que um dia eu e Laffond estávamos andando de carro e ele estava brigando com esse jogador, e aí ele me mostrou o visor do celular dele ironizando a discussão que estavam tendo. Nessa hora eu consegui ver o nome, mas até hoje eu não revelo pra ninguém porque esse jogador ainda está vivo e pode querer me processar”, contou. A única informação que ele pôde me confirmar foi que não era Júnior Baiano.

O livro de Laffond foi lançado em celebração aos 46 anos dele na bienal do Riocentro, e nele, ele conta desde a sua infância até o caso com o jogador, mas sem relevar o nome. Os

relatos também se misturam com depoimentos de alguns colegas de Laffond naquela época, como Carlos Alberto de Nóbrega, Enoli Lara e Fafy Siqueira. No livro, ele também abre dedicando à cantora Jovelina Pérola Negra, que foi uma das grandes divas do samba. Voz rouca, forte e de tom popular, que ele admirava.

Além dos palcos, Laffond também trabalhou em algumas rádios do Rio de Janeiro, com programas de entrevistas, novelas e fofocas. Um deles foi o “Esculacho” que ia ao ar de segunda a sexta-feira na Rádio Roquette Pinto, e também trabalhou na Rádio Mania e em uma rádio comunitária, a Divino FM.

Fora da personagem Vera Verão, ele era uma pessoa muito franca. Se ele gostava, ele gostava. Se ele não gostava, ele não gostava. Para alguém tentar fazer amizade com ele era muito complicado, porque, primeiro, ele precisava conhecer a pessoa completamente, para saber se ela era realmente digna de sua amizade ou para que ele pudesse trocar o telefone com ela.

Em livro, ele dizia que era seletivo sobre quem permitia em sua casa, preferindo apenas aqueles de quem gostava. Considerava-se uma “pessoa estranha”, sendo espontâneo, porém reservado e exigente, buscando sempre o melhor em sua vida.

Além disso, se autoafirmava como “muito temperamental”. Era alguém com quem as pessoas não costumavam ter muita paciência. Para ficar com ele, ao lado dele, em termos de amizade, de relacionamento, era preciso gostar muito dele para poder “aturá-lo”, porque ele não era fácil, destacou na autobiografia.

Laffond era uma pessoa de poucas amizades, e não fazia questão de ter amigos no meio artístico, pois achava o nicho muito traiçoeiro. Mesmo com poucos amigos, ele tinha os “melhores”. Na vida íntima, ele também gostava de dar nome aos carros dele e era torcedor do Fluminense.

Até para ele, falar sobre ele era uma tarefa difícil. Ele tinha uma personalidade multifacetada e um tanto surrealista. Ele era uma pessoa muito espiritualista, muito voltada para a família. Veio de uma família pobre do Rio de Janeiro, no bairro da Vila da Penha, terra de grandes craques, como Romário, teve uma infância dura,

uma adolescência marcada pelas dificuldades normais que qualquer cidadão negro e homossexual encontra em qualquer parte do mundo, mas nunca se deixou abater. Ele foi à luta. Lutou contra tudo e contra todos para provar que tinha talento.

Laffond jamais aceitou um não como resposta, que alguém o ignorasse, seja qual fosse o tipo de rejeição. Ele nunca se abateu com nada. Por isso, ele dizia que para viver no mundo artístico, primeiro tem que passar pela “bobagem”, para depois realmente ter uma estrutura de vida, uma estrutura artística.

Ele não tinha vício com drogas, maconha, cocaína, pico ou cachaça, ele apenas tomava sua cervejinha de vez em quando. O “vício” dele era o sexual.

“Na realidade, essa imagem que eu passo de “porra louca”, pelo meu personagem na televisão, de alguém completamente sem rumo, é um lado completamente oposto. Eu sou uma pessoa “super na minha”, supercalmo. Dentro de minha casa é uma disciplina total. Não tem esse negócio de “pomba rolou”, não. Sou uma pessoa com a cabeça muito quadrada. Eu sou completamente família, apesar de não parecer. Somente as pessoas que têm um relacionamento comigo, me conhecem no dia a dia, sabem como é realmente o Jorge Laffond, porque no resto trata-se tudo de muito fantasia, de muita ilusão, de muito “baticumbum”, de muito folclore.”

LAFFOND, 1999, pág. 105.

No aniversário de Laffond de 49 anos, ele já estava comemorando 50, conta Neno. “Ele havia feito uma cerimônia na praia com tambores, arranjos de flores, foi uma coisa superbonita, também foram tocados atabaques, e tinham alguns famosos como a Alcione, Emílio Santiago.”

Em outra ocasião, no Rio, também teve um evento de pagode da Vera Verão organizado por uns amigos de Neno e ele estava lá. “Ele sempre foi muito humilde”, completa.

No dia a dia, além de ser professor, atuante na ONG de Neno, funcionário público, ele também foi um “cozinheiro excepcional”, afirma André. Não apenas, Laffond também teve uma fase empresário, onde buscou ser gerenciador de carreiras artísticas e de um espaço de shows.

No final dos anos 1990, Laffond realizou uma seleção de jovens para montar um grupo de pagode, o grupo de cinco rapazes nasceu como “ÉD+”, porém, pouco tempo depois, precisaram mudar de nome, pois já existia um grupo com a mesma denominação. O “ÉD+” virou “Extrassamba”. Contudo, não há informações sobre o paradeiro dos membros. Foi algo que durou apenas alguns meses, pois até os amigos próximos de Laffond não se lembram disso.

Em São Paulo, ele também foi identificado como sócio de uma boate LGBTQAP+, a Freedom, que ficava no Largo do Arouche. Porém, os dois projetos de empreendimento não tiveram o sucesso que ele queria, e ele nunca foi sócio da boate, afirma o dono de fato, Marcos Magri Bernador.

Marcos Magri Bernador esteve à frente de muitas boates LGBTQ+ da capital paulista, como Nostromondo e Rainha



Laffond com o grupo de pagode que geriu por um breve período – Foto: Vera Verão: Bofes & Babados

Vitória, e conheceu Laffond porque ele também frequentava esses espaços. Os dois viviam entre a boca do luxo e a boca do lixo da cidade. A parceria dos dois surgiu após Laffond relatar que estava tendo problemas financeiros, e pediu a ajuda de Marcos, que prontamente acatou.

Embora o acordo dos dois tenha sido apenas verbal, Laffond nunca foi sócio no contrato. “O nosso acordo foi feito porque tínhamos uma amizade, e queria ajudar ele. Ele queria levar shows de acústicos para o meu espaço, e eu deixei, mas nos dias que a boate estava fechada, entre segunda e quarta-feira, porque aí eu não teria prejuízo, pois como ela já estava fechada, o que entraria nesses dias seria um lucro a mais, pois nos outros eu já estava lucrando bem.”

O acordo dos dois foi firmado verbalmente, e Laffond pôde usar os dias de segunda a quarta-feira, que a Freedom estava fechada, para realizar shows. O lucro dos dois era dividido separadamente: Laffond ficava com o lucro da bilheteria e Marcos com o lucro do bar.



Laffond na boate Freedom – Foto: Reprodução/Estadão

“Eu deixava o Laffond falar que era sócio, porque não ligava, isso também era bom para mim, porque ele levantava o nome da boate, e como tinha amigos famosos que sempre frequentavam lá, foi algo que beneficiou nós dois. O Gugu, inclusive, citava o nosso nome no programa dele de graça. Se eu fosse pagar para fazer propaganda na TV, ia sair caríssimo.”

Marcos também afirmou em entrevista on-line que Laffond dizia que era sócio para conseguir levar os amigos dele de graça para se apresentar na boate. “Se ele falasse que não era dono, provavelmente iriam cobrar”, completa. No dia da abertura do show de acústico na Freedom, Laffond conseguiu levar a Alcione, amiga dele na época e foi um sucesso. Logo depois, outros shows ocorreram, como o de Emílio Santiago, também amigo de Laffond.

Contudo, após a morte de Laffond, Marcos decidiu vender a Freedom, que foi comprada e ficou funcionando até 2019.

| Antes do fim

Laffond sempre afirmou que havia “pavor” de contrair ao HIV/Aids. No fim, ele foi infectado pelo vírus e ficou completamente destruído. Foi um assunto que ele, inclusive, nunca contou para ninguém, ou pelo menos para os entrevistados que entrei em contato.

A infecção pelo HIV/Aids foi também uma das possíveis causas que motivou a depressão que ele adquiriu nos últimos meses de vida. Ao entrar em contato com o médico dele, Dr. Luiz Carlos Buchalla, ele afirmou que não poderia compartilhar a situação de Laffond nos últimos dias de vida, pois isso iria contra as práticas de conduta do CRM (Conselho Regional de Medicina). Porém, ele só disse que Laffond morreu por conta de uma negligência médica, pois houve uma transfusão de sangue que não era para ocorrer. O empresário de Laffond, Marcelo Padula também afirmava isso em entrevistas que dava para programas de entretenimento, como o “Fofocalizando”, no SBT

Antes, porém, ele também havia adquirido doenças renais e cardíacas, como acometimento dos órgãos como pulmão, fígado e pressão alta. Na certidão de óbito⁴⁷ de Laffond, os motivos listados para a morte são vários: “IMOS (insuficiência de múltiplos órgãos e sistemas), edema agudo de pulmão, insuficiência renal aguda, GECA + desidratação, SIDA/Pancitopenia”.

Dr. Marcos Boulos, infectologista e professor da Universidade de São Paulo também explicou que “O HIV não mata ninguém, o que mata é a doença ou infecção oportuna, e como o corpo não produz mais anticorpos, a pessoa enfraquece e morre. No caso do Laffond, é possível perceber que ele tinha outras doenças anteriores ao HIV, e é complexo definir a causa em si”, afirma ele, que destaca “A Aids fragiliza o corpo, e as enfermidades que aparecem podem provocar a morte.”

⁴⁷ Tribunal Regional Federal da 3a Região TRF-3 - Apelação Cível: AP Xxxxx-88.2005.4.03.6183 SP | Jurisprudência. Jusbrasil. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/trf-3/896548375>>. Acesso em: 15 out. 2023.

| Anexo – Revista Raça

Em junho de 1999, Laffond também concederia uma entrevista para a revista Raça, a primeira voltada para o público negro no Brasil, em que todos os entrevistados eram artistas e personalidades negras. A capa da edição nº 34, o quarto ano da revista, que tinha surgido em 1996, se tornou uma das capas mais emblemáticas na carreira do artista. Na imagem, a Vera Verão está abraçada com Jorge Laffond e a manchete diz: “Negro, gay e vencedor”. A ideia da capa foi de Aroldo Macedo, fundador e diretor da publicação entre 1996 e 2000.

“Acompanhei de perto, no estúdio do fotógrafo Morgade, as fotos dessa capa. [...] Não me lembro em que parte do meu cérebro acesei a ideia de juntar o Laffond e sua personagem Vera Verão. Foi uma capa feita com muita audácia e coragem para a época. Mas a verdade é que eu gostava muito do Laffond. Negro, gay, corajoso e talentoso. Ele quebrou o mito, depois de Madame Satã nos anos 1940, de que negro não pode ser homossexual e tem que ser sempre machão”, compartilhou Aroldo no livro “Toda a Verdade por Trás do Sucesso da Revista Raça Brasil”.

Na internet, há apenas reproduções da capa. Por sorte, Aroldo guarda todo o acervo da revista com ele e pôde dividir comigo a entrevista, que estava esquecida nas prateleiras do ex-diretor da revista.

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS



RACCA

ANO 4 Nº 34

R\$ 3,90

BRASIL

NEGRO NA CHEFIA

Histórias de vida real e todos os truques para você ser um bom chefe

HIP HOP

O movimento dos manos invade o Brasil

Estrias

Não se desespere! Já existem soluções para recuperar a beleza do seu corpo

VAIDOSO, SIM! E DAÍ?

Sem preconceito, o homem cuida da estética e melhora a auto-estima

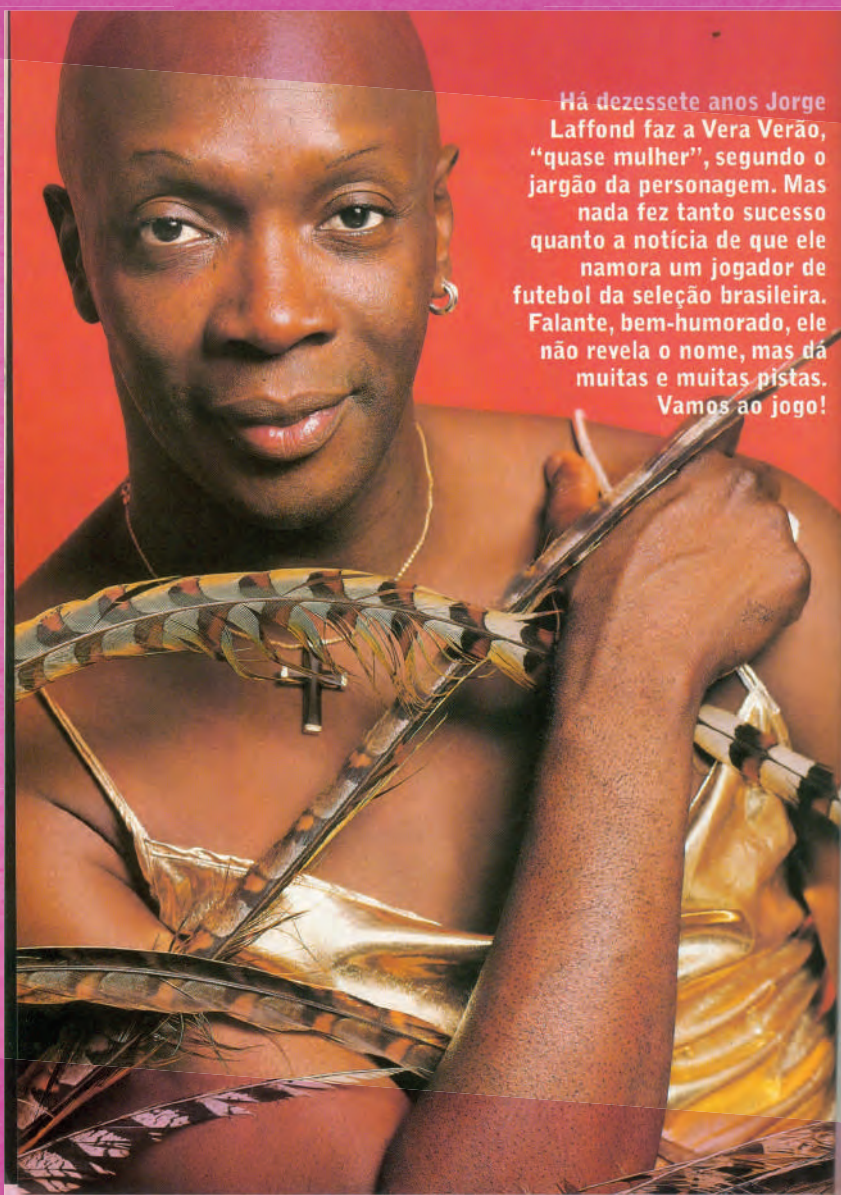
As duas faces do sucesso: como Vera Verão e Jorge Laffond

PROMOÇÃO
Concorra a 30 fitas do filme No Ritmo da Dança + 30 hidratantes

Negro, gay e vencedor

No auge da carreira, Laffond solta o verbo e causa a maior polêmica sobre seu caso com um jogador da seleção





Há dezessete anos Jorge Laffond faz a Vera Verão, “quase mulher”, segundo o jargão da personagem. Mas nada fez tanto sucesso quanto a notícia de que ele namora um jogador de futebol da seleção brasileira. Falante, bem-humorado, ele não revela o nome, mas dá muitas e muitas pistas. Vamos ao jogo!

JORGE LAFFOND

SOLTA A LÍNGUA

POR SANDRA ALMADA FOTOS ANNA HERNANDEZ

Ariano, filho de Oxumaré — orixá metade homem, metade mulher —, Jorge Laffond, a Vera Verão do programa *A Praça é Nossa*, do SBT, acaba de completar 46 anos. Comemora a data lançando *Bofes e Babados*, em que revela a vida amorosa e as histórias do menino pobre que virou celebridade.

O artista, que abriu a década exibindo seu corpo esplêndido, totalmente nu, em cima de um carro alegórico da Escola de Samba Beija-Flor, promete, com o livro, fechar o milênio, antecipando o apocalipse final. "Estou lançando uma bomba", anuncia. Nesta entrevista à revista RAÇA, ele conta tudo, ou quase tudo, que todos sempre quiseram saber, mas não tiveram a chance de perguntar.

RAÇA — Sua casa é muito tranqüila, chega a surpreender as diferenças entre Jorge Laffond e sua personagem mais famosa, Vera Verão. Você confirma essa primeira impressão?

LAFFOND — É isso mesmo. Sou calmo, minha casa está sempre vazia, as pessoas ligam antes de vir até aqui. Sou o oposto dos personagens de televisão e das entrevistas que dou. As pessoas até se decepcionam. Não gosto de badalação, de comemorações. Saídas com amigos, festas não levam a nada. Nas festas, você só vale pelo que tem. Hoje tenho e não quero esse tipo de vida para mim. Prefiro ficar em casa, escrevendo no computador, brincando com meus dois cães *cocker* e escutando rádio.

RAÇA — Mas você não faz o tipo solitário. A caixa postal de seu celular vive sobrecarregada de tantos recados...

LAFFOND — Não gosto de pessoas dentro de casa, tenho pavor de muvuca, mas não sou solitário. Minha conta do telefone convencional é de 1.800 reais. E, às quartas-feiras, durante a gravação da Praça, tem a minha muvuca na televisão. É quando fico sabendo quem "comeu" quem, quem "deu" para quem.

RAÇA — Você tem carro importado na garagem e mora num bairro de classe média alta. Para um negro homossexual, a luta para vencer deve ter sido muito árdua.

LAFFOND — Muito. Há os que dizem: "Poxa, a bicha é estorpe, fez o maior sucesso e agora mora no Recreio dos Bandeirantes, de frente para o mar". Mas não sabem que isso foi conquistado com muita luta, sacrifício e dignidade. As pessoas não sabem que a bicha é formada, fez teatro na Uni-Rio e que, aos 10 anos de idade, já trabalhava das 9 às 17

JORGE LAFFOND

horas numa oficina mecânica. E que, nos fins de semana, ia com a mãe trabalhar num parque de diversões. Não sabem que a bicha morou em Vila da Penha, em Santa Cruz, que, na escola, nunca repetiu o ano. Eu mereço tudo isso.

RAÇA – Foi difícil para o menino pobre que morava no subúrbio assumir-se como homossexual?

LAFFOND – Para qualquer pessoa é supercomplicado assumir isso. Aos 6 anos de idade, já tinha a consciência de que era diferente dos outros. As pessoas falavam que ser gay era uma coisa muito feia, e eu ficava com a cabeça rontinha. Mas o medo de meus pais descobrirem era tão grande que eu procurava andar na linha, estudar bastante. As coisas foram acontecendo, a família sabia, mas ninguém falava. O mais complicado é que, na oficina onde eu trabalhava, os bofes usavam short, sunga e eu, em vez de me concentrar no trabalho, ficava olhando para eles.

RAÇA – Como foi o início de sua carreira artística?

LAFFOND – Minha carreira como bailarino começou no exterior. Com 20 anos comecei a viajar por toda a

Europa e Estados Unidos com o Haroldo Costa, que tinha um grupo folclórico. Fiquei com ele durante dez anos. Também trabalhei em todos os cabarês do Rio, da Pruça Mauá a Copacabana. Abria o show da meia-noite na boate Flórida, depois ia para a Escandinávia, Barbarela e o último show era na Kiss, em Irajá, às 5 horas da manhã. Estudei balé clássico, depois dança afro, trabalhei com Mercedes Barista. Em 1982, entrei para o corpo de bailarinos do *Fantástico*, depois fui para o *Viva o Gordo*. Em 1990, com a novela *Suspirando*, explodi para o grande público. Em seguida trabalhei com *O Trapalhões* e há sete anos estou na *Praga é Nossa*, no SBT, com a Vera Verão. E ainda fiz também novelas e vários filmes.

RAÇA – Laffond e De La Peña, do Casseta e Planeta, são os dois humoristas negros trabalhando atualmente na televisão. Você se inspirou em alguém para criar seu estilo?

LAFFOND – Sou o único ator negro e homossexual nessa condição. Consegui quebrar a barreira do preconceito. Estou há dezessete anos fazendo o mesmo tipo. Mas não tive ídolos. Na minha casa não tinha esse lance de ver televisão. Quando compramos um televisor preto-e-branco, já tinha dois anos que a TV em cores havia saído. Não tive em quem me espelhar. Durante muito tempo me inspirei, de certa forma, na Grace Jones e ganhei muito dinheiro com isso. Mas a cabeça foi raspada pelo pessoal da Vila da Penha, quando entrei para a faculdade.

RAÇA – O que é mais difícil: ser homossexual ou ser negro?

LAFFOND – Ser negro é mais complicado. Ser homossexual, não. Se um grupo não te aceita, há outros que sim. Mas a cor incomoda muito, tiro isso por mim. Viajo duas vezes por semana num voo só com executivos. Enquanto há negros que entram primeiro para se esconder e

tão serem vistos, entro por último, com um perfume arrasante. O avião é uma passarela. E chegou ela, a rainha do pedago. O negro é maravilhoso. Chegar entre gente cor-de-rosa com essa cor é ótimo.

RAÇA – Mas isso traz problemas como o racismo, não é?

LAFFOND – Só vim conhecer a discriminação racial depois dos 30 anos. A primeira grande experiência nesse sentido foi quando estava vencendo o meu contrato no balé do *Fantástico* e eu queria ir para o *Viva o Gordo*. O produtor do programa me disse: "No momento, só estamos contratando Richard Burton e Marilyn Monroe". Respondi a ele: "Então, vou lhe deixar currículo e foto e quando vocês estiverem contratando Sidney Pottier mandem me chamar". Ele me subestimou, achando que não fosse compreender o que estava falando. Depois o Cecil Thiré me chamou para o programa pelo bom currículo que tenho. Fiquei no *Viva o Gordo* durante cinco anos.

RAÇA – Você reage sempre com essa diplomacia? Não "roda a baiana", não jura vingança?

LAFFOND – Nessas situações reagia normalmente. Quando entrei para o balé do *Fantástico*, sendo o único bailarino negro, o coreógrafo Juan Carlos Berardi me falava assim: "Você é a verdadeira moça no leite. Não sei se coloco você na direita ou na esquerda, porque em qualquer dos dois lados será sempre uma mancha preta". Então eu dizia para ele: "Me coloca no centro". Passei a ser a estrela do *Fantástico*. Mas não sou vingativo. Sei esperar, não tenho pressa. Como dizem: a vingança é o prato que se come frio.

RAÇA – Aumentou demais o número de mulheres casadas e monogâmicas infectadas por HIV através de parceiros bissexuais que não se assumem como tal. O homem brasileiro bissexual é muito dissimulado?



Já tive todos os homens que todas as grandes mulheres quiseram"

LAFFOND – O homem brasileiro é traçociro. Posso te relatar uma porção de situações em que estive com casais, o homem e a mulher do lado, e, enquanto ela estava distraída, ele começava a rir paquerat. Quando ela olhava, ele fazia cara de macho. Aliás, tem o teste-chave para a mulher saber se o marido é ou não bissexual: se ele diz que não gosta de seu cabeleireiro, de seu amigo porque são viados, é porque tem o "rabo preso". Aquele que nos trata com naturalidade não tem perigo. O perigoso é aquele que insiste em dizer que não gosta.

RAÇA – *Essa história de que o meio artístico é mais liberal, mais permissivo no que diz respeito à sexualidade, é verdade?*

LAFFOND – Já fui para a cama com um casal de atores famosos, num *ménage à trois*. Trasei também com um galã de televisão debaixo de um carro alegórico da Beija-Flor, no Carnaval de 85, em plena Marquês de Sapucaí. Foi um tumulto danado. O carro saiu andando e a gente ali. Milhares de pessoas e ninguém viu a gente ali debaixo. Tive também um caso com um militar da Marinha que durou dois anos. Já fui vítima de tentativa de exploração por ator da novela *Malhação*. Na verdade, já tive todos os homens que todas as grandes mulheres quiseram (*riso*).

RAÇA – *Na sua autobiografia você conta tudo, realmente?*

LAFFOND – Falo da separação dos meus pais, quando eu tinha 9 anos. Conto toda a dificuldade da criança pobre, negra, morando na periferia. Falo também de meus casos. As pessoas que tiveram relações comigo podem ser descobertas através de jogos incluídos no livro. Sei que essa coisa é complicada, mas homens e mulheres falam de seus casos, então por que um homossexual assumido não pode fazer o mesmo? As pessoas ficaram mais assustadas que eu. Recebi muitas ameaças.



“Não quero prejudicar ninguém, mas se o dito cujo fosse chamado a se explicar, teria que dizer que sua reação foi aquela porque “comia ou dava para o Laffond”.

JORGE LAFFOND

RAÇA – Como foi a história do ator com quem você teve um caso amoroso e que o agrediu por causa do livro?

LAFFOND – Esse ator, com quem já tive um caso, atualmente vinha tendo comigo um namoro do tipo “passo aí e te pego para tomar um chope”. Influenciado por fofocas, ele vinha insistindo em ler o livro antes de ser publicado e saber se seu nome era citado, o que não aconteceu. Então, no feriado de 21 de abril, ele foi me esperar no estacionamento do aeroporto Santos Dumont, para tirar satisfações. O aeroporto estava bem vazio. Ele me pegou pelo pulso e me tirou de dentro do carro com um punção que me obrigou a passar algumas semanas com o braço imobilizado com uma tala.

RAÇA – Você vai processá-lo?

LAFFOND – Depois que a imprensa noticiou o fato, ele ficou desesperado, com medo da repercussão, e me deu vários telefonemas de desculpas, que estão gravados na minha secretária eletrônica. Minha primeira reação foi prestar queixa, mas ainda não sei bem o que vou fazer a respeito. Não quero prejudicar ninguém, mas se o dito-cujo fosse chamado a se explicar, teria que dizer que sua reação foi aquela porque “comia” ou dava para o Laffond”.

RAÇA – Você diz, em Bofes e Babados, que artistas como Marilín Pêra, Edson Celulari, Mailê Proença, Betty Faria, Irene Ravache, Watusi, Aldine Müller, entre outros, tentaram derrubá-lo num momento de sua carreira em que ainda não tinha fama nem reconhecimento. Você não teme a forma como essas pessoas possam reagir a essa declaração?

LAFFOND – Não tenho medo de nada. Elas não fazem porra nenhuma, são covardes! São temperamentais, mas reagem dessa forma só na frente dos outros para aparecer.

RAÇA – Por que você decidiu tornar pública essa paixão vivida com um jogador de futebol? Puro marketing?

LAFFOND – Na época da Copa, avisaram a ele: “Cuidado, porque se souberem vão te afastar da seleção”. Alguns dias depois, ele ligou e me propôs: “Vamos dar um tempo”. Fiquei com raiva por ele terminar um relacionamento de sete anos por telefone. Por isso, quando uma repórter ligou aqui para casa para saber se eu achava se ganharíamos a Copa ou não, respondi: “Se depender do meu namorado, sim”. Depois, ele ligou dias seguidos me procurando. Só o atendi no terceiro dia. Deixei a cabeça do puto perturbada.

RAÇA – Você diz no livro que todo esse tiliti mexeu com a sua relação amorosa. Como seu namorado recebeu o fato de você publicar declarações de amor, feitas por ele a você, através de carta íntima?

LAFFOND – Ele amou o livro! E depois do lançamento a relação melhorou, ficou mais legal. Ele ligou aqui para casa e disse: “Quero falar com você. Dá para a gente se encontrar?” Então, estivemos juntos em Angra dos Reis e o clima foi de início de relação. Mas, desde junho do ano passado, ele estava cabreiro com o livro. E a carta dele publicada num jornal carioca me fez levar um punção de orelhas. Ele falou assim: “Você é louco de fazer um negócio desses!” Para ele, eu invadi sua privacidade publicando uma coisa íntima, escrita numa fase em que ele estava superfeliz mas confuso. A situação foi suavizada porque eu não dei o nome de quem assinava a carta. Aumentou a confiança.

RAÇA – Como é a relação de vocês dois? São ciumentos? Há cobranças mútuas?

LAFFOND – É um amor forte. Ele mora no Rio mas não é assumido. Se ele me dá satisfações? Engana. Diz que está na concentração e não está. Engana o técnico, a esposa, imagine a mim. Eles são todos uns putos. Fiz estas fotos para a revista Sexy, onde só saem mulheres famosas. Todas tops. (Aponia para um belo ensaio fotográfico na parede da sala de seu apartamento, no qual aparece, em foto erótica, com um homem branco.) Fui convidado, mas o outro viu o material e não deixou que fosse publicado. Atualmente, também estão tentando convidá-lo a posar nu para a revista G Magazine. Por mim eu não deixava. Aliás, coloquei mil empecilhos, porque ver o dos outros é excelente, mas o meu...

RAÇA – Você sofre discriminação por parte de outros artistas negros?



Veja se você descobre com quem Laffond está batendo um bolão

No livro, o ator dá estas pistas, para quem não aguenta de curiosidade:

- Sua cidade preferida é o Rio de Janeiro.
- A potência de seu chute médio é de 60 km/h.
- Para descansar os pés quando tira a chuteira, usa uma bacia com pedras de gelo.
- Sua música preferida é *Ou Ela ou Eu*, por Alcione.
- O perfume que mais gosta de usar é Carolina Herrera.
- O presente que mais gosta de receber é cueca de seda.
- Nas horas de folga gosta de curtir pagodes e churrasco.
- Investe seu dinheiro em imóveis.

Junho 99 RAÇA BRASIL

LAFFOND – Encontrei, uma vez, no Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, uma atriz negra que me disse o seguinte: “Acho que você deveria parar de fazer essas frescuras e passar a fazer algo mais sério: um Hamlet, um Shakespeare”. Ela dizia isso e me olhava como se eu fosse “o cocô do cavalo do bandido”. Seguimos juntas até o estacionamento do aeroporto, entramos em nossos carros e saímos. Não tenho preconceito com relação a carros, meu primeiro carro foi um fusca 67 e já tive vários carros velhos, mas o fato é que ela estava com um Chevette e eu com um Citroën.

RAÇA – Mas você não respondeu nada?

LAFFOND – Respondi, sim. Essa atriz, não convencida de que eu estava mesmo com um Citroën, veio atrás de mim, piscando o farol do seu carro e dizendo: “Bonito carro, hein?!” Então respondi: “O carro é meu, meu apartamento também é próprio, não moro de aluguel. E só faço viadice, não faço Hamlet”. Virei as costas e fui embora. O que acontece é que os negros artistas não gostam do meu perfil. Atuo sempre com um mesmo tipo de personagem, fiz meu sucesso na contramão. Loto meu teatro fazendo sozinho minha própria produção. Sou da época em que o Milton Gonçalves era diretor da Globo, mas nunca pedi nada a ele porque sei que não acontecia.

RAÇA – E os planos para o futuro?

LAFFOND – Fiz uma seleção com 140 rapazes, na faixa dos 17 aos 20 anos, para reviver o partido alto e o samba-de-roda. Estou produzindo este grupo, o É D+ , que tem cinco integrantes maravilhosos, moradores da zona oeste. Em julho vamos lançar o primeiro CD, *Passo Marcado*. É uma iniciativa empresarial da Sissarco Produções. E vamos que vamos!

“ Diz que está na concentração e não está. Engana o técnico, a esposa, imagine a mim!”
(sobre seu namorado jogador)

CARTA DO JOGADOR DE FUTEBOL ENVIADA AO SEU NAMORADO, JORGE LAFFOND, NO DIA EM QUE COMEMORAVAM O PRIMEIRO MÊS JUNTOS

“Não sei o que está acontecendo comigo, mas sei também que é muito legal. Pintou assim, meio que de repente. De você eu esperava tudo, menos o que você me demonstrou: uma pessoa fantástica, amiga, sincera e honesta. Sei que estou deixando a desejar em determinados aspectos, mas é muito difícil para mim, pois nunca pensei em passar por uma situação dessas. Querria que me entendesse, que tivesse um pouco de paciência, para eu me situar e saber realmente o que quero.

Quero que saiba que neste momento sinto muito a sua falta. Querria estar junto de ti, mas ao mesmo tempo tenho muito medo disso tudo, principalmente pelo que aconteceu na última vez.

Vamos esquecer o que passou e deixar ralar.

Te gosto muito! Sinto falta de ti!

Mas tenho me entender. QUEM PODE DIZER QUEM EU SOU???

SE NEM EU MESMO SEI DIZER!!! Tchuu! Eu!!!”

JORGE LAFFOND

A SEGUIR, UM APERITIVO DO LIVRO QUE VEM DEIXANDO MUITA GENTE DO MEIO ARTÍSTICO DE CABELO EM PÉ

“ Em 1983, arrumei um namorado bonitinho, um lourinho lindo, belo, belo; o Sidney! Ele só tinha um pequeno defeito, que era um dente da frente que teria que ser extraído e colocar uma ponte para aperfeiçoar a sua estética. Eu investi nisso. Coloquei o dente no moleque. Quando o bofe não tinha dente, ninguém o queria! Eu coloquei o dente do garoto e logo depois todo mundo começou a correr atrás! Uma vez fui a uma discoteca gay da cidade. O bofe estava lá, lindamente, dando show, mostrando-se para as bichas. Ah, meu amor, eu não perdi tempo! Avancei na boca do bofe, peguei meu dente e o trouxe de volta! Eu tenho esse dente até hoje corrigido!”

“Minha mãe era uma mulher muito engraçada! (...) Ela comprava aqueles lotes de calcinhas tipo: “7 calcinhas por R\$ 1,00” (...) O que não faltava para minha mãe era calcinha. Eu, como tinha que fazer shows também, ainda roubava as suas que combinavam de acordo com os meus vestidos. Ela ficava louca! — “Jorge, você viu as minhas calcinhas?” Eu dizia: “Não sei! Acho que o Foguinho pegou!” (Foguinho era o nome do meu cachorro.)



Laffond autografa Bofes e Babados

“Eu, na realidade, sou uma pessoa que não teve muitos homens negros na vida. Homem negro, que eu me lembre, só um! Não sou e nunca fui racista, mas na cama não tenho uma relação legal com homens da mesma raça.”

“Acabei perdendo a noção de quantos dias não nos víamos. A culpa era a infeliz da concentração. Pensando nesse homem especial, acabei adormecendo na banheira de hidromassagem. De repente, acordei com o latido de nosso dog alemão. Quando virei para pegar a espuma de banho, esse artífice entrou e ficou estático, observando o meu corpo molhado, o qual já conhecia tão bem. Ele gabava-se da patxão nacional pelas suas pernas. De repente, dei-me com a mais linda visão de músculos trabalhados, viçados em roçar, em entrelaçar com força e determinação, como se estivesse cobrando uma penalidade máxima. Isso aconteceu em 1995, na casa de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Neste livro, gostaria de agradecer a ele por tudo o que fez por mim! Meu muito obrigado de coração pela pessoa que te gosta muito e ainda te ama. Eu.”

“Não estou dizendo que essa relação vai terminar, mas deu uma estriada muito grande diante de toda essa divulgação, esse tititi provocado por mim.”

“Eu sempre digo que não tenho nenhum vício. Não tenho vício com drogas. Não gosto desse ‘lance’ de maconha, cocaína, pisco ou cachaça. Tomo minha cervejinha de vez em quando. O meu vício demais é o sexual.”

“Eu jamais me operaria, porque gosto dessa prática de ser ativo e passivo também! Diferente do caso da belíssima Roberta Close, que sempre teve um rosto lindíssimo, um corpo escultural, uma linha muito maravilhosa de mulher! Ela sim teria que ter feito essa operação (...).”

“Homens e mulheres falam de seus casos. Então, por que um homossexual assumido não pode fazer o mesmo?”

| 2023 – Considerações finais

20 anos após a morte de Jorge Luiz de Souza Lima, mais conhecido como Jorge Laffond ou Vera Verão, ainda há avanços a serem conquistados. No entanto, ele abriu portas para muitas outras pessoas negras e LGBTQIAP+ existirem e se reconhecerem nos espaços. Antes, essas pessoas estavam condicionadas ao humor. Contudo, se não fosse pelo humor, muitos brasileiros não teriam contato com imagens e corpos dissidentes e disruptivos.

Travestis, transgêneros e as bichas estavam sempre vivendo à noite, nos locais marginalizados da cidade. Ver a figura de uma pessoa negra e homossexual interpretando uma travesti à luz do dia, e em plena televisão, foi uma conquista primária. A caricatura afeminada, porém, não se anula nas críticas, mas as bichas existem e são, em sua maioria, afeminadas. Anular essas identidades também é uma problemática.

Além de que, Laffond era um homossexual interpretando outra pessoa LGBTQIAP+. Fora das telas, embora mais contido, sempre abraçou a performance feminina de gênero para ele. Jorge Laffond era a Vera e Vera Verão foi Jorge Laffond, e ambos desafiavam a conformidade de gênero.

Laffond era um negro afeminado, e Vera surgiu de uma extensão de uma característica do próprio ator. Além de desafiar a norma de gênero, ele também questionou a representação do homem negro na mídia. A imagem do homem viril, forte, trabalhador não se vinculava

a Laffond, e mesmo que precisasse para algum trabalho de atuação, ele sempre esteve dando vida a ele mesmo: um corpo negro dissidente de gênero. Antes, visto apenas como algo engraçado. Porém, a partir dessa noção, ele pôde ser quem era dentro e fora dos palcos, telas e passarelas.

Sempre onde esteve, ele movimentava e causava o desequilíbrio na estrutura pautada nas normas de comportamento, seja de raça ou de gênero. O humor foi uma brecha que ele encontrou para isso, pois foi com o riso que pôde discutir questões sérias mascaradas por piadas. A figura marginalizada das travestis que a sociedade tinha como norteador no imaginário social, virou a que fazia as famílias brasileiras rirem, a que falava inglês, a que trazia as gírias do pajubá para dentro da televisão, abandonando o medo das subversões, e criando proximidade com esses corpos, inseridos em contextos apenas sexuais, adultos e/ou de violência antes de Laffond.

A partir de 1980, Laffond se juntava às personalidades como Rogéria, Roberta Close, Nany People, Clodovil, Leão Lobo, que eram LGBTQIAP+ e traziam sempre algum debate relacionado a comunidade queer brasileira na mídia. Na lista, porém, era o único negro.

A importância dele para os jovens LGBTQIAP+ e negros no Brasil é inegável. Ele desafiava as normas de gênero, raça e sexualidade em uma época em que a homossexualidade e o corpo negro eram mais estigmatizados do que é hoje. Sua personagem Vera Verão, embora fosse muitas vezes o alvo de piadas e/ou críticas, também era uma figura de empoderamento. Ela era forte, confiante e não tinha medo de ser quem era. Isso serviu como um modelo para muitos jovens negros e fora da norma no Brasil, mostrando-lhes que é possível ser abertamente gay e não branco e ainda assim ter sucesso e ser amado pelo público.

Além disso, a visibilidade de Laffond como uma figura dissidente na mídia contribuiu para aumentar a conscientização sobre a comunidade e combater o estigma e a discriminação.

Ele deixou um legado duradouro, abrindo caminho para outros corpos LGBTQIAP+ e negros, e sua influência ainda é sentida hoje. Ele é lembrado não apenas como um ator talentoso e um performer carismático, mas também como um ícone para a comunidade queer e negra no Brasil.

Embora ainda haja muito trabalho a ser feito para garantir a igualdade de direitos e a aceitação para a comunidade LGBTQIAP+ no Brasil, figuras como Laffond desempenharam um papel importante em mover a sociedade nessa direção.

Pessoas não cisnormativas e negras hoje não estão mais condicionadas apenas ao contexto do humor. Em 2023, podemos encontrar políticos, músicos, artistas, jornalistas, atores, atrizes e uma variedade de outros indivíduos que estão levando a mensagem da comunidade queer e negra da maneira que acreditam ser a mais eficaz.

Erika Hilton, Erica Malunguinho, Liniker, Linn da Quebrada, Majur, Jup do Bairro, Lacreia, Pepita, Urias, Mel Gonçalves, Raquel Virgínia, Chica Santos, Daiana Santos, Dani Balbi, Ellen Oléria, Léo Kret, Rico Dalassam, Ruth Venceremos, Lia Clark, Karol Conká, Lumena Aleluia, João Pedrosa, Fátima Bezerra, Fábio Felix, Thainara Faria, Ediane Maria, Rodrigo França, Fred Nicácio, Sarah Aline, Brunna Gonçalves, Aline Wirley, Pablllo Vittar, Ludmilla, MC Dricka, Maria Clara Araújo e Nátaly Neri são algumas das personalidades LGBTQIAP+ e negras brasileiras influenciadas pela presença de Laffond enquanto ele estava vivo e agora continuam atuando em prol da representatividade e conquista de direitos em diversos espaços e de diferentes formas.

| Bibliografia

A Praça é Nossa - Homenagem a Jorge Lafond [Vera Verão] (11 01 2003). Disponível em: <<https://youtu.be/RVnOjV8WEVo?si=nXbl0E464r8VHxhx>>. Acesso em: 15 out. 2023.

ALBERTO, Raimundo. O CAMPEONATO DOS POMBOS. Disponível em: <<https://cbtij.org.br/wp-content/uploads/2021/12/cbtij-dramaturgia-raimundo-alberto-o-campeonato-dos-pombos-1973.pdf>> Acesso em: 15 out. 2023.

Cemitério se pronuncia sobre “sumiço” restos mortais de Jorge Lafond. RedeTV! – A Tarde é Sua! Disponível em: <<https://www.redeTV.uol.com.br/atardeesua/videos/ultimos-programas/cemiterio-se-pronuncia-sobre-sumico-restos-mortais-de-jorge-lafond>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Como a ousadia de Jorge Lafond mudou o regulamento do carnaval carioca. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/repinique/post/2023/03/como-a-ousadia-de-jorge-lafond-mudou-o-regulamento-do-carnaval-carioca.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

CORRÊA, Clóvis – Marina Miranda: além da “Crioula Difícil” - FUNARTE Digital. FUNARTE Digital - Conteúdo digital da FUNARTE. Disponível em: <<https://sistema.funarte.gov.br/tainacan/edicoes-online/clovis-correa-marina-miranda-alem-da-crioula-difcil/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Correio da Manhã. 9 de abril de 1960. Pág. 19. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=vilma%20hart&pagfis=3693>. Acesso em: 15 out. 2023.

De Frente com Gabi - Jorge Lafond (04/07/1999) | SBT Videos. Disponível em: <https://youtu.be/el_3mr9E1Bo?si=gT6z2ZYat2H_UdMw>. Acesso em: 15 out. 2023.

Elke Maravilha entrevista Jorge Laffond (Programa Elke - 1993). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zp_1nmEDVcE&t=3s&ab_channel=HenriqueZambelli>. Acesso em: 15 out. 2023.

Em 1988, campanha “Axé Brasil” reunia personalidades negras em manifesto. gshow. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/programas/video-show/noticia/em-1988-campanha-axe-brasil-reunia-personalidades-negras-em-manifesto.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

“Êpa! Bicha, não!” – 15 anos sem Jorge Lafond, a Vera Verão. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/emails/gente/epa-bicha-nao-15-anos-sem-jorge-lafond-a-vera-verao/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

ÊPA! Bicha, sim! A história da vida e morte de Jorge Laffond – (DOCUMENTÁRIO EXPERIMENTAL). [S. l.: s. n.], 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tVjekPyXo6M&ab_channel=FelipeMedeiros>. Acesso em: 15 out. 2023.

Espaço Aberto - Jorge Lafond foi enredo duas vezes no RJ - Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.galeriadosamba.com.br/espaco-aberto/topico/jorge-lafond-foi-enredo-duas-vezes-no-rj/250121/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Fazer rir para não chorar – abordagem psicanalítica do humor. Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica. Disponível em: <https://www.apppp.pt/revista/vol-7-n-1-junho-2016/fazer-rir-para-nao-chorar-abordagem-psicanalitica-do-humor_53#:~:text=O%20humor%20%C3%A9%20um%20mecanismo,das%20ilus%C3%B5es%20narc%C3%ADsicas%20do%20Ego.>. Acesso em: 15 out. 2023.

FELITTI, Chico. Elke: Mulher Maravilha. São Paulo: Todavia, 2021.

FERNANDA, Silva. Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/7112>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Folha de S.Paulo - Ator acusa gerente e segurança de banco de preconceito racial – 15/10/97. Uol.com.br. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff151007.htm>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Folha Online – Jorge Lafond estava em depressão e com problemas renais – 11/01/2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u29940.shtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Folha Online — Morre, aos 50, o ator Jorge Lafond, a “Vera Verão” do SBT – 11/01/2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u495825.shtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Galeria Alaska, de “infernhinho” a sede de igrejas evangélicas. Descubra a Essência do Rio | Agenda Bafafá. Disponível em: <<https://bafafa.com.br/turismo/historias-do-rio/galeria-alaska-de-infernhinho-a-sede-de-igrejas-evangelicas>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro – Carnaval de 1985 – Beija-Flor de Nilópolis. Galeria do Samba. Disponível em: <<https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/beija-flor-de-nilopolis/1985/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Galeria do Samba – As escolas de samba do Rio de Janeiro - Carnaval de 1991 – Beija-Flor de Nilópolis. Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/beija-flor-de-nilopolis/1991/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Gay contra Gay. ISTOÉ Independente. Disponível em: <https://istoe.com.br/40948_GAY+CONTRA+GAY+/>. Acesso em: 15 out. 2023.

GORDILHO, MARIO. Monique Lafond. Elenco Brasileiro. Disponível em: <<https://www.elenco-brasileiro.com/2009/02/monique-lafond.html>>. Acesso em: 15 de out. 2023.

História. UFRJ. Disponível em: <<http://www.me.ufrj.br/index.php/instituicao/historia.html>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Homenagem a Jorge Lafond - A Praça é Nossa (2003). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GrvfJlasPkk&ab_channel=ArquivoMarckezini>. Acesso em: 15 out. 2023.

Jorge Lafond é enterrado no Rio de Janeiro | Agência Brasil. Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2003-01-12/jorge-lafond-e-enterrado-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Jorge Lafond conta um pouco da sua trajetória no programa “A Cara do Rio” em 2000. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=10_JHTMbsI&ab_channel=Parasempre%2CJorgeLaffond>. Acesso em: 15 out. 2023.

Jornal da Orla. 11 de março de 1990. Pág. 2. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=890030&pesq=%22Jorge%20Lafon+Madame%20Sat%C3%A3%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=15114>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Jornal do Brasil. 17 de março de 1985. Pág. 45. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pesq=%22jorge%20laffond%22&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=142044>. Acesso em: 15 out. 2023.

LAFFOND, Jorge. Vera Verão: Bofes & Babados. Rio de Janeiro: Star Brazil, 1999.

Lei 6.015 de 1973. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=405803#:~:text=Art.,quil%C3%B4metros%20da%20sede%20do%20cart%C3%B3rio>. Acesso em 15 de outubro de 2023.

MAIA, Helder Thiago Cordeiro. Bob Bacall: uma boneca-pretinha prisioneira da boate Sassaricando. Revista Litteris, 2010.

Manchete. Ed. 2498. Pág. 58. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pesq=%22jorge%20lafond%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=312981>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Marlene Casanova – A Lendária da Alaska. Disponível em: <<https://marccelus.com/marlene-casanova-a-lendaria-da-alaska/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

MELGAÇO, Paulo. Mercedes Baptista – A Criação da Identidade Negra na Dança. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares, 2007.

O GLOBO. Há 30 anos, a Beija-Flor revolucionava o carnaval com “Ratos e urubus”. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/ha-30-anos-beija-flor-revolucionava-carnaval-com-ratos-urubus-23434100>>. Acesso em: 15 out. 2023.

O Pioneiro. 30 de julho de 1992. Pág. 40. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=885959&pesq=%22vera%20ver%C3%A3o%20+%20jorge%20lafond%20+%20fevereiro%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=162459>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Plunct Plact Zuum. memoriaglobo. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/infantojuvenil/plunct-plact-zuum/noticia/plunct-plact-zuum.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

REDAÇÃO CN1 BRASIL. Império Serrano – relembando o desfile de 1991 – “É por aí que eu vou” – CN1 Brasil. CN1 Brasil. Disponível em: <<https://cn1brasil.com.br/imperio-serrano-relembando-o-desfile-de-1991-e-por-ai-que-eu-vou/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

RIO MEMÓRIAS. Beco da Fome - Rio Memórias. Rio Memórias. Disponível em: <<https://riomemorias.com.br/memoria/beco-da-fome/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Sub-registro de Nascimento. TJRJ. Disponível em: <<https://cgj.tjrj.jus.br/sub-registro-de-nascimento>>. Acesso em: 15 out. 2023.

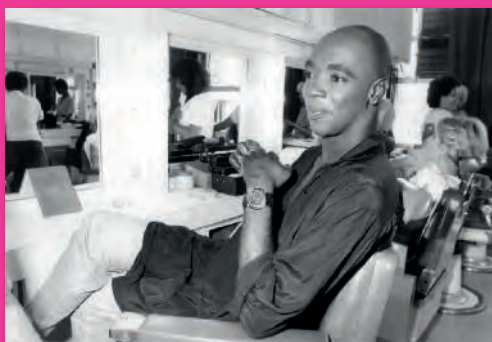
Tribuna da Imprensa. 15 de dezembro de 1997. Pág. 15. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_05&pesq=%22jorge%20lafond%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=45587>. Acesso em: 15 out. 2023.

Tribuna da Imprensa. 29 de novembro de 1999. Pág. 15. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_05&pesq=%22jorge%20lafond%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=57385>. Acesso em: 15 out. 2023.

Tribunal Regional Federal da 3a Região TRF-3 – Apelação Cível: AP Xxxxx-88.2005.4.03.6183 SP | Jurisprudência. Jusbrasil. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/trf-3/896548375>>. Acesso em: 15 out. 2023.

PAPEL DE MIOLO
PAPEL DE CAPA
PÁGINAS

Couché 90 g
Cartão supremo 250 g
164 páginas



Jorge Luiz de Souza Lima, Jorge Laffond ou Vera Verão, são três identidades de uma mesma pessoa. Nesta biografia possível, construída por meio de entrevistas e resgates de jornais desde 1960, a vida e obra de Jorge Laffond, bem como a vida privada de Jorge Luiz de Souza Lima, são analisadas e recuperadas. Negro, homossexual e do subúrbio do Rio de Janeiro, ele se tornou um ícone representativo para as bichas pretas.



1952 – 2003



**Jorge Luiz de Souza Lima —
Jorge Laffond — Vera Verão**